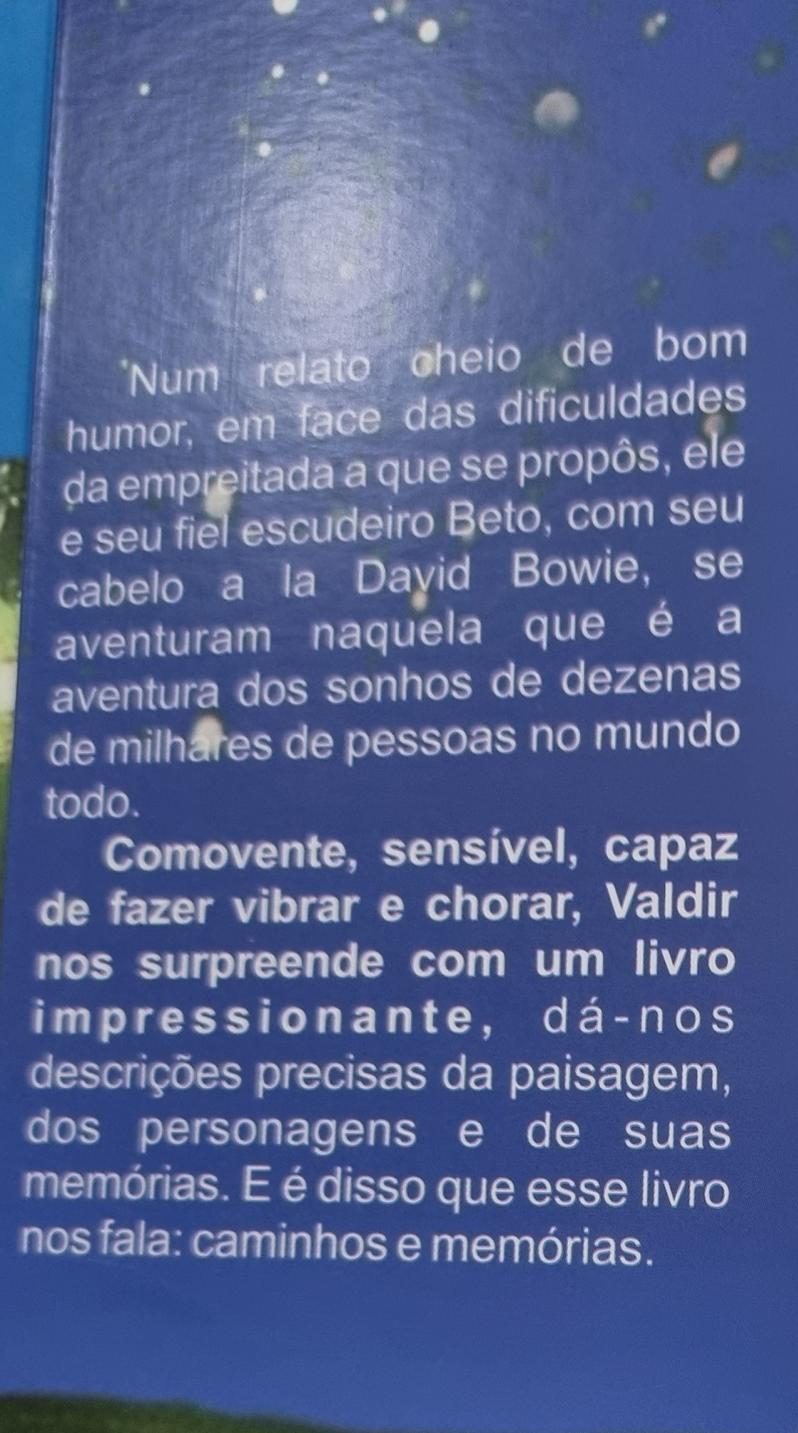
The book cover features a night sky with a large, textured moon in the top left corner and numerous stars of varying sizes scattered across a deep blue background. Below the sky is a rolling green field. The title is written in a stylized, cursive font, with the first part in white and the second part in yellow.

Os Donos do Céu

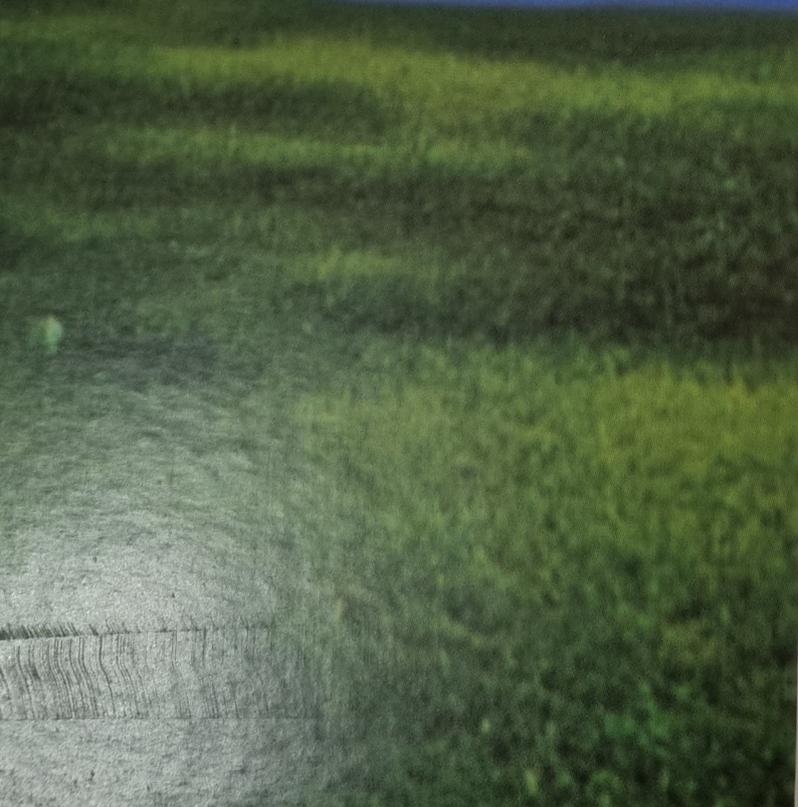
Diário de um peregrino pelo caminho
de Santiago de Compostela

Valdir L. Queiroz



Num relato cheio de bom humor, em face das dificuldades da empreitada a que se propôs, ele e seu fiel escudeiro Beto, com seu cabelo a la David Bowie, se aventuram naquela que é a aventura dos sonhos de dezenas de milhares de pessoas no mundo todo.

Comovente, sensível, capaz de fazer vibrar e chorar, Valdir nos surpreende com um livro impressionante, dá-nos descrições precisas da paisagem, dos personagens e de suas memórias. E é disso que esse livro nos fala: caminhos e memórias.



Valdir Leite Queiroz

Os Donos do Céu

Diário de um peregrino pelo caminho
de Santiago de Compostela

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Q3d Queiroz, Valdir L.
Os donos do céu : diário de um peregrino pelo caminho de Santiago de Compostela / Valdir L. Queiroz. - Goiânia : Terra Azul, 2007.
186 p.
ISBN 978-85-907094-0-4
1. Literatura brasileira. 2. Autobiografia. 3. Santiago de Compostela – peregrinação. 4. Descrição de viagem. I. Título.
CDU: 821.134.3(81)-94

Capa: Thiago Silva

Revisão de texto: Smirna Cavalheiro

Revisão Final: O autor

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão, sem prévia autorização do autor.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-907094-0-4

PEDIDOS:

Leart Livraria, Distribuidora e Editora Ltda

Av. Goiás, 1.505, Centro, Goiânia, Goiás, CEP: 74050-100

E-mail: leart@kelps.com.br

Telefone: (62) 3093-2191

Contato com autor: queiroz.valdir@terra.com.br

DEDICATORIA

- Ao meus filhos Hugo e Tanyla.
- A Minha companheira Adriana, pois não importa os caminhos que eu trilhar, todos me levam sempre a você.
- A você, leitor, que ainda preserva na alma a curiosidade de uma criança e o encanto pelo desconhecido.

A você, que ousa despir-se de preconceitos, idéias preconcebidas, rugas do tempo e compra o ingresso para uma viagem que requer alma de menino, curiosidade de menino e encanto de menino. A estrada desta viagem foi desbravada pelo autor, mas todo o terreno que ela adentra pertencerá à imaginação do leitor. Para cada nome, paisagem, situação e local citado a imaginação do leitor moldará, a seu modo, o ambiente o figurino e a fotografia. Ao autor compete apenas pilotar essa nave chamada imaginação por caminhos suaves, mas que sejam surpreendentes.

Como sou aprendiz nessa arte de pilotar, pode ser que você sinta vontade de saltar dessa nave na primeira estação. Mas pode ser que não. De qualquer modo ficam aqui minhas desculpas sempre que a minha arrogância superar a humildade; a ira superar a paciência; a desesperança superar a esperança e o preconceito superar a ternura.

Boa viagem!

O Autor.

SUMÁRIO

1.	O convite	9
2.	O Diário	10
3.	O caminho.....	12
4.	Entendendo o caminho.....	15
5.	A caminho do primeiro passo.....	21
6.	A primeira lição: dor e cidadania.....	24
7.	Bolo de padaria.....	33
8.	Banho de chuva	36
9.	Cheiro de livro	40
10.	Dom Quixote de La Mancha	48
11.	O burrico e o francês.....	52
12.	O pagador de promessa.....	57
13.	O tratador de bolhas.....	61
14.	Os donos do céu.....	64
15.	O velhinho da bunda de fora.....	71
16.	Solidariedade	73
17.	A sopa de San Juan.....	80
18.	Liberdade.....	85
19.	Tubarão e a onça.....	100
20.	O Hospitaleiro.....	105
21.	O Cajado.....	109
22.	A frase milagrosa.....	111
23.	Peter.....	117

24.	O canto de Bercianos.....	119
25.	Cristine.....	124
26.	Ternura.....	127
27.	A Companheira de viagem.....	131
28.	Galdino, o argentino.....	133
29.	Canto Gregoriano.....	140
30.	Trupe Brasil.....	142
31.	Vitor.....	144
32.	O espião.....	146
33.	Galícia.....	149
34.	Amigos.....	151
35.	Os mochileiros.....	153
36.	“Mad”.....	155
37.	A Turma.....	156
38.	O grito.....	167
39.	O Seqüestro.....	172

PREFÁCIO

Imagino que, assim como na longa ou curta caminhada da vida, cada indivíduo vê a paisagem de um modo diverso do outro; alguns nem se dão a esse trabalho, apenas caminham.

Valdir constrói em “Donos do Céu”, um paralelo interessante, entre viver e caminhar, que no final das contas são o mesmo verbo.

Descrevendo o seu Caminho de Santiago, etapa por etapa, alinhavando aqui e ali lembranças da sua terra natal: Jussara. Vai nos conduzindo sem pressa, bom contador de histórias que é, quase um mineiro! Por que quase mineiro? Uai, em Minas o caldo engrossa, o tempero entranha e os sentimentos cristalizam-se, é onde as coisas podem demorar um pouquinho mais a ficar prontas, mas quando ficam tem um sabor bom demais da conta!

Nem sempre vi Valdir como um mineiro, quando o conheci achei que fosse um apache, talvez Jerônimo. Às vezes, ele ficava horas olhando o horizonte, talvez visualizando a próxima viagem, talvez caçando calangos verdes entre os arrozais de sua infância com o seu cachorro Tubarão. Sempre foi de poucas palavras, compartilhamos esse defeito ou qualidade, depende de onde se está.

Num relato cheio de bom humor, em face das dificuldades da empreitada a que se propôs, ele e seu fiel escudeiro Beto, com seu cabelo a la David Bowie, partiram rumo àquela que é a aventura dos sonhos de dezenas de milhares de pessoas no mundo todo.

Comovente, sensível, capaz de fazer vibrar e chorar, Valdir nos surpreende com um livro impressionante, dá-nos descrições precisas da paisagem, dos personagens e de suas memórias. E é disso que esse livro nos fala: caminhos e memórias.

Não saberia dizer quantas vezes, mochila, nas costas saíamos de Goiânia rumo a Jussara ou vice versa. Mesmo que isso significasse levar mais tempo do que simplesmente pegar um ônibus, não importava. O importante era meter o pé na estrada sempre. A pressa nunca foi uma qualidade de nenhum de nós. Não podíamos ter pressa, havia a paisagem. E nem tínhamos lido ainda João Guimarães Rosa:

“... o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

Quando terminei de ler o livro, fiquei imaginando como na tela do cinema de nossa cidade de anos atrás, Valdir e Beto caminhando sob o sol da manhã e ao fundo se ouvindo a voz inconfundível de Bob Dylan:

*How many roads must a man walk down
Before you call him a man?
The answer, my friend, is blowin' in the wind,
The answer is blowin' in the wind...¹*

Vilmar Barros de Oliveira

¹ Quantas estradas deve um homem caminhar, antes que você o chame de homem? A resposta, meu amigo, está soprando com o vento, a resposta está soprando com vento...

O CONVITE

Quando a cerca de oito anos recebi o convite do amigo Beto para fazer o Caminho de Santiago. Topei na hora, mas a hora não topou.

Os anos se passaram. A vida descaminhou. E a hora ficou para depois. **Nesses oito anos, a vida, por diversas vezes foi onça:**² perdi meu pai, perdi minha mãe; mudei de trabalho, de casa, de peso, de estado civil e de vida, mas mantive os amigos e os fiz de bóia nessa travessia. Durante todo esse período, o sonho de trilhar o caminho viveu como um urso: ora hibernado, ora acordado; ora latente como a batida de um coração, ora mansidão, feito superfície de lago.

Mas tudo na vida tem seu tempo. O tempo do caminho chegou. Em junho de 2006, embarcamos rumo a Saint Jean Pied de Port, pequena cidade francesa, por onde se inicia o Caminho de Santiago. No dia 1º de julho de 2006, depois de 13 horas de vôo, 5 de ônibus e uma de táxi, às 7h15, demos o primeiro dos um 1.600.000 passos, dos 800 quilômetros da caminhada até Santiago de Compostela, na Espanha.

² “Tubarão e a onça”, p. 102.

ODIÁRIO

A vontade de escrever um diário durante o longo caminho de Santiago, é premente em quase todos os peregrinos. Mas assim como o próprio caminho, muitos o iniciam, alguns o percorrem e poucos se deixam percorrer por ele.

Mas um diário é algo muito pessoal, não sendo possível, através dele, narrar nenhum sentimento a não ser o seu. E é por isso que quase toda a narrativa deste diário está na primeira pessoa.

Não encontrei nenhuma grandeza fenomenal no caminho de Santiago e sim nos caminhantes, e é por isso que não narro aqui a grandiosidade das igrejas, nem a fé das irmandades, nem a arquitetura dos castelos. **Narro aqui as pequenas histórias dos personagens que encontrei no caminho e momentos vividos, pois a vida, é feita disso, e de nada mais.**

Mas como a vida é única e singular para cada vivente, haverá momentos em que minha ilusão será maior que a realidade de uma vida métrica, muitas vezes vivida sobre padrões e normas, que nos aprisiona dentro de um mundo tão pequeno quanto um aquário, fazendo nos sentir seguros, porém incapazes de olhar em volta e ver o enorme oceano

que nos cerca. Nessas condições perdemos a capacidade de “temperar” a vida e anulamos o sopro divino que existe em nossa alma: o livre arbítrio.

*Dessa vida quero pouco... quase nada...
Não quero fama, não quero riqueza
Não quero cobertores... nem vestes
Prefiro um sarampo, uma catapora
Que marque meu corpo todinho...
Mas que não deixe rugas em minha alma.*

*Dessa vida quero pouco... quase nada...
Só um alívio no peito... ³*

³ Fragmento do autor.

O CAMINHO

Mas o que é o Caminho de Santiago?

É uma rota de peregrinação que existe a mais de mil anos cruzando toda a Espanha, no sentido do leste para o oeste. A sua história faz parte da formação do continente Europeu, especialmente da França, Portugal e Espanha. Ao longo do seu trajeto de 800 quilômetros e dos 37 dias para percorrê-lo, passamos por 158 cidades e vilarejos e pernoitamos em 34 albergues, de diferentes cidades e vilas.

Reza a tradição que logo depois de Cristo ter sido crucificado em Jerusalém, os seus apóstolos fugiram para várias regiões e continuaram, de forma clandestina, a pregar a sua palavra. Segundo indicam alguns registros históricos, Thiago foi pregar na Galícia,⁴ na época uma província do Império Romano. Pregou por sete anos, mas não conseguiu muitos adeptos e resolveu voltar a Jerusalém. Foi preso e decapitado no ano de 42, sendo os seus restos mortais jogados para fora da muralha da cidade. Rezava a tradição na época que os restos mortais de um pregador deveriam ser enterrados na localidade onde havia pregado.

⁴ Hoje, região de *Lugo* e *La Corunha*.

Dois dos seus seguidores recolheram o seu corpo e durante sete dias navegaram pelo mar até alcançar a Espanha, onde enterraram seus restos mortais em um bosque na região da Galícia.

Muitos séculos se passaram, e, por volta do ano 813, um pastor diz ter visto, várias vezes, uma chuva de estrelas apontar para um bosque na Galícia e, um dia, ao seguir essa chuva de estrelas, descobre um túmulo de mármore. A notícia se espalhou e chegou aos ouvidos de um bispo e, em seguida, aos ouvidos de um rei. O bispo diz que recebeu a revelação divina de que aquele túmulo pertencia ao apóstolo São Thiago. Nascia ali o mito.

O rei manda edificar sobre aquele túmulo uma catedral. Nascia ali a cidade de Santiago de Compostela e o início da peregrinação. **Portanto, há mais de mil anos, milhares de pés caminham por aquelas trilhas.** O que buscam? Dezenas, centenas, talvez milhares de livros já tenham sido escritos tentando explicar esse fenômeno.

Durante os mais de oito anos, esperando pelo momento de trilhar esse caminho, vi e li muitas estórias sobre ele, mas foi somente em La Rioja, na pequena cidade de Najera, depois de nove dias de caminhada, é que encontrei no mural de um albergue uma pista para a resposta:

*Poeira, barro, sol e chuva
é o caminho de Santiago.
milhares de peregrinos
e mais de um milhar de anos.*

*Peregrino quem te chama?
que força oculta te atrai?
não é o campo das estrelas
nem as grandes catedrais.*

*Não é a bravura de Navarra
nem o vinho dos riojanos
nem os mariscos galegos
nem os campos castelhanos.*

*Peregrino quem te chama?
que força oculta te atrai?
não é a gente do caminho
nem os costumes rurais.*

*Não é a história e a cultura
nem o galo de Calzada
Nem o palácio de Gaudí
nem o castelo Ponferrada.*

*Todos me vêm passar
e é um prazer ver a todos
mas a voz que a me chama
está lá no alto...
muito mais longe.⁵*

⁵ Poema de E.G. Baños.

ENTENDENDO O CAMINHO

Antes de iniciar nosso caminho, detalharemos a seguir algumas expressões, situações e particularidades da Espanha e do Caminho de Santiago.

1. **Caminho francês:** existem vários locais de partida para se iniciar o Caminho de Santiago e vários modos de fazê-lo, porém o mais tradicional é a pé, e o mais tradicional dos caminhos é o que se inicia em Saint Jean Pied de Port na França. São 800 quilômetros até Santiago, e foi esse o caminho que percorremos.

2. **As etapas:** geralmente os peregrinos que fazem o caminho a pé dividem o percurso em etapas e, conforme sua disponibilidade de tempo, sua condição física e sua disposição, ele pode ser feito em até 15 etapas. Nós o fizemos em 34, o que dá uma média de 23,5 quilômetros caminhados por dia. Embora algumas vezes caminhássemos etapas de 18 quilômetros e outras vezes etapas de 36 quilômetros.

3. **Caminhada diária:** conforme as trilhas que pegávamos no caminho, fazíamos a média de quatro a cinco quilômetros por hora. Desse modo, caminhávamos de seis a oito horas por dia, em média.

4. **A hora de acordar:** levantávamos sempre entre 5h20 e 5h40, e iniciávamos a caminhada por volta das 6h10 às 7h30.

5. **O melhor horário para caminhar:** todos os dias andávamos cerca de 30 a 60 minutos no escuro da manhã, a fim de chegar mais cedo no destino e não pegarmos o sol e o calor, quase insuportável, depois das 11 horas.

6. **As rotinas:** tínhamos quatro rotinas diárias, as quais procurávamos não quebrar: 1) Passar vaselina nos pés antes de calçar as botas e as meias; 2) Fazer alongamento antes da caminhada; 3) Parar para descansar, de duas em duas horas, retirando as botas e as meias; e 4) Comer nas paradas uma banana e uma maçã.

7. **Albergue:** local onde se hospedam os peregrinos. Quase todas as cidades do Caminho possuem um ou mais desses albergues. Abrem, para acolher os peregrinos, geralmente entre 12 e 14 horas e fecham entre 21 e 22 horas. Ou seja, até esse horário, todos os peregrinos já devem estar recolhidos para dormir. No dia seguinte, a partir das 4 horas da manhã, os peregrinos começam a deixar o albergue e pegar o caminho. Até às 8 horas todos devem partir, quando, então, o albergue fecha para limpeza, a fim de receber o próximo grupo de peregrinos. Existem basicamente quatro tipos de albergues: o da prefeitura, o da igreja, o da Associação dos Amigos do Caminho de Santiago e o particular. Para se hospedar nesses albergues é necessário comprovar, por meio da Credencial del Peregrino, que você está trilhando o

Caminho. O preço varia de um donativo a até sete euros, com exceção do albergue francês em Saint Jean Pied de Port, que cobra doze euros.

8. Credencial del Peregrino: é a sua carteira de identidade “do Caminho”. Ela é fornecida pela associação dos Amigos do Caminho de Santiago e em cada cidade e/ou albergue que você passa ela deve ser carimbada comprovando que você esteve naquele local.

9. Oficina do peregrino: é uma espécie de secretaria da igreja de Santiago, na cidade de Santiago de Compostela. É lá que, ao concluir o Caminho, você apresenta a sua Credencial del Peregrino, devidamente carimbada, e responde a duas perguntas, sendo a primeira: “Você percorreu todo esse trajeto somente a pé e carregando os seus pertences contigo?”, e a segunda: “Você fez a caminhada por motivo religioso, religioso e turístico ou somente turístico?” A resposta para a primeira pergunta deve sempre ser “sim” e para a segunda, caso você responda que o motivo foi somente turístico, no lugar da “Compostelana” você receberá apenas uma declaração. A “Compostelana” é uma espécie de diploma comprovando que você realizou a peregrinação do caminho de Santiago e te dá o direito de ter o seu nome incluído na lista dos que realizaram o caminho. Na missa do peregrino, que ocorre todos os dias, o Padre anuncia a quantidade de peregrinos que chegaram naquele dia a Santiago, de onde eles iniciaram a caminhada e de qual país vieram.

10. **Hospitaleiro:** pessoa responsável pelo albergue, seja ele particular, municipal ou de congregações religiosas. Geralmente são voluntários que se revezam por um determinado período.

11. **Fuso horário:** na Espanha, o fuso horário é de menos cinco horas em relação ao Brasil.

12. **Duração do dia:** o dia na Espanha dura 16 horas: das 6 horas da manhã até às 22 horas, quando o sol começa a se pôr.

13. **Hora da siesta:** em toda a Espanha existe a hora da siesta. Por volta das 14 horas tudo fecha, reabrindo às 18 horas. O que é compreensível pelo longo dia de 16 horas.

14. **Baguete:** pão enorme, variando de 20 a 50 cm de comprimento.

15. **Armário comunitário:** em quase todos os albergues existem nas cozinhas um armário no qual os peregrinos deixam os mantimentos doados que sobram de sua refeição. Desse modo, o peregrino que chega, antes de sair para fazer as compras de mantimentos, olha o que existe nesse armário e só compra o que estiver faltando para sua refeição. O restante dos mantimentos que sobram de sua refeição é novamente doado para o peregrino que passará por ali no dia seguinte. **Uma verdadeira corrente de solidariedade, em que nada se perde.**

16. **Armário privado:** geralmente no mesmo armário comunitário há uma ou duas portas de uso privativo do hospitaleiro. Não é necessário o uso de chave e nem cadeado nesse armário, **basta um simples letreiro escrito “privativo”**.

17. **Donativo:** é um valor que você doa como pagamento pela hospedagem em muitos albergues do Caminho.

18. **Isolante térmico:** espécie de colchonete com um centímetro de espessura, feito de borracha maleável, utilizado como substituto do colchão, na falta deste.

19. **Carreteira:** pista principal.

20. **Setas amarelas:** são as indicações do Caminho de Santiago. **Siga as setas amarelas e você chegará a Santiago.** Nas encruzilhadas, nas curvas, na hora da dúvida, olhe com atenção que você sempre descobrirá uma seta amarela. Ela está nas árvores, nas pedras, nos postes. E quando não encontrá-la, siga o chão batido, pelas marcas das botas dos peregrinos, este é o Caminho de Santiago.

21. **Missa com botafumeiro:** é uma missa especial para os peregrinos. Geralmente em todos os domingos, ao meio-dia, em que durante a celebração um enorme cálice com incenso, sustentado por cordas, é erguido e balançado por padres, sobre os fiéis, soltando bafos de incenso sobre todos.

22. **Concha do peregrino:** é uma meia concha de ostra, simbolizando o seu usuário como peregrino do caminho. É colocada pendurada no pescoço ou em algum ponto da mochila, geralmente na parte de trás. É uma espécie de amuleto a proteger o peregrino.

23. **Beto:** meu companheiro de caminhada. Esposo da Arlete, pai da gatíssima Suzana e do Vinicius - o quase colecionador de latinhas. O Beto foi testemunha de cada passo trilhado e de cada momento vivido. Na sua mente e no seu coração, com certeza, existe um outro diário escrito pelas suas pegadas deixadas em cada palmo daquele caminho, e que não é, e nem será igual a nenhum outro. Mesmo que toda a humanidade faça aquele caminho por milhares de anos, cada um terá suas próprias sensações. E aí está a beleza e o mistério da vida: Cada momento é único e só pertence a você, portanto trate de deixar suas pegadas por aí...

A CAMINHO DO PRIMEIRO PASSO

Quando estávamos na rodoviária de Pamplona, aguardando a hora de embarcar para Roncesvalles, rumo a Saint Jean Pied de Port, para iniciarmos a caminhada no dia seguinte, ficamos por mais de duas horas sentados em bancos espalhados pelo interior da rodoviária.

Sentei-me ao lado da Dona Victoria, que estava aguardando o ônibus para um outro destino. Conversamos um pouco, com as palavras sendo empurradas pelos gestos, e conseguimos nos comunicar. Ao nos despedirmos, ela disse: “Deus te abençoe na sua caminhada e **ore por mim em Santiago**”. Senti uma felicidade que há muito não sentia. Era como se aquela bênção colocasse um manto de proteção sobre minha cabeça...

*Jussara 1976*⁶

– *Bênça, mãe, já tô indo!*

– *Deus te abençoe, meu filho!! Vai com Deus...*

– *Bênça, pai!*

– *Deus te abençoe!! Cuidado com os carros... Eram 4 horas da manhã.*

⁶ Jussara é uma pequena cidade do interior de Goiás, onde nasci e vivi toda a minha infância e parte da minha adolescência.

O Vanderley caminhoneiro⁷ saía de madrugada. Eu tinha dado sorte naquele dia, a carona era na boléia e direto para Goiânia..

*Eu estava feliz: adolescente, mochila nas costas, liberdade no peito, 16 anos na carteira de identidade, a bênção de minha mãe e **uma montanha de sonhos**. O que mais eu poderia desejar!?*

Agora estou aqui, 30 anos depois, do outro lado do oceano, em outro continente: mochila nas costas, liberdade no peito, quarenta e tantos anos na carteira de identidade, a bênção de dona Victoria e **duas montanhas de sonhos**. O que mais eu posso desejar!?

A felicidade só não era maior do que a saudade que senti da bênção de meu pai e da bênção de minha mãe.

*Se eu pudesse novamente viver a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito,
relaxaria mais, seria mais tolo do que tenho sido.*

*Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério.
Seria menos higiênico. Correria mais riscos,
viajaria mais, contemplaria mais entardeceres,
subiria mais montanhas, nadaria mais rios.
Iria a mais lugares onde nunca fui,
tomaria mais sorvetes e menos lentilha,*

⁷ Era famoso entre a nossa turma, pois gostava de dar carona e vez por outra éramos seus companheiros de viagem. Transportava secos e molhados de Goiânia para o Supermercado São Geraldo em Jussara. Morreu na estrada uns quatro anos depois. Seu caminhão caiu de uma ponte, a caminho de Jussara.

teria mais problemas reais e menos problemas imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas que viveram sensatas e profundamente cada minuto de sua vida; claro que tive momentos de alegria. Mas se eu pudesse voltar a viver, trataria somente de ter bons momentos.

Porque se não sabem, disso é feita a vida, só de momentos; não percam o agora. Eu era um daqueles que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um pára- quedas e,

se voltasse a viver, viajaria mais leve. Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono.

Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças,

se tivesse outra vez uma vida pela frente. Mas, já viram, tenho 85 anos e estou morrendo”⁸

⁸ Poema “instantes”, da poetisa americana Nadine Stair. Atribuído erroneamente por muitos, ao poeta argentino Jorge Luis Borges.

Era esse arrependimento que eu sentia, pai e mãe. Devia ter-lhes visitado mais, lhes ouvido mais, lhes abraçado mais.⁹

Em Santiago, orei por dona Victoria.

⁹ Meus pais moravam em Jussara e eu os deixei em 1978. Parti para o mundo. Perdi minha mãe em 2002 e meu pai em 2005.

A PRIMEIRA LIÇÃO: DOR E CIDADANIA

1ª etapa

Saint Jean Pied de Port/Roncesvalles

Sábado, 1º de julho de 2006

Distância a percorrer: 27,1 Km

Distancia já percorrida: Zero Km

Ao chegarmos a Saint Jean Pied de Port fomos à casa de apoio aos peregrinos, na qual registra-se a passagem de todos os peregrinos que partem dali e onde se obtém o primeiro carimbo na credencial do peregrino. Essa credencial é fornecida no Brasil pela associação dos amigos do caminho de Santiago. **Ela é o documento oficial do Caminho**, devendo ser apresentada em todos os albergues em que você pretenda pernoitar, e deve ser devidamente carimbada, comprovando, dessa forma, sua passagem por aquela cidade. Recebemos também mapas, informações diversas, a concha símbolo dos peregrinos e a indicação do albergue para pernoite. O nosso ficava a pouco mais de 200 metros.

Ao entrar, fomos recebidos pelo hospitaleiro, que registrou nossos nomes e nacionalidade. O preço era 12 euros, cerca de 30 reais.

Na mesa onde o hospitaleiro atendia, havia guias, livros, folders e várias notas e moedas de euros espalhadas no centro, compondo um cenário de desordem.

Ao pagar os 12 euros, ele fez um gesto para que eu deixasse o dinheiro sobre a mesa. Coloquei uma nota de 20 euros e pesquei ali, no meio daquela desordem, o meu troco de 8 euros. Ele indicou a escada que subia até os quartos e nós subimos. Imaginei que, na hora em que fui atendido, ele estivesse arrumando o caixa do dia.

Cheguei até o quarto e coloquei minha mochila ao lado da cama e saímos para comer algo, mas já eram quase 21 horas e restavam poucos lugares abertos. Depois de algumas tentativas frustradas, pois alguns restaurantes já estavam fechando, fomos aceitos por um bem pequeno. Observamos que, apesar de Saint Jean estar ali na fronteira da Espanha, a apenas 12 quilômetros, tudo é genuinamente francês, a começar pela fala. O albergue fecha às 22 horas, e, por isso, jantamos rápido e saímos para o abrigo, a fim de tomar banho e dormir. Ao chegar novamente ao albergue, para minha surpresa, continuava lá, espalhado sobre a mesa, aquele monte de notas e moedas de euros. **Definitivamente eu não estava no Brasil.**

Ao lado das nossas camas, além das cinco camas e alguns baús, tínhamos como companheiro de quarto um francês. Após tentarmos nos comunicar em espanhol e não conseguirmos, pois ele não sabia o espanhol e nós quase nada também, juntamos nossos mapas e guias e ele fez o mesmo. Depois de muita mímica e apontar para aqui, apontar para ali no mapa, chegamos à conclusão que ele estava caminhando há cinco dias e que vinha do interior da França. Ele não iria fazer o caminho todo, encerraria em Burgos, a 285 quilômetros dali. Essa foi a nossa tradução, não sei se bate com a dele. O caminho dirá.

Às 7h15, juntamente com um pequeno grupo de americanos, iniciamos o nosso caminho. Apesar de toda informação que dispúnhamos sobre o trajeto de 27,1 quilômetros de Saint Jean Pied de Port a Roncesvalles, ele nos surpreendeu da maneira mais dolorosa possível. Depois de duas horas de caminhada e de uma olhada mais detalhada no mapa do terreno, recebido no dia anterior, só havia uma constatação: dos 27,1 quilômetros, 24 eram somente subida, subida e subida. Subida no asfalto, subida na estrada vicinal, subida nas trilhas do mato, subida nas trilhas das ovelhas e mais subidas. A previsão era de que gastaríamos cerca de cinco horas nesse trajeto mas gastamos mais de nove horas.

Uma das primeiras cenas do caminho que nos chamou a atenção, foi a que em várias mochilas dos peregrinos que encontramos pelo caminho, havia um enorme baguete de pão amarrada em algum ponto da mochila. Não entendíamos para quê.

Quando chegamos ao quilômetro 14, tomamos as últimas gotas da nossa água. Não havia mais água e para comer não havíamos levado nada. A correria do dia anterior aliada ao espírito de aventura, fez a gente imaginar que para percorrer essa primeira etapa, bastava por o pé na estrada. **Pagamos um preço muito alto por isso.** A partir daí, no decorrer de nossa caminhada, encontrávamos peregrinos fazendo a sua ceia, ou seja, comendo uma fruta, um pedaço de pão e se hidratando com algum líquido. Começamos a entender para que eles levavam aquele baguete de pão nas mochilas.

Por volta do quilômetro 18, já bastante cansados, começamos a conhecer de perto os duros sintomas da desidratação. A falta de água sob um sol escaldante, com mais de 10 quilos nas costas, fazendo um grande esforço físico para subir trilhas íngremes, doía muito mais que o nosso corpo podia imaginar. Na boca, já bastante seca, não havia mais saliva e com a secura, até conversar ficava difícil. Passamos a parar cada vez mais e caminhar cada vez menos.

Próximo ao quilômetro 20, a fadiga tomava conta do meu corpo e eu procurava desesperadamente por água. A partir dali, eu já estava decidido a tomar, literalmente, a água do primeiro peregrino que encontrasse no caminho. Depois de alguns minutos, que pareceram horas, avistei ao longe, saindo de uma curva da estrada, um casal de peregrinos caminhando em nossa direção.

“Só pode ser miragem... Eles estão vindo em minha direção... **Peregrinos não voltam de Santiago...** Eles vão para Santiago”, pensei comigo.

Mas será que já estou vendo miragem!? Balancei a cabeça, esfreguei os olhos e os peregrinos continuavam caminhando em minha direção, e agora pude ver mais claramente: vinham com duas enormes garrafas de dois litros, cheias de água, seguradas junto ao peito. Decidi. Miragem ou não, vou pedir água. Se não for miragem, deve ser alguém enviado pelo “Meu Amigo” lá de cima. Se bem que acho meio cedo para fazê-lo uma visita, murmurei para meus pensamentos.

Suspirei fundo e disse em tom de súplica:

– Por favor, de-me um “poquito” de água!!

– Água!?! Lá está “la fuente!”, respondeu, apontando para trás, onde foi possível ver, do canto da estrada, uma enorme fonte rodeada de peregrinos.

Esbaldamo-nos na fonte feito criança faminta em peito de mãe.

As cicatrizes, por falta de água, ainda permaneceram pelo céu da minha boca e pela minha laringe por vários dias, e, ao beber ou comer alimentos gelados ou quentes, além da dificuldade de engolir, a dor era grande.

Chegamos a Roncesvalles, semivivos, semimortos. Entramos no albergue, desfizemos as malas e fomos procurar por comida.

Existem dois restaurantes na cidade e ambos estavam fechados. Era hora da siesta, comida mesmo só depois das 19h30. Porém, o bar estava funcionando. Sentamos na varanda. O garçom informou que tinha dois tipos de petisco, ambos de nomes estranhos. Como a fome era muito grande, perguntamos qual era o maior, ele respondeu outro nome estranho, e nós falamos é esse mesmo, o maior, e abrimos os braços todo indicando o tamanho da nossa fome.

– E para beber? – perguntou ele. Silêncio no ar. Eu olhei pro Beto, o Beto olhou pra mim, eu olhei para um papel que o cliente anterior havia esquecido na mesa e vi escrito: refresco = 2 euros.

– Pra tomar refresco, queremos refresco! – disse eu.

– Grande ou pequeno? – indagou o garçom.

– Grande!! – respondemos em coro e abrimos os braços ao máximo, indicando o tamanho.

– Qual sabor? – indagou o garçom. Eu olhei pro Beto, o Beto olhou pra mim...

– Coca? – sugeriu o garçom.

– Coca, sim coca! – respondemos.

Enquanto aguardávamos, vimos que refresco é o mesmo que refrigerante, portanto nós tínhamos pedido coca-cola.

Passou-se meia hora e o garçom trouxe o nosso pedido. Pelo tamanho do bague de pão que ele trouxe, ele entendeu direitinho, o tamanho da nossa fome: media, cada um, cerca de meio metro, recheado com algo do tipo salame e queijo. Porém, tinha um problema: ele não tinha trazido o refrigerante, mas disse que já estava providenciando.

Ficaram ali, sobre a nossa mesa, aqueles dois pães gigantes, sendo admirados por quem passava e sem a possibilidade de serem comidos, pois **comer aqueles pães só com saliva, nem nos áureos tempos de saliva abundante nós conseguiríamos, imagine agora, com a boca toda esfolada.**

Enquanto o refrigerante não chegava, ficamos ali pagando aquele mico e arranhando a imagem do Brasil. Porém, nossa preocupação logo se desviou para outro mico maior: se o pão era daquele tamanho e nós tínhamos pedido uma coca-cola grande para cada um, e na hora do pedido ainda fizemos gestos, abrindo os braços ao máximo, no sentido de grande,

era muito provável que ele trouxesse uma coca-cola de dois litros para cada um de nós!!?

Se isso ocorresse, eu já estava com o plano armado: esconderíamos uma, de imediato, debaixo da mesa.

Passou um minuto... dois... três... quatro... cinco... e eu não agüentei: levantei-me da cadeira, entrei no bar, fui até o balcão. Quando o garçom me viu, apontou para uma garçonete que despejava coca-cola em dois copos com gelo, e disse: já está indo. Respirei aliviado, eram cocas em lata de 330 ml.

Dos pães gigantes não sobrou nada. Mas, “comida por hoje chega”, pensei comigo.

Depois desse episódio e saciados com exatos meio metro de pão, voltamos ao albergue para tomar banho e dormir.

Por volta das 20h20, quando estávamos na porta do albergue, de banho tomado, chegaram as duas últimas americanas do grupo, que partiram conosco de Saint Jean Pied de Port, portanto, treze horas depois da partida. O estado das duas era deplorável e senti na alma o quanto esse percurso tinha sido difícil para elas. Eu o fiz em nove horas, mas o caminho tirou todas as energias do meu corpo e um pouco também da energia da minha alma. **Até meus pensamentos estavam cansados.**

No início do caminho, em Saint Jean Pied de Port, fomos entregues um mapa detalhado de todo esse percurso de 27,1 quilômetros. Saímos de uma altitude de 240 metros e 21 quilômetros depois, estávamos a 1.440 metros de

altitude, passando por asfalto, trilhas de cascalho, pedras e lama. Recordo-me que, ao chegarmos no ponto chamado Orisson, a 770 metros, o meu desgaste já estava no limite, e, ao olhar o mapa, imaginava que já estivesse chegando, pois a partir daquele ponto eu julgava que não tinha mais energia para andar nem mais um quilometro. No entanto, o mapa era claro: estávamos a 7 quilômetros da partida e teríamos que andar mais 14 quilômetros na subida, até atingir 1.440 metros, para, depois, iniciarmos a descida de 6,1 quilômetros até Roncesvalles.

Esse percurso é tão difícil que muitos peregrinos vão de carro até esse ponto, e somente a partir dali iniciam sua caminhada.

A vida já havia me ensinado, algumas vezes, que a distância entre imaginar a dor e senti-la é **“medida de astrônomo”**. É por isso que ela, vez por outra, tira-nos da platéia e nos joga no palco para que saibamos medir, com um pouquinho mais de ternura, a dor do próximo.

Nesse pequeno percurso de 27 quilômetros, por várias, vezes fui obrigado a mudar o tipo de amarração das minhas botas, os ajustes da mochila, a posição de alguns objetos dentro da mochila e até mesmo a posição dos braços ao caminhar. Com isso ficou bem claro para mim quem manda em quem, e quem é dono de quem.

É o caminho que determina como você deve amarrar sua bota, como você deve carregar sua mochila, que tamanho deve ter o teu passo e a hora de parar para descansar. Todas essas lições foram aprendidas depois de muita dor, suor e desconforto. Porém, para mim ficou

bem claro: não é o caminho que pertence ao peregrino, é o peregrino que pertence ao caminho.

Esse episódio trouxe-me a lembrança do poeta francês, Victor Hugo, que em um de seus poemas, falando dessa relação, de quem pertence a quem, ele traça um paralelo entre o homem e o dinheiro e pede para o homem, de tempos em tempos, separar um pouco do seu dinheiro, colocá-lo sobre uma mesa, olhar firmemente para o mesmo e repetir:

“Eu sou seu dono! Eu sou seu dono! Eu sou seu dono!”,
para que fique bem claro, **quem é o dono de quem.**

BOLO DE PADARIA

2ª etapa
Roncesvalles/Zubiri
Domingo, 2 de julho de 2006
Distância a percorrer: 22 Km
Distancia já percorrida: 27,1 Km

Não dormi bem, a garganta e a laringe incomodaram muito, resultado da caminhada de ontem, no entanto, não tive febre.

Levantamos por volta das 6 horas e iniciamos a caminhada às 7h20 em direção a Burguete, que fica a 3 quilômetros, onde pretendíamos tomar o café da manhã. O bar que serve o café, aqui de Roncesvalles, só abriria às 9 horas.

A partir daqui comecei a sentir falta de uma padaria, ou melhor, falta de um bolo de padaria. Até então, eu ainda não tinha sido apresentado a ele, nem ele a mim, e já tinha se passado quatro dias. Certa vez, ao digitar o meu perfil em um site do Orkut, havia uma pergunta: quais suas paixões? Respondi de pronto: **bolo de padaria, banho de chuva e cheiro de livro, necessariamente nesta ordem.**

Em Burguete, conheci Magdalena. Foi amor à primeira mordida. A partir de então, todos os dias ela estava comigo. Ao clarear do dia, ao dirigir-me à mesa

do café da manhã, meu primeiro olhar era para ela. Quase sempre, no trajeto de uma cidade a outra ela estava a me acompanhar. Não era assim, nenhum bolo de padaria, mas era parente bem próxima...

Jussara, 1964

“...Eu era ainda bem criança. Morávamos em uma chácara na cidade de Jussara. Meus pais eram retirantes nordestinos. As únicas “guloseimas” que eu conhecia eram tapioca, beijú e pão de milho, todos feitos artesanalmente pela minha mãe. Até que um dia ela foi visitar sua comadre Zilá, na cidade, e me levou junto. A comadre serviu um café com uns pedaços de bolo. Minha mãe comentou:

– Que bolo gostoso, foi você que fez?

– Não, é bolo de padaria – respondeu a comadre.

Pronto! Estava gravado para sempre na minha mente o nome e a fonte da coisa mais deliciosa que eu já tinha comido por toda minha existência de quatro anos de vida.

A minha mãe percebeu o estado de êxtase em que eu fiquei comendo aquele pedaço de bolo, e dali pra frente ela soube como ninguém extrair de mim, tudo que queria ao me fazer sonhar com um pedaço de “bolo de padaria”¹⁰

Depois de caminhar uns nove quilômetros, a garrafa de água do Beto chegou ao fim, e ele avistou um fio de água que passava por baixo de um aterro.

¹⁰ “Bolo de padaria”, fragmento do autor.

A água estava límpida, porém tinha muitas impurezas em suspensão. Lá no alto podíamos avistar uns galpões grandes, mas que não dava para identificar bem o que era devido à distância. A água parecia vir de lá.

Beto pegou a bandeira do Brasil e a colocou na bica para filtrar a água. No início a água ficou retida na parte de cima, mas logo a bandeira umedeceu e a água saiu do outro lado, sem nenhuma impureza.

Aquela cena da bandeira do Brasil retendo as impurezas da água me fez divagar. **Já pensou se a nossa bandeira tivesse o poder de filtrar os corruptos do Brasil?** Pegaríamos uma bandeira enorme e a passaríamos sobre os três poderes de Brasília e, do outro lado da bandeira, sairiam cidadãos preocupados em melhorar as condições de vida dos milhões de miseráveis desse país...

Estava ainda divagando sobre o assunto, quando nos aproximamos dos galpões que havíamos avistado. Era um frigorífico de suínos e a água, que havíamos filtrado, vinha dali. Portanto, apesar da bandeira ter retirado as impurezas em suspensão, a essência da água estava contaminada. Voltei meus pensamentos para Brasília e concluí: não adiantaria filtrar os políticos, pois os que saíssem do outro lado estariam tal qual a água – contaminados por anos de omissão frente às quadrilhas formadas por seus pares. Voltei meus pensamentos para a estrada, uma subida íngreme e pedregosa nos esperava logo à frente.

BANHO DE CHUVA

3ª etapa
Zubiri/Pamplona
Segunda, 3 de julho de 2006
Distância a percorrer: 21 Km
Distancia já percorrida: 49,1 Km

Mais uma vez não dormi bem, a garganta e a laringe incomodaram bastante e acho que tive febre. Preciso procurar um médico em Pamplona.

Havia chovido à noite e uma garoa fina, ao longe, salpicava o horizonte, entremeada por raios tímidos de sol, formando um enorme arco-íris que, como uma auréola de santo, moldava uma visão inesquecível do gigantesco horizonte à nossa frente. Imensos trigais estendiam-se por todos os lados. Uma brisa matinal bailava sobre meus cabelos e os faziam dançar ao leve sabor do vento.

Apesar de toda essa beleza, algumas nuvens baixas, bem ao longe, escureciam parte do céu à nossa esquerda, mas o nosso mapa indicava que o caminho era mais para a direita, onde o horizonte estava mais claro. Senti vontade que o caminho fosse mais para a esquerda, onde o prenúncio de chuva era maior...

Jussara, 1964

“...O tempo começava a escurecer. Alguns trovões roncavam no céu. Mulheres corriam alvoroçadas para recolher a roupa do arame...” ¹¹

A partir daqui começamos a perceber a incrível capacidade de adaptação do nosso corpo frente a situações adversas. Na rotina diária de passar vaselina nos pés, senti a fina pele da sola do pé mudar para uma pele mais grossa e resistente, o que era extremamente necessário devido à dura jornada diária.

Chegamos a Pamplona por volta das 14h30 e encontramos um albergue muito bom, cujo hospiteiro era um francês. **A dor de garganta e a laringe continuavam a incomodar muito.** Resolvi procurar um médico. O pessoal do albergue nos deu o endereço do hospital municipal e seguimos, o Beto e eu, para lá.

O hospital ficava no centro da cidade. Eu não sabia direito como seria atendido. Ao chegar à recepção, mostrei meu passaporte para a atendente e, mais uma vez, com as palavras empurradas pelos gestos, eu me fiz entender.

Ela preencheu uma ficha colocou o número do meu seguro, feito no Brasil, e, logo em seguida, preencheu uma guia de pagamento onde pude ver o valor preenchido na ficha: 71,76 euros.

- Pago aqui? – perguntei.
- Não, você não paga aqui – respondeu a atendente.
- Onde faço, então, o pagamento? – perguntei.

¹¹ “Banho de chuva”, fragmento do autor.

– Primeiro você vai ser atendido e depois você cuida disso pagando no banco.

– Mas os bancos já estão fechados e como estou peregrinando para Santiago, parto amanhã cedo...

– Não se preocupe você paga qualquer dia, em qualquer banco e em qualquer lugar dentro da Espanha, pois assim o hospital recebe de você e você recebe da seguradora.

Fui atendido por uma médica que me fez algumas perguntas e eu respondi mais com gestos que palavras. Ela solicitou uma radiografia da face para ver se tinha infecção. Fiz a radiografia no mesmo local, em uma sala do outro lado do corredor e dez minutos depois fui novamente atendido já com o resultado da radiografia. Ela analisou, chamou outro médico para ver e depois me medicou. Disse que não era nada grave, mas que aquela infecção devia estar me incomodando muito e, por isso, receitaria um antibiótico para eu tomar três vezes ao dia, com comida ou leite.

O antibiótico não era em comprimidos, e sim em pó granulado dentro de saquinhos de sachê.

Chegando ao albergue, coloquei o remédio em um copo, com um pouco de água. Não tinha leite. Mexi bastante, pois o mesmo parecia não dissolver. Tomei-o assim, meio granulado ainda. **Tinha um sabor muito ruim, um pouco ardido, um pouco amargo, um pouco triste.**

Já fui imaginando uma maneira de tomá-lo no dia seguinte e me convenci que com leite ele não deveria ser tão ruim.

Na manhã seguinte, abri meu sachê de remédio, peguei um copo e, por precaução, coloquei só um pouquinho de leite, pois assim tomaria só de um gole. Ao mexer o remédio

no leite percebi que o mesmo não dissolvia. Enfiei o dedo no copo e vi que o leite estava gelado. Imaginei que fosse por isso que o remédio não dissolvia. Perguntei ao francês, hospiteiro do albergue, se eu poderia aquecer o leite no microondas. Ele não entendia o que era “aquecer” e, através de gestos, meu e dele, chegamos a um acordo.

Ele me apontou um aparelho, parecido com uma garrafa de café, de onde saia um cabo de força ligado na tomada de uma parede – era um aquecedor portátil. Apertou um botão e acionou o aparelho. Fiquei na porta aguardando, imaginando que dentro daquele aquecedor tivesse leite. Ledo engano.

Daí uns três minutos, o aparelho desligou-se, aí então, ele me pediu o copo, abriu um sorriso enorme, eu idem. Inclinou aquele aparelho, que saia fumaça pelo seu bico, sobre meu copo de leite e despejou... água quente!? Isso mesmo, água quente até a borda! Abriu outro sorriso maior ainda, eu idem, por educação, é claro, pois minha vontade era ofender a senhora sua mãe. Saí prá sala e hesitei entre jogar fora aquele copo de leite diluído com água quente ou toma-lo. Afinal meu remédio estava lá dentro, eu não podia desperdiça-lo. **Melhor desperdiçar meu humor.** Tomei o remédio.

CHEIRO DE LIVRO

4ª etapa
Pamplona/Puente La Reina
Terça, 4 de julho de 2006
Distância a percorrer: 24 Km
Distancia já percorrida: 70,8 Km

Logo depois de o francês ter-me sacaneado, colocando água no meu leite, sentei em um banco na porta do albergue, enquanto aguardava o Beto para iniciarmos nossa caminhada.

Ao longe, do outro lado da praça, que ficava em frente ao albergue, passei a acompanhar, com o olhar, os passos de dois garotos com suas lancheiras escolar sobre os ombros...

Jussara, 1967

“...Há duas semanas que ‘Chico Florzinha’¹² – que era diretor, secretário, bedel, merendeiro, faxineiro, guarda noturno, dono da escola e professor – vinha prometendo entregar o livro de alfabetização.

Todas as manhãs eu saía para a escola sonhando com aquele livro – eu nunca tinha visto um livro. Só o livro de Dona Ana de Seu Zé Pernambuco, – pai de Pinto e Chico Pernambuco.

² Era assim conhecido devido a seu modo sempre educado, cordial e delicado de tratar as pessoas. Coisa estranha para o povo daquele minúsculo e rústico vilarejo no poeirento ano de 1967.

Ela o escondia debaixo do colchão da sua cama e dizia que aquele era o livro de Deus. O mais bonito do mundo. Um dia eu perguntei pra ela se aquele livro era mais bonito que as matas e as onças que Chico Pintor desenhava na parede do açougue de Joaquim Paraíba – pai de Luiz, Deoclécio e outros. Ela respondeu que nem tinha comparação. Aquele livro era muito, muito mais bonito. Porém, aquele livro não era coisa de menino. Era coisa de Deus, que tudo vê. E Deus castigava quem mexia nas coisas Dele. Eu já tinha visto, de soslaio, ela folheando aquele livro algumas vezes e nunca tinha percebido tanta boniteza assim. Mas ele tinha tantas folhas!

O medo de Deus era grande, mas minha curiosidade de menino também. Depois de muitas tocaias esperando Dona Ana descuidar-se daquele livro, o dia chegou. O tempo escureceu prenunciando chuva e Dona Ana saiu rumo ao rio para buscar a roupa estendida no arame.

*‘Essa era a hora’, pensei comigo. Adentrei pela porta da sala e fui em direção ao quarto, que ficava à minha direita. Como por instinto, parei na porta, já com o coração disparado. Vasculhei, com o olhar, todo o ambiente do quarto. Dona Ana tinha ido buscar a roupa no rio. Mas e se Deus estivesse vigiando o seu livro? Ele tudo vê! E se era coisa de Deus, melhor eu não mexer! **Durante alguns eternos segundos o medo de Deus travou uma dura batalha com minha curiosidade de menino. O menino venceu.***

Com as pernas trêmulas e o suor descendo pela minha face, levantei a ponta do colchão. Neste exato momento

um trovão ecoou no céu. Sai como um raio de dentro do quarto e fui parar do outro lado da rua atrás de uma carroça quebrada, dentro do curral de Seu Rogério Crispim – pai de Paulo, Pedro, João e uma menina branquela. ‘Deus tinha me descoberto’, pensei, ainda trêmulo atrás da carroça.

Uma forte chuva caiu em seguida com trovões roncando cada vez mais perto. Antes de a chuva acabar, eu já estava dentro dela, correndo pelas poças de água e acompanhando a corredeira até ao rio, com um bando de moleques. Enquanto isso, minha mente de moleque já arquitetava outro plano para folhear o livro de Dona Ana, ou seria o livro de Deus? Não importa, só não poderia ser em dia de chuva.

Uns 15 dias se passaram quando um dia, de manhã, céu limpo e claro, Dona Ana saiu com minha mãe para visitar Zefinha de Sutero.

*Abri a tramela da porta do fundo e adentrei a casa de Dona Ana. Era um dia claro e a luminosidade do quarto era muito melhor que aquela do fático dia do trovão. Mesmo assim, o coração voltou a acelerar e mais uma vez a batalha entre o medo e a curiosidade foi travada. Levantei lentamente a ponta do colchão, olhando para todos os lados. De repente um pensamento veio a minha cabeça: E se Deus for invisível e estiver me olhando!? Soltei bruscamente a ponta do colchão, mas me mantive ali. **Na verdade, o duelo entre o medo e a curiosidade nunca tinha terminado.** Ora o medo ganhava, mas no minuto seguinte a curiosidade o vencia. E nessa disputa constante, quando dei por mim, já estava com o livro nas mãos.*

Sentei na beirada da cama e comecei a folheá-lo. Então esse era o livro de Deus? Onde estava a boniteza desse livro?

Só tinha uns traços pretos, esquisitos, que minha irmã, Elza, tinha-me dito, certa vez, que esses traços esquisitos eram letras. Voltei a folhear, ainda trêmulo, folha por folha e não encontrei nada. ‘Dona Ana era uma mentirosa’, pensei comigo.

Mas gente grande não mente! Questionei-me de imediato, lembrando do Zuca Marceneiro, casado com a filha de Dona Talina. Quando eu ia atrás da sobra de um pedaço de madeira para fazer um caminhãozinho com o Osmarino de Seu Odílio, ele quase sempre falava que não tinha resto de madeira e eu dizia que ele estava mentindo, pois eu estava vendo sobras de madeira. Ele então respondia:

*- Isso não é sobra de madeira! Isso é parte do móvel que eu estou fazendo. E complementava: **eu já te falei várias vezes, gente grande não mente, não pega sarampo, não pega catapora e nem peida, isso são coisas de menino!***

Quanto a gente grande não mentir, eu tinha minhas dúvidas, mas quanto a gente grande não peidar, era uma das minhas verdades de menino. Pois se sarampo e catapora só dava em menino, como minha mãe já havia me dito, peido também podia ser coisa só de menino. Se bem que isso eu nunca tive coragem de perguntar pra minha mãe. Porém, a minha certeza maior estava no fato de que todas as vezes que nós, meninos, estávamos no meio de gente grande e o cheiro do ar se deteriorava, algum adulto logo dizia:

- Foi qual de vocês, hein moleques!?

A gente saía de fininho, uns acusando os outros, mas com uma certeza: eles não foram. Gente grande não peida. Só pode ter sido Tubarão ¹³, eu pensava baixinho.

¹³ Leia “Tubarão e a onça”, p. 100.

Meses depois, minha decepção com o livro de Dona Ana e de Deus ainda era latente na minha mente quando fui, pela primeira vez, à escola.

Chico Florzinha, nosso professor, disse no primeiro dia de aula que receberíamos na semana seguinte o livro de alfabetização, e que ele era muito bonito, meus olhos brilharam e perguntei se ele era bonito como as matas e as onças que o Chico Pintor desenhava. Ele respondeu que sim e que não havia somente matas e onças, havia pássaros, frutas e gente.

No primeiro dia da terceira semana de aula, o Chico Florzinha deu a notícia que eu vinha sonhando há semanas: o livro de alfabetização tinha chegado e seria entregue no dia seguinte.

*Finalmente havia chegado o dia. **Eu ia provar pra Dona Ana que o ‘meu’ livro era muito mais bonito que o livro dela e de Deus.***

O grande dia chegou. Chico Florzinha pegou o pacote de livro, ainda lacrado, e começou a abri-lo em cima da mesa. Eu estava ali, na primeira fila, hipnotizado. Em seguida, foi chamando os alunos – em ordem alfabética – um a um e entregando seu livro. Eu fui o último a ser chamado. Era um livro novinho, de capa amarela. Tinha um cheiro inconfundível de esperança...”¹⁴

Estávamos receosos nessa etapa, pois iríamos enfrentar o Alto Del Perdon, tão falado e temido nas conversas dos albergues.

¹⁴ “Cheiro de livro”, fragmento do autor.

Na saída de Pamplona, em nossa caminhada silenciosa, com a cidade ainda dormindo, o silêncio foi quebrado:

– Brasil!!... Brasil!!

Alguém gritava a nossas costas. Deve ter nos identificado pelas bandeiras que tínhamos sobre a mochila nas nossas costas. Eram 6h50 da manhã. Um cidadão vestido com roupas claras, rechonchudo, com uma alegria incontida, atravessou a rua, correu até nós e nos abraçou dizendo:

– Hermanos!!... Somos hermanos, eu sou do Chile... somos hermanos... estou aqui há oito anos, mas sou do Chile.... – dizia ele esbaforido. Nós o abraçamos e compartilhamos com ele toda aquela alegria incontida.

– Vão com Deus, bom caminho!! – disse com um sorriso tão grande quanto a felicidade de encontrar dois irmãos desaparecidos... e então ele nos deixou prosseguir.

Pouco depois de Cizur Menor, por volta do oitavo quilômetro, já próximo à Zariquiegui, em uma subida íngreme, avistei três senhoras vindo em sentido contrário, fazendo caminhada. Uma delas me acenou de longe e disse:

– Oh! Mas és tu, peregrino!! – e abriu um sorriso enorme.

Eu então a reconheci. Era a médica do hospital municipal que havia me medicado no dia anterior. Ela perguntou como eu estava e se tinha passado bem a noite. Depois, desejou-me bom caminho e, **com um olhar de compaixão, talvez por conhecer as dores do meu corpo como eu**, completou:

– Vai com Deus e te cuida peregrino!

Esse encontro foi como um sopro divino acalentando minha alma, e dando-me forças para esquecer o Alto Del Perdon, que estava quatro quilômetros adiante.

Encontrar aquela médica agora no meu habitat: o caminho; e ela fora do seu habitat: o hospital, seria obra do acaso? Para mim nunca existiu o acaso. Milagre, então!? Claro que não. Foi apenas mais uma mãozinha Dele, que, se comparada com as vezes em que me carregou no colo, não passou de um afago rotineiro.

Depois de uns dois quilômetros de caminhada, perdido em meus pensamentos, ouvi ao longe:

– Brasileño! Brasileño!! – alguém gritava.

Olhamos para trás e tentamos identificar quem era aquele peregrino que a plenos pulmões gritava, agitando os braços e correndo em nossa direção.

– Brasileño!... Brasileño!... Espera!

Pela manta esvoaçante que trazia sobre a cabeça para se proteger do sol, o identificamos: **só podia ser o Serafim**. E era.

Parou junto de nós, retirou a mochila das costas e com as mãos pôs-se a procurar algo em todos os bolsos da mochila. O que seria? Beto e eu não entendíamos nada. Como não encontrou o que procurava nos bolsos da mochila, abriu e despejou todo o seu conteúdo no chão. Lá estava a micro lanterna do Beto, que até então não havia percebido que a tinha esquecido no albergue anterior, onde o Serafim foi nosso parceiro de beliche.

Estávamos a menos de um quilômetro do temível Alto do Perdon, mas a companhia agradável do francês Serafim, aliada ao nosso bom astral, pelos três acontecimentos

inesperados desta manhã, foram suficientes para escalá-lo sem nenhum trauma.

O resto do percurso foi tranqüilo e, por volta das 14 horas, chegamos a Puente La Reina. Lá encontramos o brasileiro Natal. Como os restaurantes só abririam às 19 horas, o nosso amigo Natal, morador de São Paulo, natural do Ceará, e residente na França há mais de dez anos, onde era chefe de cozinha de um restaurante francês, propôs fazermos umas compras em um mercadinho e prepararmos um macarrão com molho e ervilhas.

Conversamos bastante durante o almoço/jantar. Ele estava saindo de um casamento de 28 anos, tinha sido traído, estava em busca do seu “eu” e por aí vai. Trocamos e-mails e ficamos de manter contato durante o caminho. Ele estava seguindo um roteiro bem mais veloz do que o nosso. No dia seguinte, iríamos até Estella, a 22 quilômetros e ele pretendia ir até Azqueta, a 29 quilômetros.

Passeamos pela cidade e comprei um livro detalhado sobre o caminho.

Depois de três dias de caminhada, logo depois da primeira hora de caminhada deste percurso, a companheira de viagem de muitos peregrinos, apresentou-me as suas credenciais. Chegou devagar, na surdina, tímida, e instalou-se sobre meu ombro esquerdo.

– Olá muito prazer, **eu sou a Senhora Dor**. E estendeu-me as mãos. Fugi do seu abraço, mas não tive como escapar do seu olhar.

DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

5ª etapa

Puente La Reina/Estella

Quarta, 5 de julho de 2006

Distância a percorrer: 22 Km

Distancia já percorrida: 94,1 Km

Sáimos bem cedo. Continuo a tomar o antibiótico e, aos poucos, a infecção na laringe vai cedendo.

Chegamos a Estella por volta das 14 horas e fomos direto para o albergue. Pegamos muito sol neste trecho e a Senhora Dor me acompanhou por muitos quilômetros.

Pelos nossos planos, pretendemos folgar um dia aqui, ou seja, vamos dormir hoje, descansar amanhã e depois de amanhã, partir bem cedo para Los Arcos.

Fizemos uma revisão em nossos “mapas de navegação” e em função do nosso ritmo, a partir dessa parada, tínhamos duas opções: ou mantermos o ritmo forte planejado, a partir daqui, ou seja, fazer o percurso em 29 etapas e chegar a Santiago no dia 3 de agosto, sete dias antes do nosso vôo para o Brasil, ou diminuir o ritmo para 34 etapas para chegarmos a Santiago no dia oito com apenas dois dias de antecedência do nosso vôo para o Brasil. Optamos por diminuir o ritmo, ou seja, fazer o caminho em 34 etapas.

Aproveitei a folga para assimilar os recados do caminho e estudar um meio de divorciar-me da minha companheira de viagem: a Senhora Dor. Estudei detalhadamente seu perfil, e, julgando-me já profundo conhecedor da mesma, tracei meu plano de divórcio: doe para o albergue tudo que até então eu não tinha utilizado nessas cinco etapas de caminhada, se bem que ainda faltavam 29. Mas se não precisei em cinco, talvez não precisarei em 29, raciocinei. Depois despachei, via correio, para recolher quando chegássemos a Santiago, mais de dois quilos de “supérfluos”. Minha mochila reduziu-se a três bermudas, quatro camisetas, três cuecas, três pares de meia e $\frac{1}{4}$ de toalha de rosto, com função de toalha de banho. Como o peso máximo indicado para a mochila do peregrino, é de dez por cento do seu peso corporal, a minha mochila poderia ter no máximo sete quilos, e ela estava com mais de dez quilos.

Depois dessa limpeza forçada, imaginava conseguir o divórcio da minha companheira de viagem.

Ledo engano.

Como iríamos descansar aqui em Estella, conversamos com o hospitaleiro para que pudéssemos ficar esse dia a mais no albergue. Ele concordou. Porém, o albergue fecha das 8 às 12 horas para a limpeza. Tivemos de desocupá-lo.

Sáimos e ficamos vagando pelas ruas, pois o comércio só abre às 9 horas. Resolvi voltar para pegar a câmara fotográfica a fim de descarregar as fotos. A porta estava fechada e o Beto aconselhou-me a não tentar entrar, pois o

hospitaleiro provavelmente estaria limpando o albergue e não abriria a porta para entrarmos.

A porta estava fechada e trancada. Bati, esperei... Bati de novo, esperei... O Beto, de longe, só observando ressabiado. O hospitaleiro, um senhor de estatura enorme, abriu a porta resmungando e perguntou:

– O que queres tu? Não vês que estamos trabalhando?

– Apenas preciso pegar um documento que esqueci, para despachar pelos correios – menti desconfiado.

– Se entra e sai, entra e sai como podemos trabalhar? – falou ele irritado.

– Está bem. É somente esta vez – respondi.

Entrei peguei o que precisava e o Beto ficou longe da porta com medo de, também, ser alvo daquela descompostura que o hospitaleiro me deu. Ao sair ele bateu a porta às minhas costas e resmungou um monte de coisas. Com certeza algumas impropriedades já que eu não entendi quase nada do que ele disse, porém o seu mau humor acompanhado de seus gestos diziam tudo.

Na volta do nosso passeio, quando caminhávamos por aquelas ruas do século XI, a uns cem metros do nosso albergue, ouvimos alguém nos chamar com um psiu. **Era uma voz feminina e um psiu em forma de súplica.** Depois do terceiro ou quarto chamado conseguimos localizar de onde vinha a voz. Ao olharmos para o alto, localizamos uma jovem senhora loira, cabelos despenteados, debruçada no parapeito de uma janela protegida por grades, acima de nossas cabeças.

Ela suplicava:

– Subam até aqui, me ajudem – e apontava para a porta de baixo que dava entrada para a casa. Ficamos por alguns segundos sem ação, mas quando já caminhávamos para a porta, a fim de salvar a jovem donzela, surgiu um senhor, aparentemente o pai dela, em outra janela, do outro lado da casa, e nos fez sinais com os dedos e as mãos dizendo que ela era louca e que não nós preocupássemos.

Vimos a cena se repetir, logo em seguida, com outro peregrino que passava por baixo de sua janela, pois aquela era a rua que dava acesso ao albergue, e durante todo o dia havia sempre peregrinos passando por ali.

E por estarmos em terras de Cervantes, quem sabe não fosse ela a “Dulcinéia del Toboso”, donzela que Dom Quixote tanto procurou e tal qual ele – que via nos rebanhos de cordeiros, exércitos inimigos e nos moinhos de vento, gigantes para combater –, **ela não visse em nós, peregrinos que passavam sob sua janela, seu Dom Quixote salvador!?**

Que é loucura; ser cavaleiro andante

Ou segui-lo como escudeiro?

De nós dois, quem o louco verdadeiro?

O que, acordado, sonha doidamente?

O que, mesmo vendado,

Vê o real e segue o sonho

*De um doido pelas bruxas embruxado?
Eis-me, talvez, o único maluco,
E me sabendo tal, sem grão de siso,
Sou – que doideira – um louco de juízo.¹⁵*

¹⁵ Poema de Carlos Drummond de Andrade.

O BURRICO E O FRANCÊS

6ª etapa

Estella/Los Arcos

Sexta, 7 de julho de 2006

Distância a percorrer: 23 Km

Distancia já percorrida: 116,1 Km

Depois de aproximadamente cinco quilômetros de caminhada, passamos pela pequena cidade de Irache e conhecemos algo inusitado: uma fonte em que o líquido que jorra não é água e sim vinho, e vinho de boa qualidade. A maioria dos peregrinos pára diante daquela fonte de vinho, abre a sua torneira; toma uma ou mais taças; brinda com os companheiros; tira fotos e **segue seu caminho mais leve, mais solta e, não raro, um pouco mais “torto”**.

Foi ali que conhecemos um peregrino diferente, pelo menos para nós, um burrinho. Tinha uma carga grande sobre suas costas enquanto seu dono, um francês enorme, magro e grisalho, barba por fazer há dias, não tinha carga nenhuma. Aliás, tinha duas garrafas pet, de dois litros, uma em cada bolso de um enorme casaco vermelho surrado que trajava. Ao chegar à fonte, depois de a maioria dos peregrinos já ter partido, despejou o resto da água no chão e as encheu de vinho. Em seguida, pegou seu burrinho e saiu puxando-o, continuando, assim, sua peregrinação.

Fiquei a observar os dois sumirem ao longe e, aos poucos, aparecer em minha mente um outro burrinho: o burrinho Pedrês, Sete-de-Ouros. Tenho essa mania de encaixar personagens dos livros que leio em personagens que vou encontrando ao longo da vida, pois sempre que leio, acabo viajando nas palavras do escritor e **poucos têm uma nave de viagem tão confortável quanto Guimarães Rosa...**

“...animal miúdo e resignado, idoso, muito idoso, beijo inferior caído. Outros nomes que tivera ao longo de anos e anos: Brinquinho, Rolete, Chico-Chato e Capricho...

...Viajavam à noite. De repente, os cavalos empacaram, pressentindo o mar de água. O córrego da Fome transbordara, inundando tudo bem além das margens. Todos aprovaram a idéia de esperar Badu e o burrinho Sete-de-Ouros. Se o burro entrasse na água, todos o seguiriam. É que burro não entra em lugar de onde não pode sair...

...Sete-de-Ouros entrou levando Badu às costas. Os cavalos seguiram-no. E foi uma tragédia: oito vaqueiros mortos naquela noite. Benevides, Silvino, Leofredo, Raymundão, Sinoca, Zé Grande, Tote e Sebastião. O burrinho Sete-de-Ouros, com Badu agarrado às crinas e Francolim agarrado à cauda, conseguiu atravessar o mar de águas em que se transformara o pequeno córrego...”¹⁶.

¹⁶ “O burrinho pedrês”, fragmento de Saragana, de Guimarães Rosa.

Fizemos o resto da caminhada de forma tranqüila. Por volta das 14 horas chegamos a Los Arcos, procuramos pelo albergue municipal e nos alojamos. Lavamos nossas roupas. Depois de uma hora no albergue, para nossa surpresa, o francês chegou com seu burrico.

Após muito diálogo, o francês ainda não tinha conseguido convencer o hospitaleiro a deixar o burrico pastar em frente ao albergue, em uma enorme área de grama verde, que separava o albergue da Casa da Cultura de Los Arcos.

Duas peregrinas francesas ajudaram o homem do burrico a convencer o hospitaleiro. Meia hora depois de o francês descer suas tralhas e adentrar o albergue, como que **por providência satânica** – divina é que não foi, pois o burrico tem lá seus créditos com o Senhor – apareceu um fiscal da prefeitura. Exigiu a remoção do burrico para um ambiente fechado, pois o código de posturas não aceita animais na rua. Enquanto o fiscal dialogava com o francês, como que para provocar o homem da lei, o burrico despejou uns três quilos de suas “necessidades” naquele gramado límpido e impávido.

O francês foi o primeiro que percebeu **a burrada do burrico** e disfarçadamente procurou esconder o feito, ficando na frente do fiscal, para que ele não percebesse. Mas o fiscal percebeu. Exigiu a limpeza imediata daquela “mancha” na porta da Casa da Cultura. Mais rápido que um raio, o francês pegou uma vassoura, um balde e uma pá e passou a remover todos os vestígios das “necessidades” do burrico. Em menos de dez minutos o gramado estava novamente limpo.

A confusão alongou-se por mais de três horas sobre a decisão de remover o burrico para o albergue apropriado, ou seja, um estábulo. O francês não tinha objeção quanto à remoção para tal estábulo municipal, o problema era o preço de dez euros. Ele argumentava que era absurdo, pois para ele próprio estava pagando apenas três euros, por banho, cozinha e cama. Como poderia pagar dez euros para hospedar apenas um burrico, que teria somente um teto e ainda contra a vontade de ambos, dele e do burrico, que, com certeza, preferiria o teto do Senhor e não o da prefeitura.

O homem da lei não abria mão, ou ele pagava ou o burrico ia ser expulso da cidade como “persona non grata”. Para complicar mais ainda a situação, enquanto os homens discutiam o seu destino, o burrico aprontou mais uma: sentiu saudades da amada e passou demonstrar isso em público, badalando seu medidor de saudade feito badalo de sino.

O homem da lei tratou aquela atitude do burrico como uma provocação, aliás, como a segunda provocação. A primeira foi ele, o burrico, ter defecado na porta da Casa da Cultura e agora aquele **ato de pornografia explícita**. Era muita afronta. A ira do homem da lei só aumentava e o caso foi tomando proporções maiores.

O homem da lei sacou de uma lista telefônica, folheou algumas páginas, anotou um número e em seguida entrou para o albergue a fim de fazer uma ligação. Enquanto isso minha imaginação passou a especular como terminaria essa história:

...ele estaria ligando para o seu chefe que achou uma provocação dois estrangeiros – o burrico e o francês – adentrarem seu país, a Espanha, defecarem e praticarem

atos obscenos na porta da Casa da Cultura e tudo ficar por isso mesmo. Comunicou o fato ao Secretário de Segurança, que comunicou ao Ministro da Justiça, que achou por bem prendê-los por 40 dias. A França, por sua vez, para defender seu burrico e seu francês, não aceitou tal atitude. Criou-se um incidente diplomático.

A Espanha, aliada a Portugal, invade a França e anexa Saint Jean Pied der Port ao seu território. A França alia-se à Inglaterra. Bush, aliado de Blair, que adora invadir, não importa o que, propõe a invasão da Espanha para resgatar o francês e o burrico...

– Pega a máquina tira uma foto do burrico! – **era o Beto, salvando a humanidade da terceira guerra mundial.**

Depois do telefonema, o homem da lei voltou a conversar com o francês de forma mais enérgica, provavelmente explicando-lhe sobre o risco que ele e seu burrico estavam correndo por desacatar uma autoridade.

Finalmente, muito a contragosto, o francês concordou em pagar os dez euros e o burrico foi recolhido para o estábulo municipal que ficava na rua abaixo do albergue. Embora o francês tivesse acatado a decisão do homem da lei, o burrico não deixou de fazer o seu protesto. Ao longe, podíamos ouvi-lo zurrar a clamar, não sei se por um teto mais azul, ou por saudade da sua amada. Quem sabe as duas coisas.

O PAGADOR DE PROMESSA

7ª etapa

Los Arcos/Viana

Sábado, 8 de julho de 2006

Distância a percorrer: 19 Km

Distancia já percorrida: 139,1 Km

A minha briga diária, com os cadarços da bota, para encontrar o modo de amarração que se adapte melhor a tão longa caminhada, chegou ao fim. Finalmente, achei um modo que se adaptou bem e penso ser o definitivo. Consiste em dar um nó intermediário sobre a planta do pé, e o nó definitivo na última fileira do cadarço, acima do tornozelo.

Depois da nossa parada de um dia em Estella para descanso, perdemos contato com quase todo pessoal que tínhamos como parceiros de viagem. O americano Yan, era o único que restava do grupo que partimos juntos de Saint Jean Pied de Port.

Porém, desde Roncesvalles, segunda etapa do caminho, nós vínhamos tendo a companhia do francês Serafim. Figura espetacular, era a alegria em pessoa, estivemos juntos até Estella quando, então, ele diminuiu seu ritmo e nos o perdemos de vista. Tínhamos a esperança de reencontrá-lo antes de chegarmos a Santiago. Apesar das perdas, em Los

Arcos já tínhamos vários amigos de percurso: as duas americanas loirinhas, a holandesa aérea e a francesa Bia, que conversava até com as paredes. Minha companheira de viagem, a Senhora Dor, continuava comigo, eu querendo o divórcio, ela amor eterno.

Durante o percurso, paramos para descansar e o Beto saiu um pouco à frente. Enquanto eu calçava as botas, um peregrino chegou e pediu que eu tirasse uma foto dele com a paisagem ao fundo. Recomeçamos a caminhada juntos e por quase duas horas seguimos nos comunicando sendo, outra vez, as palavras empurradas pelos gestos. Chamava-se Pedro e era da República Tcheca. Falou-me um pouco sobre ele e seu país e eu fiz o mesmo. Quando alcançamos o Beto, eu os apresentei e ele propôs ao Beto a troca das bandeiras. O Beto tornou-se tcheco e o Pedro brasileiro. Isso parece um fato banal, comum, talvez simplório. Mas para nós, que estávamos a mais de onze mil quilômetros de casa, esse gesto significou muito.

No caminho eu não sou o Valdir, nem o Beto é o Beto. Nós somos o Brasil, e, aos poucos, vamos tomando consciência disso. Aos poucos vamos enxergando o nosso grau de omissão, a nossa miopia e a nossa mudez frente à hipocrisia reinante no nosso país. **O caminho, aos poucos vai me encantando, não com suas igrejas, monumentos ou castelos, mas com algo bem simples: cidadania.**

Conhecemos neste albergue o espanhol Ramirez, que pagava uma promessa para seu filho. O seu beliche estava ao lado do nosso. A primeira coisa que todos nós, peregrinos, fazemos ao dar entrada nos albergues é nos sentarmos no beliche, abrimos a mochila e retirarmos os apetrechos de banho. O Ramirez fez diferente: colocou a mochila em cima da cama, abriu-a e retirou de seu interior uma moldura enorme do tamanho de uma folha de papel ofício com a foto de uma criança. **Beijou e abraçou várias vezes a moldura como se estivesse abraçando o filho em carne e osso.**

– É meu filho, não é lindo!!? – disse ele. E antes de respondermos, disse:

– Ele é lindo. Veja como ele é lindo!!! – repetiu ele.

Pela foto a criança tinha cerca de um ano e era muito bonita.

– É muito lindo... mas não parece com você – disse eu brincando.

– Como não!? – respondeu ele de imediato.

– Veja! – disse ele, e ainda suado, foi retirando o boné e ajeitando o cabelo.

– É porque estou de barba. É meu filho, veja! E encostou a moldura da foto ao lado do rosto.

– Agora sim! – respondi sorrindo.

Fiquei na dúvida se os meus comentários o envaideceram ou o deixaram sem graça por imaginar que eu estaria duvidando da sua paternidade.

Depois de três dias com fortes dores sobre o ombro esquerdo, que apareciam sempre depois de uma a duas

horas de caminhada, finalmente achei uma posição que eliminava a dor. Eu estava caminhando com os dois polegares, apoiados no cordão da mochila, na altura do peito e que serve de descanso para não caminhar com os braços soltos. Esse é o modo indicado pelos manuais. Resolvi, nesse percurso contrariar o manual, e caminhar com o braço esquerdo solto, sem apoio neste cordão. A dor desapareceu. Se para sempre, só o caminho responderá. Foi um alívio.

Mais uma prova de que é o caminho que faz o peregrino e não o peregrino que faz o caminho.

O TRATADOR DE BOLHAS

8ª etapa

Viana/Navarrete

Domingo, 9 de julho de 2006

Distância a percorrer: 23 Km

Distancia já percorrida: 158,1 Km

Partimos bem cedo e às 12 horas já estávamos em Navarrete. O albergue só abria às 14 horas. Colocamos nossas mochilas na fila, éramos o sexto. Lentamente foram chegando mais peregrinos e, por volta das 13h30, já havia cerca de 50 mochilas na fila. Sentamos em um jardim em frente e ficamos aguardando a abertura do albergue. Enquanto isso, conhecemos dois brasileiros que estavam fazendo o caminho separados e que haviam se encontrado ali mesmo, há poucos minutos.

Sérgio, uns 48 anos, pele clara, estatura mediana, cabelos grisalhos, professor de engenharia da PUC do Rio, e César, aproximadamente 42 anos, pele queimada, um pouco mais baixo que o Sérgio e também de cabelos grisalhos, capitão de corveta da Marinha brasileira e carioca.

Sérgio estava fazendo o caminho pela segunda vez e tinha partido a seis dias de Sam Port, um caminho mais longo 60 quilômetros que o nosso, de Saint Jean Pied de Port, porém, mais leve, pois **não atravessava a serra dos Pirineus** na parte francesa. Ele vinha em um ritmo muito

forte, mas já havia decidido diminuí-lo, pois os seus pés já apresentavam sinais de bolhas, além de um leve inchaço.

César, carioca da gema, tinha começado o percurso em Pamplona, 65 quilômetros depois de Saint Jean Pied de Port. Estava aguardando sua namorada, Mariana, que tinha ficado um pouco para trás. Às 14 horas o albergue abriu e todos nós fomos acomodados.

O pagamento do albergue era donativo e, ao dar entrada, você recebia um cartãozinho com o número do seu beliche. Com esse cartãozinho, você poderia freqüentar o clube municipal que ficava do outro lado da rua.

Mal adentramos no albergue e nosso amigo, o carioca da gema, botou sua sunga e partiu com a namorada para o clube.

Logo a seguir, o hospitaleiro começou a tratar das bolhas dos peregrinos. Esse foi o único albergue do caminho, até agora, que vimos isso. Como **o hospitaleiro é um voluntário**, você encontra aqueles que te atendem com prazer e por prazer e também aqueles que te atendem como se estivessem pagando uma penitência, como o hospitaleiro de Estella, e outros que conhecemos no caminho.

Enquanto o Beto aguardava a abertura do albergue, eu saí para comprar os mantimentos para o nosso almoço/jantar. Comprei arroz de microondas, feijão enlatado, ervilhas em lata, tomate e sardinha.

Fomos para a cozinha. Fiz o arroz de microondas, o Beto cuidou do resto. Comemos uma farta refeição. A partir desse dia, demos nosso grito de independência dos restaurantes com seus horários malucos e cardápios mais ainda.

Saímos bem cedo e perdemos o contato com o Sérgio e o César, mas como ainda havia bastante caminho, esperávamos encontrá-los em alguma etapa seguinte.

Durante todas essas etapas sempre encontrávamos, ao longo delas, vários peregrinos, às vezes ultrapassando-os, outras vezes, sendo ultrapassados por eles e, quase que como uma regra, **a palavra “Olá” era a senha para receber um sorriso** nesses encontros fortuitos. Até os moradores dos vilarejos já tinham adotado esse “olá” e muitas vezes ocorria que, ao passar pelas pequenas vilas e cumprimentar algum dos seus moradores, mesmo idosos, com um buenos dias, recebíamos como resposta um sonoro “olá”.

OS DONOS DO CÉU

9ª etapa
 Navarrete/Nájera
 Segunda, 10 de julho de 2006
 Distância a percorrer: 17 Km
 Distancia já percorrida: 181,1 Km

Mais uma vez, saímos bem cedo e, por volta das 12 horas, já estávamos na porta do albergue.

A dificuldade de pentear o cabelo, devido à sua rebeldia, talvez protestando, pela falta de cremes e xampus, fez-me tomar a decisão de cortá-lo. Fomos a uma pelunqueria, que é a nossa barbearia, aliás, a nossa é muito mais moderna. Senti-me na barbearia do Zequinha Barbeiro¹⁷, 30 anos atrás. A cadeira no meio do salão, um espelho na frente e um banco atrás, para acomodar os clientes que chegam. Ao canto, uma enorme pilha de revistas e jornais velhos em cima de uma mesinha.

¹⁷ Zequinha Barbeiro – pai do Roberto, Nilva, Vilma, Branca, Preta e esposo da Dona Maria - foi da geração do meu pai. Morreu em 1.979. Tinha uma barbearia com o Gervásio – pai da Mirtes, Nozin, Dimiro e Dimar dóido - no centro da cidade. Na verdade nunca cortei meu cabelo lá, era muito caro. Era lá que se reuniam os caçadores de tatus: Branco açougueiro, João Peba, Chico Pernambuco, João de Lulu, Juraci de Seu Antônio baiano, meus irmãos Zé e Celso, Tico, Doca de Chico Rebouças; e também caçadores de rãs e sucuris como o Mazinho – irmão da Arlete, do Lé e do André e pai da Carol e da Renata – que um dia apareceu na cidade, na carroceria de uma camioneta, atracado a uma sucuri de tantos metros, que faria inveja ao legendário Steve Irwin, o caçador de crocodilos e outros bichos. Foi o assunto do ano na cidade.

Já estivera no Brasil por três vezes passeando e conhece muitas cidades. Pensei comigo: “Ou esse cara é da máfia ou esse cara é um mentiroso.

Como pode um barbeirinho de uma cidadezinha desse tamanho ter dinheiro para fazer tanto turismo?”.

Aí me pus a fazer as contas da sua atividade: ele corta cerca de 20 cabelos por dia, cobra 4,5 euros por cada corte, 1 euro vale cerca de 3 reais. Isso dá uma renda média de 6 a 7 mil reais por mês. Contando que ele e sua família têm escola e saúde de qualidade e de graça. Concluí: ele não é da máfia, ele não é mentiroso. Ele é espanhol. Cidadão de um país onde o trabalho é valorizado, a corrupção não está no DNA da classe política e as pessoas que habitam esse país não são meros expectadores dos fatos, são cidadãos. Ele é cidadão de um país em que as gerações passadas enfrentaram muitas guerras, lutaram e deram muitas vidas em nome da justiça e da paz que essa geração agora desfruta. Por isso, eles sabem que, mais importante que deixar bens para seus filhos e netos, é deixar um mundo no qual eles possam ser livres, sem se sentirem presos, serem honestos sem se sentir idiotas e serem felizes sem ter que fechar os olhos à miséria que mora ao lado.

Depois dessa constatação, eu tinha ali a explicação de como um barbeiro de uma cidadezinha de cerca de dois mil habitantes, conseguia, nas suas férias, fechar seu negócio por um mês, pegar a esposa e os filhos e ir passear em outro continente. Ele era cidadão e não povo. Com povo você pode até fazer um país, mas uma nação só se faz com cidadãos.

Durante o corte do cabelo, como todo barbeiro que se preze, ele não deixou de puxar conversa. A cidade, apesar de pequena, estava bastante movimentada e, por volta das 19 horas, caminhamos até o centro, onde havia muita gente. Crianças brincando na fonte, anciões sentados com suas bengalas a conversar com os amigos. Transeuntes caminhando sem pressa, a igreja ao fundo com bares e restaurantes espalhados em sua volta: era a praça.

Na igreja ocorria um casamento. Senhoras vestidas a rigor, cavalheiros de terno cruzavam a pequena praça do chafariz e dirigiam-se até a igreja. Nós, e vários outros peregrinos do albergue, ajudávamos a compor aquele burburinho de final de tarde. Aos poucos, a praça estava sendo transformada com a chegada de três cavalheiros que começaram a despejar objetos estranhos no centro da praça: bicicletas de três rodas enormes, outra de duas rodas com uma garupa gigante, caixas de som e alguns baús. Depois chegaram com algo dobrado, que ao desdobrarem foi se transformando em um círculo. Trouxeram ainda mais dois baús. Estenderam a lona circular no chão, retiraram do baú, sacos de estopa vazios e foram colocando-os em volta do círculo.

Era o circo de palhaços. Há muito desaparecido junto com minha infância. Depois de a lona ter sido estendida no centro da praça, eles colocaram pequenos alambrados na parte de trás e passaram a cobrir esses alambrados com sacos de estopas. Daqueles utilizados para transportar grãos no Brasil. E, ao observar melhor, pude ver escrito no saco “Café do Brasil”. Pois é, estava ali um pedacinho do Brasil.

Com os sacos colocados em volta do círculo central, as crianças começaram a sentar-se nos sacos, formando uma platéia em volta da lona no chão. Um dos artistas anunciava, em um microfone sem fio escondido na lapela, que um grande espetáculo iria acontecer ali, na praça, em poucos minutos. Enquanto anunciava, fazia pequenos malabarismos com três cones para prender a atenção dos espectadores...

Jussara, 1966

– O circo Chegou!!! O circo chegou! O circo chegou!! – gritava esbaforido Pedro.

Acabou a nossa pelada de futebol. A bola de bexiga de porco ficou esquecida, juntamente com as traves do gol, que eram as chinelas do Jorge. Saímos todos correndo acompanhando Pedro, que do jeito que chegou, correndo e gritando, fez meia volta e voltou correndo ainda mais. Nós o seguimos, como que puxados por um cordão invisível. Lá estava o caminhão descendo a lona, as estacas, as cordas. O circo tinha chegado. Lá estavam Pedro, Edson, Tadeu, Gás, Jorge e eu, literalmente hipnotizados por aqueles movimentos que transformavam lonas estacas e cordas em um circo. Gigante! Como era grande o circo! Nem nossos sonhos eram tão grandes quanto o circo. Aliás, eram sim, quando brincávamos de Donos do Céu.

Era noite de Lua. Deitávamos, no vasto gramado que unia a Rua 6 com a Avenida A. A

energia elétrica ainda não havia chegado às nossas ruas, e com isso a noite de Lua era esperada por nós como as plantas esperavam pelas chuvas. E nós, assim como as plantas, florescíamos em noite de lua. Depois de brincarmos de “salve latinha”, “salve cadeia” e “teje preso”, íamos descansar, deitados no gramado, observando a lua, o céu e as milhares de estrelas.

Dividíamos o céu em quadrantes e íamos disputando em par ou ímpar cada um dos seus quatro pedaços. Quem ganhasse a primeira disputa do par ou ímpar tinha direito de escolher o primeiro pedaço do céu. E o pedaço que tinha a Lua era o que mais valia, depois o que tivesse mais estrelas, e assim sucessivamente até o pedaço de menos estrelas.

*Como o primeiro era sempre o que tinha a Lua no seu pedaço de céu. Para saber quem era o segundo, o terceiro e o quarto mais rico e poderoso, era sempre a parte mais difícil. Às vezes, a discussão estendia-se por intermináveis minutos, pois além de não ser fácil contar milhares de estrelas, **ninguém jamais ousava apontar e contar uma estrela no céu, porque para cada estrela apontada e contada no céu era uma verruga que nascia no dedo daquele que contou.** Isso, para nós, era uma verdade absoluta, tão real quanto o rio que nadávamos todos os dias.¹⁸*

¹⁸ “Seu Merquides”, velhinho corcovado, era o benzedor da nossa rua. Pele negra como madrugada sem lua. Pai de Tadeu, João e Maria. Ele benzeu as verrugas que o Jorge tinha nos dedos das mãos. Benzeu e avisou: “Menino, pare de contar estrelas”. As verrugas do Jorge desapareceram com o tempo, mas nosso medo de contar estrelas perdurou por toda nossa infância.

*Quem ganhava a primeira disputa do par ou ímpar, sempre escolhia o pedaço do céu que tinha a Lua. Isso significava que seu dono seria o mais poderoso e rico do mundo. Mas poder e riqueza, nas nossas mentes infantis, quase sempre se resumia ao desejo de possuir uma bola de capotão, um estilingue de goma viva, uma bicicleta de farol ou uns dois carretéis de linha 10 para fazer nossa pipa desafiar os céus: **Era nessas horas que nossos sonhos eram maiores que o circo.***

Quando éramos mais de quatro, e quase sempre éramos mais de quatro, a brincar de dono do céu, sempre sobravam aqueles azarados que não conseguiam nenhum pedaço.

*Um dia, estávamos em seis e o irmãozinho do Gás, Geraldinho, de três anos, quis brincar também. Deixamos que ele fosse o primeiro a tirar o par ou ímpar. Ele perdeu para o primeiro, para o segundo, para o terceiro, para o quarto e somente no quinto ele ganhou o par ou ímpar, mas não adiantava mais, **o céu só tinha quatro pedaços.** Edson Lobó tinha tirado o pedaço do céu com a Lua. Geraldinho começou a fazer beijo. O beijo foi aumentando, aumentando, aumentando, até explodir em um choro doído, doído, como se tivesse perdido a mãe. Eu ofereci meu pedaço de céu pra ele, que era o terceiro mais bonito. Não adiantou. O Gás, seu irmão, ofereceu o seu pedaço, o quarto mais bonito. Também não adiantou.*

– Eu quero o pedaço da Lua! – disse ele entre soluços.

– O meu ele não quer mesmo, então nem vou dar – falou Jorge, que tinha tirado o segundo mais bonito.

Eu e o Gás, irmão do Geraldinho, oferecemos ao Edson Lobó nossos dois pedaços de céu em troca do seu pedaço,

que tinha a Lua, para dá-lo ao Geraldinho, que continuava o seu choro doído.

– É a primeira vez que eu sou rico e poderoso e eu não vou ficar pobre só por causa do Geraldinho – falou Edson Lobó com veemência.

*Isso foi suficiente para o Geraldinho aumentar o volume do seu choro e em poucos minutos sua mãe aparecer para buscá-lo. Mesmo com o carinho da mãe, ele continuava inconsolável, enquanto balbuciava que o Lobó **não quis lhe dar um pedaço do céu.***

Anos depois, adolescente, do medo de contar estrelas, só restou, em mim, o sentimento adormecido:

Não, não vou dizer o que Sinto!

Pra que dizer

Se o teu sentir é o meu?

Pra que dizer o que sinto

Se as minhas verrugas provêm

Das estrelas que contaste!

Não, não vou dizer o que sinto! ¹⁹

¹⁹ "Confissão sem dor", fragmento do livro *Libertar passarinhos*, do autor. Prêmio Blocos, 1999.

O VELHINHO DA BUNDA DE FORA

10ª etapa
Nájera/Santo Domingo de La Calzada
Terça, 11 de julho de 2006
Distância a percorrer: 25 Km
Distancia já percorrida: 198,1 Km

No albergue, em Santo Domingo, presenciamos uma cena inusitada. As camas eram colocadas em um grande salão em quatro fileiras, duas no meio e duas nas laterais das paredes. Ao contrário dos demais albergues, este não tinha beliches. Eram camas tipo de “campanha”. Nós ficamos acomodados nas fileiras do meio. Por volta das 21h30 a maioria dos peregrinos prepara-se para dormir. À nossa frente, um senhor também se preparava para dormir. Ele retirou o short, ficou só de cueca. Em seguida **retirou a cueca** – com a tranqüilidade peculiar de um ancião – sacudiu-a naturalmente, dobrou-a calmamente, e pegou a ceroula tranqüilamente, para vestir-se. Ao abaixar-se, lentamente, para pegar a ceroula, ficou com a região glútea e todos os documentos, a meio palmo do nosso nariz. E lá estava Beto e eu, com idade de sermos filhos do velhinho, morrendo de vergonha, e o velhinho fazendo aquilo com a naturalidade de quem tira uma meia do pé.

Santo Domingo de Calzada tem uma história interessante. Nascida por volta do século XI, pelas mãos de São Domingos. A cidade tem como símbolo um Galo. Conta-se que no século XIV, um jovem peregrino alemão foi assediado em um albergue por uma mulher, mas resistiu a seus assédios. Por vingança, ela colocou um castiçal de prata dentro da bagagem do peregrino, depois chamou os guardas e acusou o jovem de roubo. O rapaz foi condenado à morte. O pai recorreu ao juiz para pedir clemência por seu filho, alegando inocência. O Juiz, que estava à mesa e ia comer um galo e uma galinha assados, não acredita na alegação de inocência e provoca o camponês, pai do rapaz:

– Solto vosso filho se esse galo e essa galinha cantarem novamente.

Nesse mesmo instante, galo e galinha puseram-se a cacarejar e cantar.

O rapaz foi solto. O pai do rapaz disse ter sido um milagre de São Domingo. **Desde então, um galo e uma galinha são mantidos vivos no altar da igreja de São Domingos.**

SOLIDARIEDADE

11ª etapa

Santo Domingo de La Calzada/Belorado

Quarta, 12 de julho de 2006

Distância a percorrer: 25 Km

Distancia já percorrida: 223,1 Km

Sáímos bem cedo.

Durante a caminhada, depois de 10 quilômetros, em Redecilla del Camino, em um posto de informações turísticas, encontramos o velhinho da bunda de fora pedindo informações. Solicitamos algumas informações também. Logo depois, o velhinho da bunda de fora, em forma de agradecimento pelas informações recebidas, começou a cantar uma música em coro com o seu parceiro ao lado. Cantaram em uma sintonia perfeita e a música tinha um ritmo muito bonito.

Ao término da apresentação, todos nós aplaudimos: o Beto, eu, a atendente e mais duas peregrinas que estavam por ali. Eles acharam o máximo os aplausos e riram bastante. Depois saíram um pouco na nossa frente, mas logo os alcançamos e puxamos conversa. Descobrimos que o velhinho da bunda de fora era da Áustria e que o seu colega era, na realidade, o seu irmão.

Ele tinha 66 anos e seu irmão 62. Tinha morado no Brasil por três anos de 1965 a 1968, prestando serviço voluntário

em Jacobina, na Bahia. Portanto, há mais de 38 anos. Disse que estava aposentado e esta era a terceira vez que fazia o caminho de Santiago. Falamos que a música que eles tinham cantado há pouco, no centro de informações turísticas, era muito bonita. Ele então, abriu um enorme sorriso, chamou o irmão, parou a caminhada e repetiu a canção, ali no meio do caminho, a todos os pulmões. Ao final, Beto e eu aplaudimos com entusiasmo de adolescente e eles se derreteram em sorrisos. Continuamos caminhando juntos por cerca de duas horas e **fiquei intrigado com um fato**: a cada quilômetro que andavam, eles viravam para trás e davam uns 10 a 20 passos de costas. Eu imaginei que fosse algum exercício físico, ou quem sabe alguma “simpatia” austríaca. Ele explicou que não. Fazia isso para ver a paisagem, que ficou para trás, por outro ângulo, com outra visão. Explicou que esse é um excelente exercício para aplicarmos na nossa vida diária, pois assim enxergaríamos os nossos atos sempre sobre dois ângulos diferentes.

E mais uma vez, para nossa surpresa, mas não tão grande assim, enquanto caminhávamos, ele parou na beira da estrada, abriu o short, tirou o passarinho da gaiola e começou a urinar ali mesmo, sem a menor cerimônia. Logo atrás vinham duas jovens peregrinas que passaram pela gente e nos cumprimentaram com a maior naturalidade do mundo, sem dar a menor importância ao fato de o velhinho estar urinando.

Já na cidade seguinte, Villamayor del Rio, nós nos perdemos dos mesmos. Desde então, nas nossas lembranças, passamos a identificá-los como os velhinhos mijões. Ficou melhor que “O velhinho da Bunda de Fora”.

Ficamos no albergue Quatro Cantones, indicado pelo amigo Acácio, brasileiro, que tem um albergue em Villoria de Rioja, vilarejo que ficou quatro quilômetros atrás. Havíamos passado por lá, tomado um café e conversado um pouco. Ele mora há nove anos na Espanha com a companheira Arieta e abriu o albergue há quatro meses.

Pelo nosso plano, descansamos um dia aqui em Belorado, depois de seis dias seguidos de caminhada.

Falamos com o hospitaleiro, que nesse caso era o dono do Albergue e ele concordou que poderíamos ficar um dia a mais para descansar, porém das 8 às 12 horas o albergue estaria fechado para limpeza. Teríamos, então, de sair e voltar depois. Ficamos combinados.

Por volta das 20 horas, dia claro ainda, estava eu sentado, ao lado da porta do albergue, quando vi o César, o carioca da gema, capitão de corveta da Marinha brasileira, descer de um táxi e entrar, quase correndo, sem nem me perceber. Voltou uns minutos depois com as mochilas nas costas, aí então me viu.

– Olá Goiano, você por aqui! – disse ele.

– Sim, vamos descansar um dia.

– Beleza, então a gente se encontra na próxima etapa. Estou indo lá para Villoria. Encontrei um brasileiro beleza – era o Acácio –, que vai fazer um jantar brasileiríssimo essa noite para gente. Vamos também?

– Não vai dar. Temos que descansar, dê um abraço no Acácio, na Arieta e também na Mariana – respondi.

Então, ele entrou no táxi e partiu para Villoria. Fiquei com inveja. Já estávamos caminhando há 12 dias e ainda não havíamos saboreado algo brasileiríssimo. A

cada tentativa que fazíamos nos restaurantes, pedindo aqueles pratos de nomes estranhos e comida mais ainda, sempre tínhamos a esperança de que em algum desses pratos viesse arroz e feijão, mas eram sempre tentativas frustradas. Tanto é que a primeira coisa que passamos a observar nos albergues era se eles tinham cozinha, pois assim a gente podia comprar arroz e feijão, que mesmo enlatado, era muito bom.

O albergue em que estamos é particular, mas faz parte da rede de albergues dos Amigos do Caminho de Santiago. Você se hospeda e faz um donativo a sua escolha. Geralmente, as pessoas doam entre 3 a 5 euros. O café da manhã é servido em uma grande mesa onde você também doa o que achar conveniente. Em cima da mesa do café, existe um garrafão vazio, tipo aquele de vinho de 5 litros, pendurado sobre a mesa, onde as pessoas colocam a doação pelo café da manhã. No garrafão tem os seguintes dizeres:

“Este café que você está tomando hoje foi doado pelos peregrinos que ontem aqui estiveram. Para os peregrinos que amanhã aqui estarão, temos a mesa, o fogo e a água para oferecê-los, mas não temos o pão, que depende de sua doação.”

O sentimento de cooperação no caminho é uma realidade vivida por todos os peregrinos. Nos albergues, todos os objetos da cozinha são de uso comunitário. Portanto, se você usar algum utensílio, lave-o depois do uso. Tudo o que você precisar para fazer sua refeição, procure no armário comunitário. O que estiver lá pode

pegar e usar. As sobras dos mantimentos que você comprou para fazer sua refeição podem ser deixados no armário comunitário, que o peregrino de amanhã usará.

O que você achar que não te serve mais, por estar pesado, ou por desuso, doe ao albergue. Quase todos têm um armário com essas doações, onde você também pode pegar o que lhe servir. Todos têm, ainda, uma farmácia comunitária, quase sempre com medicamentos doados pelos peregrinos. Portanto, **no caminho, a solidariedade está na alma dos peregrinos.**

Como levantamos mais tarde, pois descansaríamos neste dia, ao descermos para tomar o café da manhã, percebemos que mais duas peregrinas também iriam descansar neste dia. Eram as duas francesas, muito jovens, que em Los Arcos tinham ajudado o francês, dono do burrico, a convencer o hospitaleiro a deixar o burrico pastar em frente à Casa da Cultura e que tinha resultado naquela confusão toda. Desde lá a gente vinha caminhando lado a lado.

Logo após o café, começamos a arrumação da cozinha, enquanto elas lavavam os banheiros. Depois as ajudamos a esticar os lençóis dos beliches e arrumar os quartos. Não existia nenhuma regra que dissesse que devíamos fazer isso, mas no caminho, quando o peregrino é bem recebido, ele retribui naturalmente realizando as tarefas domésticas com prazer e alegria, e foi isso que fizemos.

Logo depois fomos passear pelo vilarejo e encontramos o Sérgio, o professor da PUC, na praça, ao lado de um telefone. Ele estava ligando para o Brasil. Estranhamos encontrá-lo ali, pois havíamos chegado no dia anterior e não o tínhamos visto por todo esse período. Ele explicou que

estava albergado no vilarejo seguinte, Tosantos, e que tinha voltado até ali de ônibus para ver se conseguia ligar para o Brasil, pois de lá ele não estava conseguindo. Ele estava bastante preocupado, pois o seu filho, de 22 anos, tinha sido internado nessa madrugada, depois de um desmaio. Depois de várias tentativas, ele conseguiu falar e ficou mais calmo. Seu filho já estava medicado. Como seu vôo de volta estava agendado para dali a 20 dias, pela Ibéria, ele tentaria antecipar a viagem e retornar para o Brasil.

A partir desta etapa, já pude sentir as transformações no meu corpo. A minha garganta tinha sarado depois de oito dias tomando antibiótico. O cansaço para completar uma etapa já não era tanto e, aos poucos, a caminhada deixava de ser um fardo para tornar-se um prazer.

Nas primeiras dez etapas, ao iniciar a caminhada, eu só tinha um pensamento: chegar ao destino e descansar. As duas primeiras horas da caminhada eram percorridas até com certo prazer, pois ainda não havia sol, eu estava descansado e a minha companheira de viagem ainda não havia me visitado. Porém, o restante do percurso, geralmente de 15 a 20 quilômetros, era puro sofrimento.

Mas o nosso corpo, quando desafiado, transforma-se, e o meu não era diferente. Aos poucos o cansaço demorava mais a chegar. As paradas, já mais bem programadas, aliadas ao consumo de frutas e muito líquido, foi um elixir para meu corpo. Até então, nem as bolhas nos pés, comuns em quase cem por cento dos peregrinos, haviam chegado até nós. Eu só continuava com um problema: minha companheira de viagem, a Senhora Dor, que continuava a visitar meu ombro esquerdo a cada duas horas de caminhada. Mas era só

parar por poucos minutos, retirar a mochila das costas e ela desaparecia, **e assim continuávamos nosso romance. Ela ainda jurando amor eterno, eu lutando pelo divórcio.** Ainda tenho 23 etapas pela frente até Santiago e pretendo chegar solteiro. Veremos.

A SOPA DE SAN JUAN DE ORTEGA

12ª etapa
Belorado/San Juan de Ortega
Sexta, 14 de julho de 2006
Distância a percorrer: 30 Km
Distancia já percorrida: 248,1 Km

Esta foi uma etapa muito difícil. Além do extenso percurso de 30 quilômetros, pegamos um sol intenso e um longo trecho de subidas íngremes. Lá pelas 14 horas, chegamos a San Juan de Ortega. Aqui não existe cidade, apenas o albergue e uma igreja que fazem parte de um antigo monastério onde viveu São Nicolau de 1080 a 1163. Tem ainda um pequeno bar.

Ao entrarmos no albergue, fomos conduzidos pelas escadarias escuras até o andar de cima, onde fica o alojamento. A hospitaleira, Dona Júlia, recomendou-nos que não deitássemos nas camas ainda suados, pois deveríamos tomar banho primeiro. Perguntamos onde era a cozinha, ela respondeu que não havia cozinha, mas que depois da missa das 19 horas seria servida uma sopa para todos os peregrinos.

Como não havia mercado e nem cozinha, com certeza nenhum peregrino faltaria à missa das 19 horas e **todos rezariam com fervor... e fome.**

Tomamos banho e ficamos ansiosos esperando a hora da sopa, digo, da missa. Durante a espera sentamos em um banco, na porta do albergue e começamos a conversar com um senhor de nome José Maria, que nos presenteou com dois folders detalhados do percurso de San Juan de Ortega à Burgos, nosso próximo trajeto.

Falou-nos sobre vários brasileiros que percorreram o caminho, mas não falou sobre Paulo Coelho. Achamos estranho, já que Paulo Coelho é considerado, no Brasil, uma celebridade do Caminho de Santiago.

– E Paulo Coelho – indaguei.

– O verdadeiro caminho ele não fez. Ele fez o caminho comercial – respondeu.

Por volta das 16 horas, os nossos amigos brasileiros, César, o carioca da gema, capitão de corveta da Marinha brasileira e Mariana chegaram ao albergue. O carioca falava entreouvidos que a Mariana estava com o joelho machucado e por isso eles tinham chegado tão tarde. Logo depois, a Mariana nos confessou, entreouvidos, que o capitão de corveta da Marinha brasileira, não estava agüentando mais caminhar e que, por isso, eles tinham chegado tão tarde. **Tanto eu quanto o Beto apostávamos que a historia verdadeira era a da Mariana.**

Após a chegada dos nossos amigos, o Beto, com seu espanhol vesgo, tal qual o meu, comentou com a hospitaleira, Dona Julia, que tinha chegado “um casal” de brasileiros nossos amigos. Ela não entendeu direito e pensou que o Beto tivesse falando que nós, eu e ele, éramos um “casal”. O Beto tentou consertar de todo jeito, mas ela não entendia. Saí de fininho e deixei o Beto se

explicando, já que tinha sido **ele que havia nos transformado em um casal de gays**. Além do mais, eu estava muito barbudo e amarrotado, e, com certeza, na imaginação da Dona Júlia, eu não poderia ser a mocinha da história.

Fui até ao bar e tomei um café, vagorosamente. Depois de alguns minutos, quando voltei, lá estava o Beto, ainda se explicando com a Dona Júlia. Pelo tempo que ele levou se explicando, não sei se a convenceu. De qualquer modo, a hora da missa estava chegando e se ela não estivesse convencida, com certeza rezaria muito pela alma pecaminosa do Beto.

Às 19 horas em ponto adentramos em uma bela igreja de quase mil anos. Para nossa surpresa, lá estava o nosso amigo José Maria. Era ele o padre. Somente ali, naquele momento percebi isso.

Fora os peregrinos, mais três pessoas assistiam a missa: a hospitaleira Júlia, sua ajudante e um senhor falante de barba e paletó surrado que parecia ser esposo da ajudante de Dona Júlia.

A igreja iluminada por dentro era muito bonita. Aproximadamente 15 peregrinos assistiam a missa. Era um número muito pequeno, mas perfeitamente compreensível, pois em San Juan de Ortega não tem comércio nem internet e a maioria dos peregrinos parte para pernoitar em Ages, que fica a apenas dois quilômetros adiante. Além do mais, alguns peregrinos preferem não experimentar a sopa do padre José Maria.

O padre iniciou a missa. Fez o ritual tradicional de todas as missas. Ao término, pediu para “todos” saírem,

menos os peregrinos. “Todos” saíram: a hospitaleira, sua ajudante e o esposo. Ficamos nós e o padre. Ele retirou a batina. Ficamos nós e o homem. Em seguida adiantou-se até bem próximo do nosso grupo e iniciou a sua fala sobre a magia do Caminho de Santiago.

Fez uma pregação muito bonita, pois não explorou somente o lado religioso e místico do caminho, mas, principalmente, o lado mais nobre e valioso do ser humano: a sua capacidade de aceitar, experimentar, e vencer desafios. Não falou de pecados, céu ou inferno. Falou de vida, falou de viver. Não falou como padre, falou como homem:

– Fazer o caminho, não significa purificar a alma, fazer o caminho não significa estar mais próximo de Deus. **Fazer o caminho significa apenas caminhar consigo mesmo.** Se nesse encontro de você com você mesmo, você puder extrair algum aprendizado, o caminho terá valido a pena, se não, já valeu a intenção de caminhar. Concluiu ele.

*“Se não houver frutos,
valeu a beleza das flores;
se não houver flores,
valeu a sombra das folhas;
se não houver folhas,
valeu a intenção da semente.”*²⁰

²⁰ Poema de Henfil.

Após o seu sermão, apagou algumas luzes da sacristia e pediu que o seguíssemos. A hora da sopa havia chegado. Ele chamou três voluntários, eu fui um deles. De uma enorme panela de sopa, ele foi enchendo as tigelas esmaltadas e eu fui colocando-as dentro de uma bandeja.

Todos os peregrinos já estavam sentados em volta de uma grande mesa e eu os fui servindo, cada um com uma tigela de sopa.

Não consegui identificar de que era a sopa, apenas que tinha um leve cheiro de alho e pequenos chumaços dissolvidos em um caldo grosso. **O sabor era determinado pelo tamanho da fome do peregrino.** Quanto mais fome mais saborosa era a sopa. Alguns repetiram duas, três tigelas, outros mal tomaram a primeira.

Conhecemos aqui o peregrino Átila, da Hungria. Conversamos bastante com ele, pois o mesmo era professor de História e estava visitando a Espanha para fazer o caminho e aperfeiçoar o seu Espanhol.

Depois da sopa, conversamos até às 21h30, quando então fomos dormir.

LIBERDADE

13ª etapa
San Juan de Ortega/Burgos
Sábado, 15 de julho de 2006
Distância a percorrer: 28 Km
Distancia já percorrida: 278,1 Km

Essa foi uma etapa muito valiosa, pois atingimos um terço do nosso percurso, sendo Burgos umas das cidades mais importantes do caminho.

O César dormiu no mesmo beliche do Beto e a Mariana em uma beliche ao lado da nossa. César, carioca da gema, capitão de corveta da Marinha brasileira, combinou com a Mariana levantar bem cedo, por volta das 4 horas da manhã, pois pretendia chegar a Burgos mais cedo, antes do meio-dia, para alugar duas bicicletas e prosseguir o caminho até Léon, distante 110 quilômetros. Acordamos às 6h30 e lá estava o carioca da gema e sua Mariana, dormindo como uma pedra. Depois de muitos sacolejos, conseguimos acordá-los. Às 7 horas já estávamos na estrada. O capitão de corveta da Marinha brasileira e a Mariana saíram um pouco depois da gente.

Paramos na primeira cidade, a 2 quilômetros, para tomar café, pois como não havia mercado na cidade anterior, não foi possível comprar nossa banana e nossa

maçã para o desjejum. Pouco depois, o capitão de corveta da Marinha brasileira e a Mariana chegaram. Ele entrou no bar gingando, como um capoeirista, mas a Mariana comentou comigo, entreouvidos, que ele não estava agüentando a caminhada e já naquele pequeno percurso mancou bastante. Estava explicada sua entrada imitando um capoeirista, pois, como ele mesmo dizia, aquele caminho era mamão com açúcar para um capitão de corveta da Marinha brasileira, feito ele. Tomamos café juntos, mas saímos um pouco à frente.

Durante o caminho encontramos várias vezes o Átila, o professor de História, e com isso fomos ficando amigos. **Mal sabia eu que essa amizade não ia durar muito.**

O caminho foi muito puxado. Principalmente porque ao entramos na cidade, já bastante cansados, pensando estar chegando, avistamos uma placa indicando: albergue a 9 quilômetros. Caminhamos por mais duas horas até lá, no outro extremo da cidade. O albergue pertence à igreja e fica no meio de um enorme parque ao lado da Universidade de Burgos. Possui 96 vagas distribuídas em beliches. Logo após dar entrada, grande parte dos peregrinos se espalha pelo enorme gramado com bancos embaixo de enormes árvores. Burgos é uma das maiores cidades do caminho, com cerca de 370 mil habitantes.

Por volta das 16h30, quatro paramédicos chegaram ao albergue para tratar das bolhas dos peregrinos. Retiraram de dentro da ambulância, uma mesa, dois bancos e distribuíram ali em cima seu material de

trabalho: tesouras, esparadrapos, agulhas, linhas e medicamentos. Enquanto isso, uma fila começa a se formar para o atendimento. Em cada pé, joelho, ombro e articulações daquela fila você via a marca deixada pelo caminho. São bolhas, lesões e dores de todos os tamanhos.

Um a um, todos vão sendo atendidos. **O tratamento básico consiste em perfurar as bolhas** utilizando uma seringa com agulha na ponta e após isso a bolha é pressionada para que todo o líquido saia pelos furos feitos pela agulha. Em seguida, é injetado um líquido azul desinfetante dentro da bolha até enchê-la novamente. Depois disso a bolha é pressionada para retirar esse líquido azul. Por último, a mesma é coberta com gazes e esparadrapo. Esse processo acelera a cicatrização de modo que, no dia seguinte, já é possível caminhar quase normal.

Para quem tem lesões nas articulações, faz-se o tratamento adequado e, caso necessário, o peregrino fica em repouso, albergado, até ter condições de prosseguir. São dadas instruções sobre como transportar as mochilas, sistema de amarrações da mesma e o peso ideal. Depois dessas instruções, muitas mochilas já não serão as mesmas a partir dali.

Por volta das 20h30, ainda dia claro, mas a noite já se avizinando, ainda restam muitos que procuram um alento para sua dor. Enquanto isso, vários peregrinos ainda chegam, no entanto, desde as 18 horas não há mais vagas no albergue, mas isso não é problema. Muitos levam em suas mochilas pequenas barracas, que em

menos de cinco minutos já estão armadas e, aos poucos, vão colorindo o enorme parque em volta do albergue. Para aqueles que carregam apenas o corpo sobre os pés, a falta de vagas não é problema. É só colocar seu nome na lista de espera.

O nosso amigo César, capitão de corveta da Marinha brasileira e sua Mariana, chegaram às 18 horas e pegaram as últimas vagas nos beliches. Ele mancando e com duas enormes bolhas nos pés e a Mariana inteirinha. Ele falando em pegar um trem – tinha desistido da bicicleta - até León e queimar seis etapas do caminho, cerca de 150 quilômetros, pois a Mariana não estava dando conta do Caminho. Disse que o paramédico tinha analisado o joelho dela e “receitou” dois dias de repouso. Quanto às suas bolhas, ele não queria nem saber de paramédico, dizia que capitão de corveta da Marinha brasileira só trata de tiro, bolha era coisa de boiola.

Após o banho, com os pés frios, ele apareceu pisando torto e fazendo caretas de muita dor. Depois de muito insistirmos, ele foi tratar das bolhas com os paramédicos. A cada intervenção do paramédico, era um grito que ele soltava. A Mariana interveio segurando na sua mão, como uma mãe faz com uma criança quando vai fazer exame de sangue. **Pouco adiantaram as mãos da Mariana. Os berros continuavam.**

– Você ganhou o prêmio do mais chorão da tarde – disse o chefe da equipe dos paramédicos, ao terminar.

– Ainda bem que meu chefe da marinha brasileira não vai saber disso – respondeu ele.

Finalmente, o capitão de corveta da Marinha brasileira tinha deixado cair a máscara e sucumbido, não a dois tiros, mas a duas bolhas nos calcanhares.

Depois de tantos urros, o paramédico o recomendou que ficasse em repouso por um dia. Isso era tudo que ele precisava e queria ouvir. Com isso, quem sabe, ele convenceria a destemida Mariana que esse negócio de Caminho de Santiago não era a praia de um carioca da gema e capitão de corveta da Marinha brasileira.

O negócio agora – confessou ele – era pegar um trem, queimar seis etapas até Léon e chegando lá pegar um ônibus até Santiago. Se a Mariana ainda estivesse com esse “negócio” de Caminho na cabeça, **ele seria obrigado a utilizar toda a dureza característica de um capitão de corveta da Marinha brasileira**, e impor sua vontade. Diante da dureza demonstrada por ele no episódio das bolhas – pensei comigo – pobre carioca da gema.

À medida que a tarde se estendia por aquele enorme parque, os peregrinos iam agrupando-se e formando pequenas rodas de conversas. Em uma delas estava o Beto, o Joel, o Átila e eu, sentados em uma das pontas de uma enorme mesa de madeira, debaixo de uma árvore frondosa, com dois bancos, um de cada lado. Era a mesa em que o pessoal chegava despejava suas compras e fazia sua ceia. Geralmente ceavam sucos, refrigerantes, frutas e, invariavelmente, pão e mortadela de “jamon”.²¹ O vinho era também uma constante nessa ceia comunitária.

²¹ “Jamon” é o nosso pernil de porco.

O Joel era um garoto de 19 anos, de pai sueco e mãe argentina. Transpirava sorriso por todos os poros. Cabelos loiros, longos e encaracolados. Tomava um vinho rosê, por falta de um tinto, confessou.

– Saímos de Saint Jean Pied de Port há três dias – falou ele.

– Três dias?! A pé?! – falamos o Beto e eu quase em unísono. O nosso espanto se devia ao fato de estarmos a mais de 300 quilômetros de Santiago.

– Ora a pé, ora de ônibus, ora de carona – respondeu ele sorrindo.

– É que temos somente 20 dias de férias para percorrer todo o caminho e voltar para casa. E estamos fazendo o caminho. Para nós, o modo não importa – completou ele.

Qual era o roteiro do dia seguinte? Ele não sabia e nem tinha importância. Onde iria dormir? Ele não sabia e nem tinha importância. Como ia dormir? Ele não sabia nem tinha importância. Só o fato do seu nome está na “lista de espera” já era ótimo, mas se não estivesse, não tinha importância.

Segundo informações extra-oficiais, às 22 horas, quando começasse a escurecer, o hospitaleiro chamaria todos os peregrinos da “lista de espera” e os encaminharia para um ginásio, **onde haveria chão à vontade para todos**. Cama, colchão, travesseiros – claro que não havia.

Mas quem, com tanta juventude nas veias, iria importar-se com detalhes tão minúsculos!?

A liberdade estava ali, frente a frente comigo. Era só olhar o brilho nos olhos do jovem Joel, e vê-la, límpida e cristalina. Não senti ciúmes. Eu já conhecia aquela luz e nos meus olhos ainda resta um pouco desse brilho...

Jussara, julho de 1978

Eram 6 horas da manhã. O sol começava a nascer. Era um dia claro e bonito. Os frentistas do posto Brasília II começavam a chegar e a retirar os cadeados que lacravam as bombas de combustível durante a noite. O dia estava começando. O sonho também.

Tínhamos planejado essa aventura a mais de um ano. Nessa época, eu já havia morado e estudado um ano e meio em Goiânia e quase todos os finais de semana fazia esse trajeto de carona. Quase sempre em companhia de um dos amigos: Beto, Roberto, Wilson, Edy, Denide, Vilmar, Deusim ou Gilmar. O difícil era que os finais de semana daquela época, tal qual os de hoje, só tinham dois dias, e às vezes dois dias não eram suficientes para vencer de carona os 240 quilômetros que separavam Goiânia de Jussara.

*Algumas vezes, a carona empacava em uma cidade do caminho e eu tinha que dormir por ali. Logicamente em cima de algum banco de praça ou sob a marquise de alguma igreja, pois **o item dinheiro, até então, não me havia sido apresentado. Pura incompatibilidade de gênio...***

São Luiz de Montes Belos-GO, 1977

“Escutei ao longe um som parecido com sirene e despertei do meu cochilo, ainda meio zozzo. O barulho parou logo em seguida. Fechei os olhos e tentei voltar ao meu cochilo. O Beto, que estava deitado do outro lado, me cutucou.

– É a polícia! – sussurrou.

– Vamos continuar deitados – falei.

– Parece que estão vindo para cá! – disse o Beto.

– A praça é pública, e o banco da praça também, o que eles podem fazer!? – sussurrei.

– Melhor a gente ficar quietinho! Eles estão vindo para cá... e com o cacete na mão!... – lamuriou-se o Beto.”²³

O Crecré morava em Jussara e, portanto, nunca tinha sentido esse cheiro de liberdade. E foi de tanto eu falar das aventuras semanais das caronas que eu pegava, que ele foi se contaminando. Um dia, já completamente embriagado por aquele cheiro de liberdade, me chamou para atravessar o Brasil... de carona.

O sonho era ir até Assunção, capital do Paraguai. Eu só impus uma condição a ele: não podia levar dinheiro, já que ele era velho conhecido deste. Seu pai era dono do maior posto de combustível da cidade, e naquela distante década de 70, ser dono de posto de combustível era mais ou menos como ser dono de cartório hoje. Até hoje eu não sei por que escolhemos Assunção, e nem ele.

Aos poucos os carros começaram a chegar para abastecer nas bombas do posto. Como éramos conhecidos dos frentistas, pois o pai do Crecré era o dono do posto, essa primeira carona foi muito fácil. O difícil foi convencer a mãe e o pai do Crecré a não suborná-lo para que ele levasse dinheiro.

²³ São Luiz é uma cidade que fica na metade do caminho entre Goiânia e Jussara e, às vezes, nos tornávamos seus hóspedes a contragosto, por falta de carona para prosseguir rumo ao nosso destino final.

Como tínhamos dormido na casa dele, e eu já tinha presenciado toda a pressão para que ele levasse pelo menos um pouquinho de dinheiro, mantive-me em vigilância absoluta para que ele não fosse “subornado”.

Às 14 horas já estávamos em Goiânia. Pegamos uma carona direta com o Quinca do Indaiá.

*Cinco dias depois da nossa partida, estávamos em Bauru, Estado de São Paulo. **Descobrimos depois, num mapa, que esse não era o caminho mais curto para chegar a Assunção, mas isso não tinha importância, pois quem determina o caminho de um caroneiro é o destino.***

Durante esses cinco dias já tínhamos dormido em posto de gasolina, carrocera de caminhão e alpendre de escola. Descobrimos que alpendre de escola era o melhor lugar, pois era sempre limpo e protegido da chuva.

A tarde já estava indo embora e em seu lugar uma chuva fina com um leve vento frio começava. Precisávamos encontrar bem rápido um lugar seco e calmo para estendermos nossos sacos de dormir. Ao indagarmos a um policial se havia alguma escola ali por perto, ele disse que não havia nenhuma e perguntou por que estávamos procurando uma escola. Respondi que era para estender nosso saco e dormir.

– Por que vocês não vão para o albergue!?! – indagou.

– Albergue!?! – respondi curioso. Era a primeira vez na vida que eu ouvia essa palavra. Já a tinha lido em algum lugar, mas não tinha a menor idéia o que seria isso.

– O que é isso? Albergue? – indagou o Crecré.

– *É o local onde as pessoas podem dormir e se alimentar de graça, e fica logo ali, na segunda rua subindo*

– *respondeu o policial.*

– *“De graça!?! Não é possível, é muita renda pra minha poupança”, pensei comigo.*

– *E tá aberto? – perguntou o Crecré.*

– *Sim, está. Não fecha nunca – respondeu o policial.*

Saímos dali e partimos para o albergue já sonhando com uma cama macia de cobertor quente e um prato de comida. No caminho, fomos nos perguntando por que até então ninguém tinha nos falado sobre esse tal de albergue. Ainda bem que nossa viagem estava apenas começando e, daqui pra frente, a gente procuraria sempre por esse “Sr. Albergue”, pensamos.

Ledo engano.

A nossa conversa com o Joel e o Átila fluía alegremente turbinada pelo vinho rosê, até que chegamos a um assunto que as coisas desandaram:

– Qual a origem do seu nome e o que ele significa? – indagou Átila, o professor de História, a Joel.

– Tem origem bíblica e significa Jeová, Deus. É aquele que cria, que adora – respondeu Joel.

– E Valdir, Beto, qual origem, o que significa? – perguntou o professor Átila – respondemos que eram nomes comuns, típicos do Brasil. Não têm nenhum significado especial.

– Hum!... – concordou pensativo e indagou.

- E no Brasil, existe o nome Átila? – perguntou ele.
- Sim, é até comum, eu conheço alguns – respondi.
- Como assim, qual a origem!? – indagou espantado.
- A origem deve ser a mitologia grega. As pessoas acham o nome bonito e acabam colocando em seus filhos, eu acho – concluí.

Ele mal me deixou terminar a frase e elevando a voz, sentindo-se ofendido por eu ter achado que seu nobre nome tinha origem na mitologia grega, respondeu, em tom professoral gótico:

– Átila foi um poderoso guerreiro, rei dos hunos, e sozinho com seu exército quase derrubou o império romano no século V. Continuou por vários minutos sua aula enfadonha sobre seu nobre nome. **Acabava ali nossa tão curta amizade.** Pois, desde então, todos os encontros que tivemos pelo caminho, ele nos evitava e as conversas que sempre tínhamos nos finais de tarde nos albergues foram substituídas por um seco olá. Vai saber o que se passa na cabeça de um professor de História.

Animados pelas informações do policial sobre o albergue, em dez minutos já estávamos em frente a um portão de ferro com uma pequena guarita do lado. Brincando, apontei para o albergue e falei para o Crecré:

– Crecré, este é o albergue; albergue, este é o Crecré.
Ele fez o mesmo e apresentou-me ao albergue. Rimos muito.

- De onde vocês são? – perguntou o atendente.
- Somos de Goiás.
- De Goiás!? – indagou surpreso.

– Sim, do interior de Goiás, Jussara – respondemos.

Fez algumas anotações em uma ficha enorme, retirou os cadeados do portão e mandou entrar. Começamos a achar algo estranho: se o albergue era para dar cama e comida de graça, como disse o policial, para que guarita e portão com cadeado!?

Deparamos com um enorme salão coberto, cercado por muros altos e muitos colchões espalhados pelo chão – eram 18 horas. Havia cerca de 20 pessoas, escoradas nas paredes, deitadas nos colchões e sentados em volta de uma mesa grande no canto do salão. Todas muito estranhas e em sua maioria velhinhos. Disseram que às 20 horas serviriam sopa com pão. Começamos aí a ser apresentados ao “Sr. Albergue”. Sopa com pão não era bem o prato de comida que vínhamos sonhando no caminho até o albergue, mas também era melhor que nada. Um teto sem chuva, mesmo entre pessoas estranhas, era melhor que a área de troca de óleo de um posto de combustível. A nossa alegria não ia durar muito.

Por volta das 19 horas deu entrada no albergue um jovem senhor com sua esposa e duas crianças. Todos bastante sujos e maltrapilhos.

– Como funciona isso aqui, amigo? – indaguei ao jovem senhor.

– A Kombi da prefeitura pega as pessoas que tão perambulando pela rua e trás pra cá – respondeu ele, e completou – eles pergunta de onde você vei, e amanhã vem a moça da prefeitura e começa a arrumar os papel pra despachar ocê.

– Despachar pra onde? – perguntou o Crecré aflito.

– *Despachar pra cidade de donde ocê saiu – respondeu tranqüilo.*

– *Despachar de quê? – perguntei mais aflito do que o Crecré.*

– *De ônibus, uai!*

– *Ônibus!? – repetimos numa só voz, eu e o Crecré. Não podia ser verdade.*

– *Imagina só! Aonde ia parar nossa reputação de caroneiros, se chegássemos a Jussara de ônibus!?! – falei pro Crecré.*

– *E deportados!! – completou ele.*

– *E sem nem chegar perto de Assunção!! – choraminguei.*

*Não existe humilhação maior para um caroneiro que viajar de ônibus. Isso é contra todos os seus princípios. Mancha o seu currículo pra sempre. Significa aceitar a derrota, ser vencido pelo caminho, aprisionar a liberdade, virar burguês e coisas afins. **Para um caroneiro de verdade, tudo é aceitável, até confessar que foi apaixonado pela Marta do Simão,²⁴ mas viajar de ônibus, jamais.***

Agora eu entendia o que era um albergue. Era um lugar onde se depositava as pessoas rejeitadas pela vida, pela sociedade e até pela prefeitura, que lhes negavam o direito de ficar ou prosseguir, e lhes impunha a obrigação de voltar. Era uma espécie de limpeza social.

Essa notícia da deportação, e de ônibus, deletou por completo nosso sonho de uma cama macia e um colchão quentinho. Agora estávamos totalmente aflitos.

²⁴ Depois da labuta de uma noite inteira tentando pescar uma “mina da society” nos bailes do Canoão e quase nunca conseguindo, só nos restava procurar a Marta do Simão. E ela, tal qual nós, também quase nunca conseguia pescar o seu par. E depois de altas horas e muitos goles, a hora da xepa era chegada. Os “rejeitados” do baile partiam a sua procura tornando a disputa acirradíssima. E lá estava ela pronta a acolher o primeiro que chegasse, essa era a regra. Ela foi a primeira democrata que conheci: Amava a todos com o mesmo fervor.

Nem a sopa que começava a ser servida foi suficiente para acalmar nosso pânico. Temos que fugir, temos que fugir. Ora eu falava, o Crecré repetia. Ora ele falava, eu repetia.

Começamos a traçar os planos da fuga. Pela portaria não teria jeito, ela já estava fechada e mesmo com a nossa magreza não seria possível passar entre aquelas grades. Serrá-las com o nosso canivete, também não funcionaria. Pular o muro? Mas como!? Ele era muito alto.

Depois de muitos planos arquitetados e descartados escolhemos um: pular o muro. Consistia em esperar as pessoas dormirem, aí pegaríamos as cadeiras, as empilharíamos ao lado do muro, subiríamos em cima e pularíamos.

Tínhamos um encontro marcado com a liberdade, pena que havia um enorme muro entre nós.

Por volta das 21 horas os inquilinos do albergue já dormiam, mas a chuva tinha aumentado e começava a soprar um vento frio e uivante. Esperamos cerca de meia hora e a chuva diminuiu. Pegamos vagarosamente, três cadeiras e as colocamos ao lado do muro lateral, pois sabíamos que no muro de frente poderíamos ser vistos pelo vigilante da guarita. Colocamos duas cadeiras como base e outra em cima, fazendo uma espécie de escada. Subi na cadeira mais alta e mesmo assim as pontas das minhas mãos mal tocavam em cima do muro. Com um impulso consegui ver o que tinha do outro lado: Era quase em cima de um ponto de ônibus e tinha umas quatro pessoas no ponto. Mudamos as cadeiras para a outra ponta do muro. Subi na cadeira mais alta e com um

*impulso consegui subir no muro. O Crecré me passou as duas mochilas e eu as joguei do lado de fora do muro. Em seguida, ele subiu nas cadeiras e eu o ajudei a subir no muro. Enquanto isso, passavam duas pessoas do outro lado da rua e ficaram a nos observar, caminhando mais lento e olhando pra trás. Pulamos do muro pra rua, colocamos as mochilas nas costas, saímos correndo e viramos na primeira esquina. Enquanto corríamos a sensação de liberdade invadia o nosso espírito e aquela chuva fina, com **aquele vento uivante e frio chicoteando minha pele, nada mais era do que a certeza de que estávamos livres.***

Onde iríamos dormir? Nós não sabíamos nem tinha importância. Qual era o roteiro do dia seguinte? Não sabíamos nem tinha importância. Era só olhar o brilho nos nossos olhos.

Era o mesmo brilho que eu via, ali, nos olhos do jovem Joel.

Às 22 horas em ponto o hospitaleiro pegou a enorme “lista de espera” e começou a fazer a chamada um a um. Foram 58 peregrinos ao todo. Ao final da chamada, em tom solene, o hospitaleiro levantou o braço e disse:

- Sigam-me, vou levá-los aos seus aposentos! – e saiu caminhando rumo a um ginásio coberto com chão a vontade para todos.

Despedimo-nos ali do Joel, não sem antes, trocarmos e-mail e um forte abraço, com a certeza de que aquele encontro, de pouco mais de quatro horas, estará no meu coração, por bem mais de quatro décadas.

TUBARÃO E A ONÇA

14ª etapa

Burgos/Hornillos Del Camino

Domingo, 16 de julho de 2006

Distância a percorrer: 20 Km

Distancia já percorrida: 306,1 Km

Levantamos bem cedo e, na saída, quando fazíamos nosso alongamento diário, o nosso amigo César, carioca da gema, capitão de corveta da Marinha brasileira, apareceu fumando um cigarro. Disse que ia pegar um trem até Lion e desejou-nos boa sorte.

Na saída da cidade, pouco depois de uns dois quilômetros, ainda com a penumbra da noite no horizonte e a tênue luz da manhã chegando, atravessamos um longo campo de trigo recém-colhido. Seguimos por uma trilha, feita pelos passos dos peregrinos, que cruzava aquela enorme extensão perfeitamente plana como vários campos de futebol. **O sereno da noite ainda brilhava sobre os montes de trigo colhido.** O aroma de lavoura colhida penetrava em minhas narinas, inundava minha alma e me transportava para as colheitas de arroz, feitas pelo meu pai, na chácara em que morávamos na distante Jussara interior de Goiás...

Jussara, 1968

Nesses tempos de colheita de arroz, Tubarão era meu maior amigo. Era um vira-lata enorme, tinha a cor de cinza de fogueira de São João. Seu nome de batismo não era Tubarão, era Pipoco. Na época de festas juninas, não podia ouvir o “pipoco” de um foguete que se encolhia todo e corria desesperado à procura de um colo. Geralmente o meu.

*Dentro d’água ele nadava como um tubarão, e era assim que nós o chamávamos nas nossas brincadeiras de trisca²⁵ dentro do rio. **Com isso Pipoco morreu e nasceu Tubarão.***

Passávamos os dias correndo nas trilhas dos arrozais e nadando no córrego que banhava toda a extensão da nossa chácara. Tubarão era mais moleque que nós. Pulava de cima dos barrancos diretamente dentro do rio e a brincadeira de “trisca” só terminava quando o sol ia embora e ouvíamos ao longe, a voz da minha mãe se aproximando. Trazia sempre com ela um chicote de couro de bode. Tubarão, com os seus latidos diferentes, era o alarme que me avisava do perigo que se aproximava, e com isso eu tinha tempo para fugir das chicotadas de couro de bode de minha mãe. Às vezes, Tubarão falhava na sua tarefa, aí então, minha mãe se apoderava de minha roupa, que ficava sempre jogada na beira do rio, e como eu não podia ir embora pelado, eu tinha que buscá-la em suas mãos e, nessa hora, a chicotada de couro era inevitável.

²⁵ Brincadeira dentro do rio onde um dos participantes é o “trisca” que tenta triscar (tocar) em algum dos participantes que fogem mergulhando. Não vale sair para fora da água.

*Com o tempo Tubarão foi evoluindo sua tática de “defesa” e minha mãe não mais conseguia nos surpreender dentro do rio. **Mas minha mãe também evoluiu sua tática de ataque** e passou a chegar de surpresa na beira do rio, sem nenhum grito, sem nenhum chamado. Quando eu menos esperava, lá estava ela balançando meu short na mão.*

– Mas a senhora nem me chamou! – eu argumentava choramingando.

– Cria vergonha menino, você não está vendo que já está escurecendo? E vocês: Gás, Tadeu, Lobó, Jorge... saíam desse rio e vão embora! Depressa! – falava minha mãe comigo e com meus amigos.

Enquanto ela falava, eu já estava rodeando meu short na sua mão, tentando pegá-lo sem levar uma chicotada. Tarefa quase sempre impossível. Porém, vez por outra, enquanto ela se ocupava de mim, Tubarão pulava na sua mão, do outro lado, e conseguia pegar meu short com a boca e saía em disparada, com minha mãe em seu encalço. Mesmo sobre as ameaças de minha mãe, Tubarão jamais devolvia meu short a ela. Sempre corria até mim, quando então, eu pegava o short da sua boca, vestia bem rápido e saímos em disparada. Na maioria das vezes, Tubarão conseguia sentir a presença de minha mãe, muito antes dela chegar à beira do rio. Eu sabia disso quando, de dentro do rio, eu o avistava, lá em cima do barranco, com minha roupa na boca. Era o aviso de que minha mãe estava rondando a área. Hoje eu percebo que minha mãe se divertia mais que a gente, com aquela situação toda. Ela quase nunca me acertava uma chicotada e em Tubarão

as chicotadas nem chegavam perto. Às vezes, Tubarão gingava em sua frente, provocando-a e minha mãe acabava se entregando com um sorriso que escapava. Ela chamava Tubarão de moleque, como eu.

Tubarão participava de todas nossas brincadeiras, mas, em compensação, nós rolávamos na areia junto com ele e o ajudávamos a pegar calangos verdes. Tubarão era meu ídolo, eu era o ídolo de Tubarão.

*Um dia Tubarão foi levado pelos caçadores, amigos de meu pai, para uma “caçada de tatus”²⁶, a fim de aprender a caçar com o veterano Black. Criança que era, Tubarão não tinha malícia. Voltou da caçada com um olho furado e o corpo cheio de espinhos de luiz-caixeiro²⁷. Tempos depois, já adaptado com a visão só de um olho, Tubarão desapareceu. A minha alegria também. Meu pai disse que ele tinha sido roubado por algum fazendeiro da região, porque ele era muito brincalhão e bonito. **A esperança de encontrar Tubarão durou tanto quanto minha infância. Ou terá sido minha infância que durou tanto quanto a esperança de encontrar Tubarão?** Como continuar criança, se a minha alegria tinha indo embora com Tubarão? Pouco a pouco a infância foi me abandonando, até que um dia eu descobri que tubarão não tinha sido roubado.*

²⁶ O tatu era uma caça abundante na imensidão de mato que cercava o vilarejo de Jussara naquele longínquo ano de 68. Eu, ao contrário dos meus irmãos, não gostava de caçadas. Fui apenas umas duas vezes como carregador de lamparina, ofício relegado aos aprendizes. Trim e Noca, meus irmãos; Paulo, meu primo/irmão e o Fábio, meu sobrinho, foram exímios carregadores de lamparina nas caçadas de meu pai e seus companheiros.

²⁷ Pequeno animal, pouco maior que um gato, que possui o corpo coberto de espinhos.

Tinha sido morto por uma onça, em uma caçada de tatus. Tubarão era criança, não tinha malícia. Deve ter querido brincar de pique-esconde com a onça. A onça não era criança, tinha malícia.

Os anos se passaram e eu saí pra vida, mas aprendi bem cedo, que a vida não é criança, ela é onça, tem malícia.

Chegamos a Hornillos por volta do meio-dia. O albergue estava com a porta de entrada apenas encostada e fomos os primeiros peregrinos a chegar. O hospitaleiro não estava, porém sobre a mesa tinha um bilhete: “Podem entrar e se acomodar, volto em breve.” Assinado: hospitaleiro.

Fizemos o que o bilhete pedia: entramos e nos acomodamos. Logo depois, foram chegando outros peregrinos e, um pouco mais tarde, o hospitaleiro.

No percurso do caminho, ultrapassamos e fomos ultrapassados algumas vezes pelo nosso ex-amigo Átila, o rei dos hunos. Ele ainda não nos tinha perdoado por sermos tão ignorantes, a ponto de achar que seu nobre nome vinha da mitologia grega.

O HOSPITALEIRO

15ª etapa

Hornillos del Camino/Catrojeriz

Segunda, 17 de julho de 2006

Distância a percorrer: 20,5 Km

Distancia já percorrida: 326,1 Km

Tenho de Hornillos del Camino a lembrança da noite mais mal dormida que tive no caminho. Praticamente todas as cidades e vilarejos do caminho possuem quatro coisas em comum: uma igreja antiga, uma fonte, um albergue e um sino que, através das suas badaladas, das 8 às 22 horas marca o tempo dos vilarejos.

Hornillos Del Camino não era diferente, possuía tudo isso, mas com um detalhe, o albergue fica literalmente debaixo do sino da igreja, e como que para testar a fé e a paciência do peregrino, **o sino possui serviço 24 horas**. Durante toda a madrugada, de hora em hora, religiosamente, ele badala. Foram sete horas de cochilos e badaladas, nada mais.

Oh senhor! Por quem dobram os sinos nas madrugadas de Hornillos Del Camino!?

Apesar do cansaço do corpo, castigado pela noite mal dormida, um amanhecer deslumbrante me aguardava do outro lado da porta. Era meu “Amigo lá de cima” querendo fazer uma graça depois da penitência noturna.

Sáímos bem cedo e chegamos por volta das 11h30 em Castrojeriz. O Albergue abria às 12h30. Esperamos.

O hospitaleiro,²⁸ um jovem de uns 35 anos, cabelos, barba e carisma abundantes, recolheu nossas credenciais e foi chamando de dois a dois peregrinos. Pegou a mochila do Beto colocou-a nas costas, balançou pra lá, pra cá e fazendo do seu corpo e da sua experiência uma balança, deu o veredicto:

- Muito bom, peregrino inteligente, ta no peso ideal! – afirmou com palavras e gestos.

Repetiu o mesmo processo com a minha mochila e conclui que estava boa de peso. Fazia isso com todos os peregrinos. Para o peregrino que estava logo depois de nós com uma mochila enorme aos seus pés, ele, em tom de pura brincadeira, rodeou a mochila de um lado, de outro, **tomou fôlego, como quem se prepara para pegar um touro**, fez o sinal da cruz, e finalmente pegou a mochila e a pôs as costas; Retirou-a, de imediato, e em gestos, saiu procurando ar como se estivesse faltando-lhe o fôlego. Depois com as mãos postas e com cabeça, olhos e mãos voltadas para o céu, ficou imóvel por alguns segundos, como se estivesse fazendo uma oração para Cristo no caminho do Calvário, em seguida concluiu a sua encenação com o sinal da cruz.

Todos riram muito, e ele mais ainda. Esse tipo de recepção era o suficiente para descontrair todo mundo e integrar o peregrino ao albergue. Havia três dias que estávamos albergando juntos com dois jovens, um magro, alto e um pouco moreno e seu parceiro, mais baixo, muito branco, cabelo amarelo o que lhe dava uma aparência de albino.

²⁸ Um mês após o término da nossa caminhada (setembro de 2006), já no Brasil, recebi um *e-mail* do Acácio, informando de um acidente na Espanha, com um trem, em que morreram sete pessoas, entre eles estava o hospitaleiro de Castrojeriz. Devia ter te agradecido mais: pela acolhida, pelas brincadeiras, pela alegria de dar sem receber.

Desde Burgos, que Beto e eu estávamos a admirar o enorme tamanho de suas mochilas, e foi justamente com um deles que o hospitaleiro fez a encenação na brincadeira de pesar as mochilas.

E se ele, o quase albino, fizesse parte da Opus Dei. Comecei a viajar pelo livro de Dan Brown, o código da Vinci, no qual havia um personagem albino que usava um instrumento chamado “cilício” a perfurar suas coxas, por penitência. Nesse caso, também havia um albino. Seria sua penitência carregar uma mochila enorme, todos os dias, por mais de 20 quilômetros?

Quando o peregrino chega a um albergue, a primeira coisa que ele faz, depois de retirar as botas, é correr para o chuveiro, a fim de tirar a poeira e um pouco do cansaço que toma conta do seu corpo. Porém, essa dupla era diferente. Desde o penúltimo albergue, observamos que eles não tomavam banho. Retiravam a camisa e ainda com o corpo suado passavam um creme amarelado. Esperavam alguns minutos e passavam uma toalha²⁹ enorme pelo corpo, retirando parte desse creme. Depois vestiam a mesma camisa suada. Não mexiam na calça. Cueca? Não tenho notícia. Já tínhamos visto essa cena por duas vezes, não era possível que ela se repetiria pela terceira vez.

Dessa vez, eles fizeram um pouco diferente. Depois de passar o creme pelo corpo, colocaram o isolante no meio do salão e praticaram, durante uma meia hora, posições de ioga. Depois pegaram a toalha jumbo, enxugaram o suor junto com o creme e foram descansar, deitando em suas camas.

²⁹ A toalha deles era quase um cobertor em relação a nossa.

No início, juramos que eram franceses, pelo seu gosto peculiar de não tomar banho. Porém, estávamos enganados, eles eram alemães. **Certamente a cultura francesa já havia rompido as fronteiras alemãs.**

Nesse percurso fui procurado por minha companheira de viagem. Ela voltou. E voltou com muita saudade. A tática que eu havia adotado, de andar com o braço esquerdo solto, tinha conseguido enganá-la por três dias. Agora eu precisava encontrar outro meio de despistá-la novamente. Tinha de mantê-la afastada. Que fosse por três dias, ou menos, não importa. E já que eu estava caminhando com o braço totalmente solto, quem sabe apoiando o braço no cajado ³⁰, durante a caminhada, ela me deixaria?

Comprei um cajado.

³⁰ É uma espécie de bengala usada por quase todos os peregrinos. Serve para apoiar melhor o caminhar e também para espantar os cães do caminho. Uns se adaptam muito bem a ela, outros não.

O CAJADO

16ª etapa
Castrojeriz/Fromista
Terça, 18 de julho de 2006
Distância a percorrer: 28 Km
Distancia já percorrida: 346,6 Km

Chegamos a Fromista por volta das 14 horas. O cajado não tinha surtido efeito. A minha companheira de viagem, a Senhora Dor, tinha me visitado diversas vezes no caminho. Doeí meu cajado para o Beto que tinha, há algumas etapas atrás, feito um, como manda a tradição: retirando a matéria-prima da floresta. Porém, já o havia perdido há dias. Acho que foi uma perda “sem querer querendo”. Ele afirma que não. O fato é que dois dias depois, ele abandonou meu cajado em um albergue, desta feita, “com querer querendo”.

Os alemães estavam neste albergue. Átila, o rei dos hunos, também. Neste albergue não tinha cozinha, então nós fomos ao restaurante e mais uma vez fomos enganados pelo idioma. Para mim veio carne moída, ou melhor, amassada, com extrato de tomate e um pouco de arroz, sem sal, sem óleo, sem gosto. Para o Beto, um peixe de uns 30 centímetros, fininho e assado, sem tempero, sem sal, sem gosto. Pagamos 18 euros. Decidimos que, **doravante, albergue sem cozinha só em caso de emergência**. Não iríamos mais olhar se o albergue era particular, da igreja ou

da prefeitura. Se ficava perto ou longe, se era feio ou bonito. Iríamos olhar se tinha cozinha. E concluímos: **andar 25 quilômetros por dia com uma mochila nas costas, até que dar para suportar, mas quatro dias sem arroz, é pedir muito.**

Há dias o holandês Peter vinha sendo nosso parceiro em albergues e em encontros pelo caminho. Como ele conhecia o Brasil, era mais fácil comunicar-se com ele. Bastante magro, cerca de 45 anos, loiro, fumante inveterado e bom humor no sangue. Assim era nosso amigo Peter.

A FRASE MILAGROSA

17ª etapa

Fromista/Carrión de Los Condes

Quarta, 19 de julho de 2006

Distância a percorrer: 21 Km

Distancia já percorrida: 374,6 Km

Chegamos por volta das 12 horas. Ficamos em um albergue no Monastério de Santa Clara, século XIV. Pela primeira vez, ficamos em um quarto com camas individuais. Eram os quartos em que os monges viviam há mais de setecentos anos. Tinha duas camas, uma pequena mesa com cadeira e uma janela minúscula arredondada frontal à porta, acima das nossas cabeças. Através dela dava para perceber a exagerada espessura da parede que tinha cerca de um metro.

Fomos ao mercado, aos correios e a um centro de informática da prefeitura. Fizemos as compras de supermercado para o almoço e fomos para a cozinha do albergue. Almoçamos arroz, feijão, carne moída de pelota e tomate. **Após o almoço, percebi que tínhamos perdido a câmera fotográfica.** Havia mais de trezentas fotos tiradas. Pelo nosso levantamento, a teríamos esquecido no correio, ou no supermercado, ou no centro de internet. O mais provável era no correio, porém o mesmo já havia fechado. Ele funcionava das 8h30 às 14h30 e já eram 19 horas.

Fui até o supermercado, que só fechava as 21 horas, falei com uma funcionária e ela não entendeu nada, achava que eu estava querendo comprar uma câmera fotográfica e me respondia apontando para a rua e me ensinando como chegar até lá. Dirigi-me até o caixa e falei com outra funcionária, lentamente, em “portunhol”, que tinha esquecido a câmera fotográfica dentro do supermercado e se por acaso alguém não tinha achado. Ele apontou para a rua, indicando uma loja, pensando que eu queria comprar uma câmera. **Repeti novamente com mais gestos que palavras**, e ela só respondia:

– No entendo... no entendo!

Peguei a agenda, caminhei até o meio do supermercado, deixei a agenda cair e prossegui caminhando, tentando mostrar que era aquilo que tinha ocorrido com a câmera, ela tinha caído em algum lugar e eu não tinha percebido.

– No entendo... no entendo! – respondeu ela.

– Ok! – falei, e saí. Devo ter sido muito fraco no meu teatro ou ela estava querendo gozar com minha cara.

Como o correio e o centro de internet estavam fechados, eu fui para o albergue pegar nosso guia de conversação, para tentar voltar ao supermercado fazendo menos gestos e dizendo mais palavras. Folheei o nosso minúsculo tradutor e não encontrei as palavras: perdi, deixei, esqueci ou algo parecido. Mais tarde, por volta das 21 horas, encontramos o Peter, nosso amigo holandês, que entendia “portunhol” muito bem e pedimos socorro. Ele então me disse:

– Você chega lá e diz: “Perdimos nostra câmara”, basta isto, ela vai entender – disse ele.

– Só isso!? – indaguei.

– Sim, ok, só isso, ela vai entender!! – repetiu ele.

Como o supermercado já estava fechado, eu só iria testar a frase milagrosa no dia seguinte. **Adormeci treinando a frase milagrosa.**

O supermercado só abria às 10 horas, a central de internet às 11 horas, mas o correio abria às 8h30. Então, levantamos bem cedo e por volta das 7h30 já estávamos na praça, que ficava próxima a esses três pontos, prováveis locais de perda da nossa câmara. Enquanto aguardava a abertura do correio, vi um caminhão de verduras encostar-se a frente do supermercado e, em seguida, uma pessoa abrir uma das portas. Rememorei a frase milagrosa e corri pra lá.

– Buenos dias! – disse eu.

– Buenos dias! – respondeu a funcionária que estava abrindo a porta. Como eu havia aprendido a frase milagrosa no dia anterior. Na hora, pensei rápido: antes de pronunciá-la, eu preciso falar que foi ontem o ocorrido, pois se ela nem abriu o supermercado ainda, como eu posso ter perdido a câmara hoje!? “Pimba!”, pensei comigo, “vou introduzir a palavra ontem, em espanhol, antes da frase milagrosa aí ela vai entender tudo”.

– Ayer, perdimos nostra câmara! – falei.

– No entendo! – respondeu ela confusa.

– Ayer, perdimos nostra câmera! – repeti, pausadamente, e já um pouco desconfiado do efeito milagroso da frase do Peter.

– No entendo! – respondeu ela, um pouco sem graça. Pensei rápido. Vou tirar o “ayer”, pois pode ser que a frase só tenha o efeito milagroso, de ser entendida, se for pronunciada tal como aprendi. Rememorei rápido a pronúncia do Peter e falei já meio no desespero:

– Perdimos... nostra... câmera!

– Há sim! – respondeu sorrindo – fez o sinal de clic com os dedos na frente dos olhos. E completou – Ustê quieres adquirir una câmera!! – e começou a me ensinar o caminho da loja que vende câmera, que não por acaso, outra funcionária daquele supermercado já havia me ensinado por duas vezes no dia anterior e que eu já sabia de cor e salteado.

– No, no!! – respondi, cortando as suas palavras, antes que ela concluísse. Fiz um sinal para ela aguardar e atravessei a rua correndo até a praça. Fui até minha mochila que estava sobre um banco – o Beto estava dentro da Prefeitura olhando uma exposição – e peguei a capa da câmera. **Corri de volta e com a capa na mão pus-me a explicar-lhe, “com gestos”, o que eu não tinha conseguido explicar, verbalmente, depois de uma noite inteira de treinamento.**

Finalmente ela entendeu! Convidou-me a entrar no supermercado e repassar por todas as prateleiras, pois pode ser que alguém a tenha achado no chão ou em cima de alguma coisa e a tenha colocado em alguma prateleira, pois no escritório, onde ficam as coisas encontradas, não

havia nada. Repassei tudo e não encontrei nada. Ela pediu meu telefone, caso alguém encontrasse, ela me ligaria. Meu telefone estava a 11.000 quilômetros de distância, assim, preferi deixar meu e-mail.

Voltei para a praça e comentei com o Beto o ocorrido. Ainda restavam duas chances de encontramos a máquina: o correio e o ponto de internet. Poucos minutos depois observamos que a funcionária do centro de internet tinha parado seu carro na porta para descer alguma coisa. Corremos até lá. O centro de internet era montado em um grande salão com aproximadamente 15 computadores perfilados junto à parede cada um sobre uma mesinha tipo escrivaninha. Portanto, se a câmera estivesse lá seria fácil de ser encontrada.

– Buenos días! – Cumprimentamos a funcionária, e pronunciei a frase, supostamente milagrosa do Peter, acompanhada da capa da câmera e dos gestos de tirar foto nos dedos.

– Está cerrado. No está abierto! – respondeu ela. Respirei fundo e me preparei para repetir todos os atos teatrais para tentar fazê-la entender. **Depois de várias reprises da peça “A Câmera Perdida”**, ela entendeu o que queríamos e nos deixou entrar. Não encontramos nada.

Só restava agora o correio que pela minha lembrança, a câmera tinha ficado lá.

Chegamos ao correio faltando cinco minutos para abrir. Descemos nossas mochilas na porta e sentamos ao lado. Logo a seguir a porta se levantou e nós levantamos junto. O funcionário, um senhor grandalhão, gordo, aparência “Hagar, o horrível”, abriu a porta e caminhou para dentro do balcão. Nós entramos atrás.

– Buenos dias, *ayer perdimos nostra câmera!* – falei logo de cara sem nenhuma cerimônia e já com o Beto ao lado cuidando do figurino da peça: “A câmera perdida”, fazendo clic com os dedos nos olhos e mostrando a capa da câmera vazia. Ele entendeu tudo de primeira, mas não gostou. Disse que não havia nenhuma câmera ali. Enquanto isso, Beto e eu já espichávamos o olho para o lado de dentro do balcão tentando achá-la em algum lugar escondida. Este era o último lugar que faltava para a gente procurar, não poderíamos desistir fácil, pois o problema não era somente o valor da máquina, o problema era as mais de trezentas fotos que havíamos tirado no caminho.

– Se vocês acham que sua câmera está aqui, registrem uma queixa na polícia! – falou ele visivelmente chateado.

– Não é nada disso, mas ontem estivemos aqui, e temos certeza que ela ficou neste balcão, aqui de baixo – falei.

– Aqui não tem nada!... **Registrem a queixa na polícia!** – falou exaltado. E completou – Fica logo ali na entrada! Vão lá e registrem a queixa! – repetiu mais exaltado ainda.

– Tudo bem, então poderíamos deixar nosso endereço aqui para caso alguém a encontre, e a traga até aqui, o senhor possa nos enviá-la? – perguntei.

– Aqui não se entrega nada... Vá até a prefeitura e deixe lá seu endereço... É para lá que vão as coisas perdidas que são encontradas – falou irritadíssimo.

Finalmente a ficha caiu e percebemos que ele estava achando que nós o estávamos acusando de ter roubado nossa câmera, e por isso é que ele estava tão irritado. Saímos rapidinho e fomos embora. Encerrava-se ali a nossa esperança de recuperar as nossas mais de trezentas fotos.

Partimos de Carrion por volta das 10 horas, sob um sol já bastante forte. Um longo percurso de 27 quilômetros nos aguardava.

PETER

18ª etapa

Carrión de Los Condes/Terradillos de Templários

Quinta, 20 de julho de 2006

Distância a percorrer: 27 Km

Distancia já percorrida: 395,6 Km

O atraso na saída de Carrion e o percurso longo, sob um sol forte, foi bastante sofrido. Esse é, no caminho inteiro, o percurso mais longo entre dois vilarejos. Em todos os outros trajetos a distancia entre um vilarejo e outro geralmente é de 2 a 4 quilômetros e com isso você está sempre reabastecendo o seu cantil. Porém **neste trajeto são 17 quilômetros sem uma fonte para se reabastecer.**

Aproximadamente às 15 horas chegamos a Calzada de La Curzo, primeira cidade desse percurso, 17 quilômetros depois da partida. Logo na entrada da vila havia um albergue com a bandeira do Brasil. Isso nos fez parar e entrar.

O hospitaleiro era brasileiro, morava há 10 anos na Espanha e trabalhava no albergue que pertencia a um espanhol casado com uma brasileira. Paramos, pegamos água e, mais uma vez, encontramos nosso amigo Peter que estava só de calção na beira da piscina. Disse que talvez ficasse ali. Partimos em seguida, e paramos a uns dois quilômetros para lanchar debaixo de umas árvores do outro

lado da pista. Daí a pouco, sob o sol escaldante, apareceu ao longe, a silhueta do nosso amigo Peter.

– Oláááááá Peter!! – gritou o Beto, a plenos pulmões, para que ele ouvisse lá do outro lado da pista.

– Olá Brasil!!!... Olá Brasil!!!... Olá Brasil!!!... – repetiu ele, também a plenos pulmões, lá do outro lado da pista e, enquanto gritava, agitava os braços e gingava o corpo de um lado pro outro, imitando uma dança de torcida organizada. Nós repetimos os seus gestos do lado de cá.

Foi pura festa.

Chegamos a Terradillos por volta das 19 horas, bastante cansados pelo sol intenso durante toda a caminhada. O albergue não tinha cozinha. Mas não havia problema, pois tínhamos bastante comida na mochila. O nosso amigo Peter deve ter seguido caminho, pois não estava no albergue, que era o único da cidade.

Terradillos é uma cidade fantasma. Existem registros históricos, do ano de 955, que cita Terradillos como ponto de um albergue de peregrinos, que naquela época tinha o nome de Hospital de Peregrinos, pois, segundo reza a tradição, os peregrinos eram tratados nesses albergues, não só do corpo, mas também da alma. Hoje existe apenas um albergue particular, que cobra sete euros, e acolhe os peregrinos. Foi neste albergue que pernoitamos.

O CANTO DE BERCIANOS

19ª etapa
Terradillos de Templários/Bercianos
Sexta, 21 de julho de 2006
Distância a percorrer: 23 Km
Distancia já percorrida: 422,6 Km

Às 6h30 já estávamos na estrada. Depois de uma hora de caminhada, os primeiros raios de sol aqueciam nossas costas. Próximo a San Nicolas, quando passávamos ao lado de um bosque à nossa direita, que como nós, recebia os primeiros raios de sol da manhã, percebemos uma pessoa saindo do seu interior, caminhando sobre um enorme gramado que se estendia até nossa estrada. Parecia que vinha ao nosso encontro. **Porém seus passos eram mansos, como a esperar a nossa passagem.** Trazia algo nas mãos e com os braços estendidos, ao longe, parecia nos oferecer esse algo que trazia. Diminuímos nossos passos para esperá-lo, mas os seus passos tornaram-se menores como a nos dizer: continuem. Na medida em que caminhava e se aproximava pudemos perceber que ele cantava uma melodia ritmada como um canto de saudação. A sua voz ecoava por aquele bosque, penetrava na minha alma e eu me sentia inundado de felicidade, por estar vivendo aquele momento. Ele nos seguiu por alguns minutos, com o seu canto inebriante. Depois parou, e nós prosseguimos. Olhei para

trás e lhe acenei um adeus. Ele não respondeu. Talvez aquele não fosse um momento de adeus, mas de recomeço. Prosseguiu com seu canto caminhando de volta para o seu bosque e aos poucos, aquela melodia foi se tornando distante. Para mim era um anjo. Não daqueles que moram no céu, mas sim desses que vivem na terra e sabem que não basta alimentar o corpo do peregrino, é preciso alimentar a sua alma. O seu canto era tudo que minha alma pedia.

Mas eu jamais imaginaria que aquele canto matinal seria apenas o prenúncio de uma grande mudança, um novo jeito de ver o caminho. O canto daquele anjo terreno foi a chave para minha mudança de postura frente ao caminho. Até então, fustigado pela dor diária de adaptação do corpo frente ao fuso horário, a hora de deitar e levantar, a comida, a cama e a uma rotina de duras caminhadas, eu sentia muito pouco prazer no caminho. Eu só queria chegar ao destino estipulado para aquele dia, descansar e ficar mais próximo do fim do caminho. Esse era meu pensamento diário. Porém meu corpo já havia se adaptado a essa rotina desde Najera, Belorado, 10 a 12 etapas atrás. Por que então, eu não mudava minha postura frente ao caminho e continuava só querendo chegar e chegar e chegar? Encontrei fácil a resposta: Minha cabeça era a mesma de quando eu dei o primeiro passo. **O meu corpo havia mudado, minha cabeça não. Faltava mudar minha cabeça, meu coração. A chave para mudá-la veio através desse “triller” de canto e da sinfonia completa que me esperava, dentro de poucas horas, em Bercianos.**

A partir de então, passei a observar as pequenas coisas do caminho. Os primeiros sete quilômetros, até Sahagún,

depois dessa mudança de atitude, foi puro prazer. Descobri uma quantidade quase infinita de pequenas flores que cresciam à margem da nossa trilha de caminhada, como se fosse um canteiro cultivado por jardineiros. Passei a catalogá-las em minha mente pelo tamanho, forma e cor.

E enquanto percorria esses sete quilômetros até Sahagún, com um novo jeito de “enxergar” o caminho pude perceber que no caminho da vida nos estamos sempre querendo chegar. Nossa meta é sempre chegar. Estamos sempre planejando o nosso amanhã para chegar a algum lugar e quando chegamos recomeçamos nossa luta para chegar ao próximo e assim sucessivamente, até percebermos, muitas vezes tardiamente, que a **vida não é feita de chegadas, ela é feita de caminhos** e é nesses caminhos que você deve viver suas pegadas. E só há um modo de viver suas pegadas: percebendo as pequenas flores do caminho da vida.

Ao chegarmos a Bercianos, por volta das 12h30, o albergue, o único da cidade, só abria às 13h30. Pertence à irmandade paroquial. Possui paredes de adobe exposta, o que dá uma impressão de algo muito abandonado. Era um casarão quadrado de dois andares do século XVI, com estilo de cadeia antiga. Comentei com o Beto que o aspecto desse albergue era o pior até então.

Por volta das 13 horas chegaram três freiras, sorridentes e felizes por ver tanto peregrino já de prontidão à sua porta. Em instantes, abriram o albergue e nos receberam com copos de sucos gelados, com sorrisos e gentilezas. Era como se estivessem nos dizendo: “Entre peregrino, a casa é simples, o chão é de pedra, as paredes são de terra batida, mas o prazer

de acolhê-lo é infinito. **Entre, deixe-nos retirar o peso do seu ombro, o cansaço das suas pernas e a secura da sua alma**". Após anotarem as credenciais de todos os peregrinos, nós as acompanhamos até nossos aposentos.

As freiras nos falaram sobre a programação do albergue: às 17 horas, haveria uma roda de música; às 18 horas, voluntários preparariam o jantar; às 19 horas, a oração comunitária; às 20h30, o jantar e às 21h50, assistiríamos o pôr-do-sol, sentados no gramado do fundo do albergue.

Por volta das 17 horas havia uma grande sombra em frente ao albergue. Foram colocadas cadeiras formando uma meia lua na sua frente. Todos os peregrinos chegaram e foram acomodando-se nas cadeiras e em um enorme banco encostado na parede frente ao albergue. As três irmãs já estavam sentadas, com o violão na mão, sorriso no rosto e felicidade radiando como uma auréola de santo. Foi distribuída uma pequena cartilha, que continha letras de músicas regionais de exaltação à liberdade, à igualdade e à fraternidade.

Pedi que nós a acompanhássemos e, como havia mais de 10 nacionalidades ali presentes, solicitou a dois voluntários que traduzissem as instruções do espanhol para o inglês e para o francês. Ela puxou a primeira canção – viva a vida – e logo todos cantavam o refrão e batiam palmas intercaladas, acompanhando o ritmo da música. Vários outros presentes cantaram suas músicas regionais, e aos poucos todos se envolveram tanto, que a melodia das músicas uniu todos os presentes em uma linguagem universal chamada sentimento. Todos tinham ali a certeza de estar vivendo um momento ímpar, que ninguém jamais conseguirá apagar de

nossos corações. Era um momento mágico, onde pessoas de mais de 15 países diferentes e de quase todos os continentes, louvaram a vida, louvaram o viver.

Após a sessão de música, cinco voluntários foram convocados para fazer o jantar, que seria servido logo mais.

Por volta das 20h30, cerca de 50 pessoas, de nacionalidades, idades, países, e credos diferentes estavam sentados à mesa de três freiras em um monastério de mais de 200 anos para compartilhar o pão. Após o jantar, os voluntários foram lavar os pratos e arrumar a casa, Beto e eu no meio.

Tivemos uma pequena oração onde todos os peregrinos foram abençoados com o sinal da cruz feito com água na frente de cada um de nós, após passar pela porta da sala.

Logo após, fomos todos para fora assistir ao pôr-do-sol, eram 21h50. Enquanto isso, um dos nossos parceiros de peregrinação, cantava em perfeita harmonia, Always, de Frank Sinatra.

Por volta das 22h20 fomos dormir, ainda ouvindo, ao fundo, o nosso Frank Sinatra peregrino e já sentindo saudade daquelas três irmãs de Bercianos.

CRISTINE

20ª etapa
Bercianos/Mansilla de Las Mulas
Sábado, 22 de julho de 2006
Distância a percorrer: 23 Km
Distancia já percorrida: 445,6 Km

Chegamos por volta das 14 horas. No albergue encontramos a brasileira Ana Paula. Ela mora há um ano e meio na Espanha e é casada com um espanhol. Estava dando uma ajuda, como voluntária, juntamente com seu esposo, ao hospitaleiro; um alemão sorridente, simpático e de idade avançada. O albergue tinha capacidade para 72 peregrinos e já estava lotado.

Reencontramos os dois jovens alemães, que possuem costume francês, e também o Peter, que estava há uma etapa sumido.

Depois de lavarmos as roupas, encontramos nosso amigo Peter na cozinha e o convidamos para almoçar conosco, pois iríamos fazer compras para preparar o almoço. Ele também nós convidou, e no nosso diálogo torto, entendemos que ele tinha aceitado o nosso convite e ele entendeu que tínhamos aceitado o convite dele. Ficamos combinados de estarmos na cozinha dali a uma hora para almoçarmos. Enquanto o Beto ficou no albergue ajeitando o nosso varal de roupas lavadas para pegar uma brecha ao sol, eu saí para fazer as

compras no mercadinho. Chegando lá, já com quase todas as compras na cesta, dou de cara com Peter, com uma cesta cheia de compras:

– Pra que estas compras? É para o desjejum de amanhã?
– perguntou ele.

– Não. É para o nosso almoço! E as suas, são para amanhã?

– Não, não. Vocês é que são meus convidados, eu convidei primeiro. Deixe tudo isso aí, pois sou eu que vou fazer o almoço! – Falou incisivo. Ainda tentei argumentar, mas ele não deixou.

– Então está bem! Mas me deixa comprar pelo menos o vinho! – falei isso e caminhei para a prateleira de vinhos.

– Negativo, negativo!! A Cristine, nossa amiga do Canadá, vai almoçar com a gente e ela já comprou o vinho... Vocês são convidados. Sentenciou ele, sem dar-me mais nenhuma chance. Voltei para o albergue de mãos vazias.

Por volta das 16 horas já estávamos eu, o Beto e a Cristine em volta de uma mesa, conversando, ou melhor, gesticulando e tomando vinho, enquanto aguardávamos o almoço do Peter.

Cristine era uma senhora de 62 anos, nos documentos. A Cristine que estava ali, na nossa frente, tinha 45 anos, isso em minha opinião e na opinião do Beto, antes e depois do vinho, não durante. Muito alta, muito loira, um pouco acima do peso, mas não obesa. Estivera no Brasil há mais de 30 anos e recordava de pouca coisa. **Só não se esquecia do trecho de uma música do Chico Buarque.** Pedi que cantasse...

– *Morreu na contramão atrapalhando o tráfego... Beijou sua mulher como se fosse a única... Amou daquela vez como se fosse o último...* – Enquanto ela cantarolava, com

um enorme sotaque, uma emoção muito forte invadia aquela tarde e a tornava inesquecível.

– Construção, chama-se Construção! – falamos, quando ela concluiu.

O Peter chegou com uma sopa de pescado, era o prato de entrada. Distribuiu os talheres como manda o figurino francês, e sentou-se com a gente para saboreá-lo. Depois, trouxe um macarrão ao molho de tomate, como o prato principal e, por último, uma calda de mel com sorvete. **Foi um jantar abundante de comida e de prosa, regado a duas garrafas de vinho tinto, que serviu para enfeitiçar nossas almas e celebrar a amizade.** Depois do almoço, como manda a tradição do caminho, os convidados lavam as louças, e foi isso que Beto e eu Fizemos.

Depois de lavarmos as louças, voltamos à mesa e continuamos nosso papo com o Peter. Ele disse que não tinha dormido bem, no albergue anterior, devido ao barulho e que no próximo trecho ia dormir no campo³¹. O Beto ofereceu-lhe seu isolante, já que não o estava utilizando – o meu eu já tinha doado ao albergue de Estella, a umas 15 etapas atrás. Ele aceitou.

³¹ Dormir no campo significa dormir ao relento debaixo de alguma árvore no trajeto entre uma cidade e outra tendo como companhia o sereno da noite e geralmente um céu estrelado, além da distância segura de algum argentino (leia Galdino, o argentino página 136)

TERNURA

21ª etapa
Mansilla de Las Mulas/Léon
Domingo, 23 de julho de 2006
Distância a percorrer: 20 Km
Distancia já percorrida: 468,6 Km

Bem cedo já estávamos no caminho e, pela nossa programação, folgaríamos em Léon, fizemos uma pausa de um dia aqui para descanso e reiniciamos nossa caminhada no dia 25, uma terça-feira.

Durante a caminhada, fui aprimorando minha capacidade de observar as pequenas flores à margem da estrada. **O Beto tinha, há algumas etapas, aprimorado sua capacidade de “enxergar” o caminho e já vinha catalogando e, literalmente, experimentado todas as frutas do caminho, de modo que, no final da caminhada, ele tinha economizado muitos euros.**

Léon é uma das grandes cidades do caminho. Possui vários albergues. Escolhemos o albergue das Irmãs Beneditinas, que tem uma ótima estrutura. Porém, os beliches eram muito próximos e não havia travesseiros.

Reencontramos o húngaro que caminhara umas cinco ou seis etapas em paralelo conosco e que tinha

como companheira de caminhada a jovem Inês, do Canadá. Ele estava sozinho. Logo depois encontrei a Inês, quando me dirigia para uma internet. “Gesticulamos” um pouco e ficamos entendidos que ela estava em um albergue próximo à matriz e não caminhava mais com o húngaro, estava sozinha. Reencontramos também, nosso velho amigo Peter.

Recebemos notícias do Natal, via internet, ele diz que acabou de chegar a Santiago.

Passeamos pela cidade e o Beto comprou uma câmera fotografica exatamente igual a que perdi em Carrión.

Neste albergue, todos os dias, às 19 horas há uma novena na capela ao lado. Todos os peregrinos são intimados a comparecer, e antes de entrar na capela, a madre, chefe do convento, faz um ensaio, treinando-nos para repetir as frases decoradas, em determinados momentos da novena. Ensaíamos em pé, por uns 15 minutos, repetindo aquelas frases. Depois entramos na capela, toda decorada e pomposa. Inicia-se a novena, e, ao sinal da nossa monitora, repetimos as frases que decoramos.

Não encontrei Deus em nenhuma daquelas frases repetidas. Vi ali, naquela madre, a figura dos padres do livro Cabeça de Turco, escrito pelo jornalista alemão, Gunter Wallraff, que se disfarça de turco judeu, para denunciar o preconceito da sociedade alemã aos estrangeiros na década de 80. O seu personagem, Ali, sofre todo tipo de preconceito dos padres da igreja católica, quando

tenta conseguir o batismo para si mesmo, a fim de que possa casar-se com uma jovem cristã. É rejeitado por todos os padres da grande Berlim. Somente quando procura uma capela em um pequeno vilarejo, ele encontra um padre que te dá o batismo. Senti saudade da pequena Bercianos.

A partir desse episódio, da novena “mecânica” e obrigatória, tomei antipatia pelo albergue. E para complicar, **fui discriminado quando propus ajudar o albergue, oferecendo os travesseiros para as camas.** O hospitaleiro, um grandalhão, figurino a “la Hitler”, sentiu-se ofendido, e me mostrou uma cartilha – que eu já conhecia – utilizada por todos os albergues ligados à igreja, onde uma das regras, enumeradas na contracapa, diz: “O turista exige, o peregrino agradece”, dessa forma eles acham que o peregrino deve sempre agradecer, independente do tratamento que receba e, como quase todos seguem essa regra à risca, fica explicado o espanto do hospitaleiro. Tentei lhe dizer que em momento algum eu exigi nada, e que, se a falta de travesseiros, se devesse à falta de doadores, eu estava pronto a fazer essa doação. Perguntei o nome da madre superiora e disse que queria falar com ela. Ele não gostou, mas falou com ela e agendou uma conversa antes da novena “mecânica”. Uns 15 minutos antes da novena, eu já estava de plantão no local combinado. Para minha surpresa, a madre superiora era justamente a madre que conduzia a missa “mecânica”.

– Então é você que quer doar os travesseiros? – disse ela.

– Sim, sou eu. Como posso fazer essa doação?

– Infelizmente não podemos aceitar sua doação, pois nós já temos os travesseiros, mas os retiramos, pois dá muito trabalho para lavar. Decidimos não mais colocar travesseiros.

– Ok, *gracias* – respondi. **Eu já imaginava que a falta de travesseiros não estava relacionada à falta de dinheiro, mas sim à falta de ternura. Que saudade de Bercianos! – suspirei.**

Por volta das 20 horas, houve uma confraternização no albergue pelo dia de Santiago. Conhecemos o paulista Galdino, ele iria começar o caminho no dia seguinte. León é o local de onde partem muitos peregrinos, fica a 320 quilômetros de Santiago.

A COMPANHEIRA DE VIAGEM

22ª etapa
Léon/Villadangos del Páramo
Terça, 25 de julho de 2006
Distância a percorrer: 26 Km
Distancia já percorrida: 488,6 Km

Estava ainda escuro, quando levantamos para iniciarmos nossa caminhada acompanhados do Galdino, o brasileiro paulistano, que pediu para caminhar com a gente. Deixamos o albergue as 06:10h e partimos pelas estreitas ruas e vielas de Léon. **A penumbra da noite dificultava a nossa saída da cidade.** Fomos socorridos por uma senhora freira, que ao pedirmos informações, ela simplesmente deu meia volta, deixou sua companheira seguir sozinha rumo a sua oração matinal e voltou nós guiando por várias quadras, até encontrarmos o caminho das setas amarelas.

Chegamos a Villadangos por volta das 12:00h. O albergue era muito bom, porém a cidade estava em festa e não havia nada aberto. Fomos salvos pelas máquinas de auto-atendimento que havia no albergue com algumas guloseimas no seu cardápio.

O nosso amigo Galdino caminhou seu primeiro dia de forma tranqüila.

O albergue tem convênio com a universidade de Podologia e todos os dias, três estagiárias atendem os

peregrinos tratando de suas bolhas. O nosso método de usar vaselina todos os dias antes de calçar as botas, aliado às nossas rotinas de parada a cada duas horas com retirada das meias, parece estar dando um bom resultado, pois já cumprimos dois terços do caminho e ainda não tivemos nenhuma bolha. Somos exceção, entre todos os peregrinos que encontramos. Por enquanto, não encontramos nenhum daqueles com quem conversamos, que não tenha sofrido com as bolhas.

Apesar de nós estarmos dando um show nas bolhas, a minha companheira de viagem, a Senhora Dor, vinha ganhando de lavada das minhas táticas de despistes. O meu ombro esquerdo, que mesmo tendo ganhado um alento, depois da passagem pelo bosque do anjo terreno, continuava sendo o abrigo predileto da Senhora Dor. Nesse trecho, logo depois de sua visita, “meio a contragosto”, pus em prática mais uma tática para despistá-la. Descobri que, quando eu estivesse caminhando e ela aparecesse, se eu colocasse minha mão esquerda, um pouco acima da cintura e um pouco inclinada para trás, lentamente ela ia sendo expulsa. Explico o “meio a contragosto”: o problema era caminhar nessa posição sem ter minha masculinidade ferida. Era realmente uma cena hilária: um cidadão no caminho de Santiago, com uma mochila nas costas, sob um sol escaldante e caminhando feito gay... Se bem que ao passar por algum peregrino, eu o cumprimentava com o tradicional “olá” e complementava, com um forte sotaque: “Viva Perón, Viva Evita!!”, como um legítimo argentino.

De qualquer modo, eu não tive escolha, e entre a masculinidade arranhada e a companhia da Senhora Dor, optei pela primeira.

GALDINO, O ARGENTINO

23ª etapa

Villadangos del Páramo/Astorga

Quarta, 26 de julho de 2006

Distância a percorrer: 28 Km

Distancia já percorrida: 514,6 Km

Este foi um trecho muito difícil, pois cerca de 18 quilômetros foram percorridos sobre um terreno bastante acidentado e com muitas pedras. Nesse tipo de terreno, nas descidas, o joelho é muito exigido. Você coloca todo o seu equilíbrio e peso sobre os ligamentos do joelho, pois é um terreno que exige que você caminhe freando sobre pedras e com o peso da mochila sobre as costas. São comuns as lesões e tombos nesse percurso. Foi nesse caminho que nosso amigo Galdino conheceu quem é dono de quem, quem é o senhor de quem. Não é você que domina o caminho e dita as regras, é justamente o contrário. **É o caminho que faz o peregrino e não o peregrino que faz o caminho.** Ele chegou ao albergue com uma enorme bolha e os pés inchados, além de um pequeno sangramento em um dos dedos dos pés, causado pela unha. Depois do banho saiu e comprou pomadas, talcos, água benta e tudo mais que pudesse curar bolhas.

Nesse albergue reencontramos nosso Frank Sinatra peregrino, que caminhava junto com a esposa, a mãe e uma filha já adolescente. Senti saudade do seu show em Bercianos,

a “la Frank Sinatra”, com seu vozeirão de barítono invadindo aquele albergue de paredes de adobe, mas de acolhida de rei. O Beto, Galdino e eu, ficamos em um quarto com dois beliches e com isso sobrou uma vaga, que mais tarde foi **ocupada por uma “infeliz” francesinha. Este “infeliz” não é por que ela era triste, e sim porque a infelicidade a esperava.**

Ficamos Beto e eu nas camas de cima do beliche e o nosso amigo paulistano, Galdino, mais a francesinha nas camas de baixo.

Realizamos a rotina diária: lavar roupas, passear pela cidade, comprar mantimentos e preparar-se para dormir, ainda com sol no horizonte. Deitamos por volta das 21h50. Como sempre, poucos minutos depois de deitado eu já estava dormindo. O barulho não me atrapalhava, porém o Beto só conseguia dormir com tampões nos ouvidos.

Tudo ia bem até os 10 primeiros minutos, quando o nosso amigo paulistano iniciou a roncaria. Começou com uns roncos tímidos, até suave, tanto é que até dormi. Por volta das 2 horas acordei com um barulho muito grande, que a princípio eu imaginava ser tudo, menos ronco. Mas era ronco. O ronco do nosso amigo Galdino era intercalado pelo protesto da infeliz francesinha. Era um ronco com eco, isso mesmo, ronco com eco. Quem já teve a infeliz experiência de conhecer o ronco do nosso amigo Sílvio Trivela, cidadão goiabense ³² que até então, era o mais escandaloso que eu conhecia, acrescente o eco no ronco o Sílvio Trivela, que você terá algo, timidamente, similar ao ronco do nosso amigo Galdino.

³² Natural de Inhumas, pequena cidade do interior de Goiás.

O ronco não era só na inspiração, como na maioria das pessoas, era também na expiração. Era na arrancada e na freada como dizia nosso amigo César, o carioca da gema, capitão de corveta da Marinha brasileira, que não presenciou esse ronco, mas conheceu alguns nos albergues do caminho. Entre o espaço da arrancada e da freada, a infeliz francesinha introduzia o seu protesto, em francês, pronunciando algo como:

Francesinha: “Parô, pocô, rocô, aí, aí, aí, aí !!”

Galdino: Freada com eco...

Francesinha: “Parô, pocô, rocô, aí, aí, aí, aí !!”...

Galdino: Arrancada com eco...

Francesinha: “Parô, pocô, rocô, aí, aí, aí, aí !!”...

Galdino: Freada com eco...

Francesinha: “Parô, pocô, rocô, aí, aí, aí, aí !!!”...

Galdino: Arrancada com eco...

Francesinha: “Parô, pocô, rocô, aí, aí, aí, aí !!”...

E resumindo a ópera: arrancada = lamento; freada = lamento.

Enquanto isso eu tossia no meu beliche e o Beto, que estava no beliche acima do Galdino, mexia para um lado para o outro fazendo barulho e balançando o beliche inteiro. Mesmo com toda essa sincronia e alternância de movimentos e barulho entre o Beto, a francesinha e eu, ele só virava de lado e menos de 10 minutos depois reiniciava toda a novela de novo. **Depois de inúmeros capítulos repetidos de arrancadas, freadas e lamentos, a francesinha perdeu a paciência. Saiu do quarto e foi deitar do corredor.**

Como a distância do corredor para a roncária do Galdino era de apenas uma parede, que não isola nenhum barulho, ela passou a ter dois problemas: o frio do corredor e o ronco do Galdino. Creio que foi por isso que, depois de uns 20 minutos, ela voltou e silenciou-se frente à roncária.

Como o barulho não me incomoda para dormir, mesmo com essa ópera tosca ocorrendo ao meu lado, depois que a francesinha saiu para o corredor e voltou, parei de me preocupar em calar o Galdino, e com isso dormi. Acordei às 5h40 e a francesinha já estava de pé, arrumando sua mochila, com a cara toda amassada. O Beto foi mais solidário que eu com a francesinha, pois sua cara estava tão amassada quanto a da francesinha.

Esse ronco excessivamente alto e desproporcional é explicado pelo enorme desgaste sofrido pelo corpo, ainda não adaptado, diante de um esforço físico muito grande. É comum pessoas que nunca roncaram, roncarem bastante nos primeiros dias de caminhada e depois de algumas etapas silenciarem o seu sono. Foi o caso do nosso amigo paulistano.

De manhã bem cedo, não comentamos nada com o Galdino. É regra, não escrita, mas de conduta, não se comentar nada com o roncador. **Coisas de primeiro mundo.** Porém, o comentário entre as vítimas dos roncadores é totalmente livre e quase que uma obrigação que as vítimas têm de comentar com os outros peregrinos, para que eles possam se precaver e escolher beliches longe deles. No convívio do caminho e do dia-a-dia não existe nenhuma distinção entre roncadores e não-roncadores, mas na hora de escolher o beliche nos albergues, vale ouro você saber

quem ronca. Por isso, é que você tem a obrigação, quase sacerdotal, de apontar, discretamente, os roncadores para os seus amigos de caminhada. Essa “deduração” serve até como um desabafo por uma noite tão mal dormida. É uma forma de alento para com as vítimas de tão grande sofrimento.

Seguindo esse raciocínio, assim que o Galdino saiu para o banheiro, o Beto e eu pedimos desculpas pelos roncões do nosso amigo. **Foi aí que cometemos nosso mais grave erro.** Até então, a honra dos brasileiros estava preservada, nenhum ainda havia sido dedurado como roncador. Porém, a partir dali o que iriam pensar os franceses, ingleses, espanhóis, holandeses, húngaros, americanos e etc. sobre os brasileiros? Iriam pensar que os brasileiros são roncadores, e o que é pior, roncadores com eco!! Pois quando se “dedura” um roncador no caminho, o mesmo nunca é identificado pelo nome, pois quase ninguém se conhece pelo nome e sim pela nacionalidade. Desse modo, o Beto e eu somos conhecidos por brasileiros, e só. Como esse era o segundo dia que o Galdino caminhava com a gente, quando a francesinha fosse divulgar a noite mal dormida ele iria falar: “Sabe aqueles dois brasileiros, um magrinho, branco e outro moreno que caminha com a bandeira do seu país amarrada na mochila?”³³ Pois é, o roncador é um baixinho que está caminhando com eles. “É desse modo que as pessoas são identificadas no caminho. Baseado nisso e por analogia, todos iriam concluir que o Galdino também era brasileiro, e então adeus reputação conquistada ao longo de 25 dias e 510 quilômetros.

³³ Durante todo o trajeto caminhei com uma bandeira do Brasil sobre a mochila.

Falei para o Beto: temos que tomar uma providência, não podemos deixar a reputação do Brasil ir pra lama. Arquitetamos um plano: vamos falar pra francesinha que o Galdino é argentino, com isso nós nos vingamos do argentino Maradona, que colocou sonífero na água da nossa seleção na copa de 1998, e ainda salvaremos nossa reputação.

A distância até o próximo destino, Rabanal del Camino, era de 21 quilômetros, eu acelerei meus passos, a fim de encontrar a francesinha na sua parada de descanso, que eu não sabia onde era, mas sabia que ela pararia. Como ao longo dessa caminhada eu sempre caminhava um pouco na frente do Beto, pois cada um tem o seu ritmo, o Galdino que estava atrás caminhando com o Beto, não desconfiava de nada. Espero que ele entenda, pois **era a honra do Brasil que estava em jogo.**

Depois de 9,5 quilômetros de caminhada, encontrei a francesinha, descansando ao lado de umas ruínas, na entrada de Santa Catalina de Somoza. Cumprimentei-a, e sentei ao seu lado. Ela estava um caco, e o seu sorriso para mim, foi algo como o sorriso do enforcado.

– Nosso amigo A-r-g-e-n-t-i-n-o não deixou a gente dormir, peço desculpa! – disse eu, grifando pausadamente a palavra argentino. Ela apenas deu um leve sorriso.

– Nosso amigo A-r-g-e-n-t-i-n-o não deixou a gente dormir, peço desculpa! – repeti, mais pausadamente ainda e fazendo gestos de dormir, acordar. Ela respondeu com um sorriso mais espontâneo.

– Nosso amigo A-r-g-e-n-t-i-n-o não deixou a gente dormir, peço desculpa! – ela sorriu, quase gargalhando.

– Ok, ok, argentino!! – ela falou.

– Sim, ARGENTINO!! – repeti, quase gritando de

alegria. Pronto ela tinha entendido. Terminamos o lanche juntos e ficamos “gesticulando”.

Depois de uns 30 minutos, ela já estava pronta para partir eu disse que ia esperar meu amigo brasileiro e o argentino que estava caminhando com a gente. Mal disse isso, o Beto e o Galdino apareceram. Fiz sinal para o Beto que o plano tinha dado certo. Ele vibrou em silêncio. **A francesinha seguiu seu caminho com a certeza de que os argentinos roncam muito. E com eco**

O CANTO GREGORIANO

24ª etapa
Astorga/Rabanal del Camino
Quinta, 27 de julho de 2006
Distância a percorrer: 21 Km
Distancia já percorrida: 542,6 Km

Durante o trajeto, passamos por uma família caminhando, o pai, a mãe, dois filhos, duas sobrinhas e um amigo dos filhos. Eram duas meninas e três meninos com idade entre 7 e 12 anos. Quando passei por eles, com a bandeira do Brasil nas costas da mochila, um deles me chamou e disse:

– Brasil!... você é do Brasil?... você vê o Ronaldinho lá?

Eu disse que sim, e que o Ronaldinho era muito amigo meu. **Menti**. Eles ficaram maravilhados comentando entre si, enquanto eu continuei caminhando.

Ao chegarmos, fomos informados, pelo hospitaleiro, que às 19 horas haveria canto Gregoriano na capela da vila.

Os meninos, fãs do Ronaldinho, também vieram para o nosso albergue. Um deles, o Frederico, que estava com uma camisa do Barcelona, pediu para o Beto trocar pela camisa do Brasil, e o Beto trocou. O Alexandre, não tinha camisa de time nenhum e me ofertou uma camisa sua, segundo ele, símbolo da Espanha, para trocar pela minha camisa do Brasil, não tive como recusar.

Às 19 horas fomos à capela e assistimos o canto gregoriano. O nosso amigo “argentino”, que até então, conhecíamos muito pouco, aproveitou a paz do caminho e o lúdico canto gregoriano e desabafou com a gente: tinha perdido a esposa há dois anos, depois de uma luta de mais de cinco anos contra o câncer. Desde então, tinha perdido o gosto de viver. Tem duas filhas, uma de vinte e outra de vinte e um anos. Ficou um ano e meio perdido no tempo e há pouco estava tentando retomar a sua vida rotineira. É diretor de uma grande empresa em São Paulo e não tinha problemas financeiros. As suas filhas chegarão daqui a três dias e virão juntar-se a ele, para seguirem juntos o restante do caminho, de Sarriá a Santiago, a 113 quilômetros.

Contou-nos, da dificuldade que tinha em se desligar desse passado: todo o quarto, mobília, e até os óculos da ex-esposa continuava sobre o criado do seu quarto. Desde então, tinha passado a dormir na sala.

Fez muito frio, durante toda a noite e, de manhã, sob agasalhos, pegamos o caminho, já com um sentimento diferente em relação ao nosso amigo paulistano.

TRUPE BRASIL

25ª etapa
Rabanal del Camino/Molinaseca
Sexta, 28 de julho de 2006
Distância a percorrer: 21 Km
Distancia já percorrida: 563,6 Km

Esta foi uma etapa difícil e foi onde encontramos um dos monumentos mais importantes do caminho: a Cruz de Ferro. Ao chegar até a cruz, cada peregrino deposita uma pedra ao seu pé. Muitos trazem essa pedra do seu local de origem, outros a pegam ali mesmo. Ao colocá-la ao pé da cruz de ferro, muitos acreditam estar depositando ali, todo o seu sofrimento. **É a troca da dor física e emocional pela fé.** A quantidade de pedras já toma grande parte da estrutura da cruz, atingindo mais de cinco metros de altura.

Meu amigo Galdino, o “argentino”, e eu, conversamos bastante sobre isso durante a caminhada. Ele disse que se sentia melhor, pois tinha desabafado um pouco. Cerca de dois quilômetros depois da cruz de ferro, passamos ao lado de um alambrado que se estendia por mais de um quilômetro onde havia milhares de pedaços de madeira formando milhares de cruces, na tela do alambrado. Reza a tradição que cada cruz daquela colocada ali por um peregrino, representa a libertação de uma cruz, que ele, peregrino, vinha carregando pela vida. Falei isso para o Galdino. Ele me respondeu:

– A minha cruz está aqui, sobre minhas costas. É minha querida esposa, representada por essa mochila e que a levarei até Santiago, custe o que custar. Aí sim, pretendo me libertar do passado e voltar a viver.

Chegamos às 14h30, mas o Galdino ia continuar sua caminhada até a próxima cidade, Ponferrada, a oito quilômetros, pois precisava acelerar seu ritmo para que dentro de três dias estivesse em Sárria para buscar suas filhas no aeroporto de Santiago e, depois, voltar para Sárria, a fim de reiniciar o caminho juntamente com elas. **Despedimos emocionados, tínhamos nos tornado não apenas amigos, mas cúmplices das nossas dores e alegrias.**

Ao chegarmos ao albergue deparamos com a possibilidade de dormir em barracas que já estavam montadas no gramado lateral.

Encontramos, no albergue, um grupo de brasileiros: o Marcelo do Paraná, que tinha começado o caminho em Logrono, sete etapas depois da nossa; o Saulo de Assis - SP, que tinha começado em Pamplona, 3 etapas depois da nossa; o Pedro do Rio de Janeiro, que tinha começado em Saint Jean Pied de Port, como a gente e a Frederica uma jovem italiana que tinha começado em Roncesvalles, uma etapa depois da nossa e estava caminhando com o grupo. Eles estavam caminhando juntos, há algumas etapas e pretendiam chegar a Santiago dentro de 9 dias. Nós chegaríamos daqui a 11 dias, pela nossa programação.

VITOR

26ª etapa
Molinaseca/Cacabelos
Sábado, 29 de julho de 2006
Distância a percorrer: 24 Km
Distancia já percorrida: 584,6 Km

Chegamos por volta das 13 horas. Foi uma caminhada tranqüila onde notei que começava a predominar, nos arredores das nossas trilhas, flores de cores e formatos diferentes. Talvez pela abundância da água naquela região, onde também havia uma grande quantidade de pequenas hortaliças, cultivadas nos fundos de pequenas propriedades.

Desde as primeiras etapas da nossa caminhada que um fato chamava muito a minha atenção: não existiam cercas entre as propriedades. **Já tínhamos caminhado mais de 500 quilômetros e nada de cercas dividindo propriedades.** Tínhamos passado por albergues, cujo dinheiro do caixa ficava exposto sobre uma mesa, onde você pagava e você mesmo pegava o seu troco. Nota: não era caixa eletrônico, nem havia guardas armados ao lado da mesa.

Tínhamos passado por albergues, onde você mesmo marcava o seu tempo gasto de uso na internet, calculava o preço e colocava o dinheiro dentro de uma caixinha sem chave e sem cadeado. Tínhamos passado por “n” bares e cafés lotados onde consumo. Depois de tudo isso, fui aos poucos entendendo você, depois de ser servido, e quem dizia ao garçom o seu

melhor o meu amigo Vitor. Caminhamos juntos em várias etapas desse caminho, mas até então, eu não lhe dava muita prosa. Ele me parecia um pouco lunático, libertário e utópico, além de lúdico. Mas os acontecimentos do caminho começavam e me mostrar o contrário. Ele me dizia que o senso do que é certo, do que errado e o respeito ao direito do outro, é um princípio básico, inerente a todo cidadão deste continente. Os princípios morais se sobrepõem às leis escritas. Ao contrário do nosso país – esqueci de dizer, Vitor é brasileiro –, onde vigora a lei do “mais esperto”, do levar vantagem em tudo.

– E o pior - disse ele –, é que quando você levou vantagem, alguém levou desvantagem, e esse alguém que levou desvantagem, é sempre a parte mais fraca. Até quando essa parte mais fraca continuará a levar desvantagem sem reagir?

Eu não soube responder. Ele complementou:

– Até o dia em que ou a sua esposa, ou o seu filho, ou você, for a vítima. Aí então, você perceberá que essa parcela “miserável” da sociedade já está reagindo. Pois até então, o problema era do seu vizinho e não seu, era do “outro” e não seu. Aí talvez, já seja um pouco tarde para você começar a olhar em sua volta, e perceber que seu castelo, está sobre um mar de lama. Tudo bem, não foi você quem jogou essa lama, não foi você quem produziu essa lama, mas **você nunca levantou um dedo, para impedir que essa lama tomasse conta do seu país. Foi omissa.** E a omissão, em um país miseravelmente desigual, talvez seja mais grave que a própria lama.

Enquanto Vitor fazia sua pregação, eu acompanhava seu raciocínio e ia colocando a carapuça na minha cabeça, que se encaixava perfeitamente, sob medida.

O ESPIÃO

27ª etapa
Cacabelos/Vega de Valcarce
Domingo, 30 de julho de 2006
Distância a percorrer: 26 Km
Distancia já percorrida: 608,6 Km

Recebi e-mail do Galdino falando que tinha chegado muito mal na próxima cidade, com bolhas e dores. Ia ver se no dia seguinte amanheceria melhor e conseguiria chegar ao destino programado. Disse ainda no e-mail que havia deixado dois recados para nós no caminho.

No caminho, logo depois da segunda cidade, a cerca de 10 quilômetros da nossa partida, ao entrar na cidade, fui abordado por um cidadão que me perguntou se eu iria para Santiago. **Ele disse que eu estava no caminho errado, que teria que voltar e pegar a “carreteira”**. Eu disse que sim, iria pegar a carreteira. Disse isso apenas para me ver livre dele, pois havia várias setas amarelas indicando o caminho por onde eu estava caminhando e nenhuma me mandando para a carreteira. Como já estava na hora de parar para descansar, eu parei ali mesmo. Logo em seguida o Beto chegou. Comentei com Beto o ocorrido, e ele também sabia que o caminho era por ali mesmo. Descansamos por uns 20 minutos e depois continuamos. Quando já íamos saindo da cidade, passando sobre uma longa ponte, lá vinha, em

sentido contrário, o tal sujeito da carreteira. Disfarcei pra ver se ele não me abordaria, mas não adiantou.

– Você não vai para Santiago? Santiago é pela carreteira – disse ele, apontando-me o caminho de volta para a bendita carreteira.

– Sim, vou para Santiago, mas só estou indo ali visitar um amigo, depois eu volto para a carreteira. Menti. O Beto vinha logo atrás, aí então mostrei pra ele o tal indivíduo com a mesma história de antes: querendo me levar pra carreteira. O Beto, então, comentou: **esse cara deve ser um espião argentino**, que já descobriu que fomos nós que disseminamos a história do ronco e está querendo te seqüestrar para nos calar. Concordei com o Beto.

Tínhamos programado ficar no albergue Brasil, de um brasileiro goiano, porém para nossa surpresa o mesmo estava fechado aparentemente abandonado. Na porta havia aviso de que estavam limpando.

Por volta das 18 horas, depois de termos nos alojado em um albergue da prefeitura, e já termos feito e saboreado nosso almoço, voltamos ao albergue do brasileiro goiano para tentar encontrá-lo. O Albergue estava aberto. Fomos muito bem-recebidos pelo Itabira, natural de Goiânia. Perguntou o que queríamos ouvir do Brasil:

– Eu tenho tudo – disse ele.

Saboreamos Zé ramalho e sua trupe. Ficamos por ali, na cozinha, conversando trivialidades por quase duas horas, enquanto ele preparava um feijão tropeiro regado a lingüiça, muita cebola, alho e salsa verde. Itabira é um cidadão de 52 anos, porém aparenta muito menos, magro, alto, cabelos longos estilo hippie dos anos 70. Voltamos para nosso

albergue por volta das 20 horas com a alma mais leve, alimentada pelos sons do Brasil.

No albergue, reanalisamos nosso roteiro e resolvemos readaptá-lo de modo que pudéssemos chegar a Santiago no domingo e não na segunda, principalmente porque os nossos amigos Galdino, Pedro, Saulo e Frederica iriam chegar no domingo – Marcelo, o paranaense, havia se adiantado do grupo para chegar antes em Santiago. Alteramos também, nosso roteiro, para que fosse possível dormir, um dia antes, a cinco quilômetros de Santiago, em Monte Gozo, desse modo poderíamos chegar a Santiago bem cedo e assistir a missa do peregrino de domingo, ao meio dia, com botafumeiro e tudo.

Muito se tem falado nos albergues sobre esse trecho que vamos enfrentar. **É considerado o trecho mais difícil dentro da Espanha.** Muitos peregrinos deixam as mochilas no albergue para serem levadas por um carro que cobra dois euros por mochila. São 12 quilômetros de subidas, grande parte em trilhas muito íngremes com muita pedra. Porém, depois de mais de 500 quilômetros percorridos, não senti o menor receio. Terei me enganado? O caminho dirá.

GALÍCIA

28ª etapa

Vega de Valcarce/Fonfría

Segunda, 31 de julho de 2006

Distância a percorrer: 23 Km

Distancia já percorrida: 634,6 Km

Saímos ainda escuro. Tive um susto quando me deparei com uma enorme fila de mochilas deixadas pelos peregrinos para serem levadas de carro. Pensei comigo: “será que esse trecho é tão complicado assim mesmo?”

Este é o trecho do “O Cebreiro”, que marca a entrada no estado da Galícia e também o fim da longa subida de mais de 12 quilômetros. **Após Laguna de Castilla, penetramos na Galícia e nos deparamos com o marco divisório dos dois estados, que fica no topo da montanha a 1.300 m de altitude.** Galícia é um estado muito politizado. Encontramos várias pichações pregando liberdade ao estado da Galícia. O governo da Galícia, em protesto contra o governo central, banuiu a letra “J” do seu alfabeto e a substituiu por “X”, pois a letra “J” é a mais utilizada no alfabeto da Espanha. O interessante é que não é um protesto apenas informal, ele é oficial. Nas placas das obras do governo da Galícia e tudo mais que seja responsabilidade do Estado, a letra “J” não existe. “E viva Galícia!!!”, pensei no meu amigo Vitor. A caminhada não assustou o meu corpo, já preparado por mais

de 500 quilômetros. Foi fácil. Senti muito pouca dificuldade e consegui caminhar tão bem quanto os peregrinos sem mochilas.

Reencontramos nosso amigo Peter, que ficou hospedado neste mesmo albergue. Aliás impossível hospedar-se em outro. Fonfria tem uma população fixa de 58 habitantes, que somados com as 60 vagas do albergue, atinge uma população variável de 118 habitantes. **Portanto, Fonfria, é uma das poucas cidades do mundo que quando amanhece o dia, perde a metade de sua população: os peregrinos partindo.**

Conhecemos aqui, o Marcelo, um baiano de Salvador que trabalha como hospitaleiro.

AMIGOS

29ª etapa
Fonfria/Sarria
Terça, 1º de julho de 2006
Distância a percorrer: 30 Km
Distancia já percorrida: 657,6 Km

Sáímos bem cedo e caía uma fina chuva. Pouca gente conseguiu dormir nesta noite. Dois “argentinos” estragaram a noite com seus roncoss fenomenais. Depois do episódio do Galdino e da Francesinha, Beto e eu passamos a utilizar a palavra argentino como sinônimo de roncador, desse modo fazíamos de tudo para evitar pegar um beliche ao lado de algum “argentino”.

Quase todo percurso até Sarriá era composto por trilhas e a escuridão da manhã, associada ao frio, à cerração e à chuva fina tornavam o início da caminhada muito perigoso. Apesar disso, muitos peregrinos foram aventurando-se a sair do abrigo. Sáímos logo depois de um grupo de três peregrinos e os seguíamos, fazendo deles nosso guia. **Depois de três quilômetros, surgiu uma bifurcação e o grupo que seguíamos não sabia mais que caminho tomar.** A fina chuva e a forte cerração atrasavam a chegada da claridade da manhã e as setas amarelas, pintadas em pedras e galhos, que indicam o caminho, sumiam na escuridão. Mesmo com a ajuda de pequenas lanternas tínhamos dificuldades para saber qual

caminho seguir. Acabei encontrando uma pequena seta, em uma pedra, que indicava qual trilha seguir. Gritei avisando a todos da seta que encontrei. Esperei os peregrinos chegarem e aí então, de perto, pude identificá-los: Eram três peregrinas nossas conhecidas de várias etapas, duas canadenses e uma dinamarquesa. Parei e as deixei passar indicando o caminho, com o gesto típico de quem oferece o caminho a uma dama. Elas riram pelo gesto, e passaram agradecendo a minha gentileza de deixá-las continuar à nossa frente, a nos guiar.

Elas seguiram à frente até o próximo povoado, Triacastela, a sete quilômetros. Nós as tínhamos como um ponto de luz a nos guiar, naquele trecho chuvoso, estreito e escuro. Elas tinham em nós a segurança de dois escudeiros, a escoltar três damas, por um caminho longo e perigoso.

Ao chegarmos a Triacastela, a tímida claridade da manhã apontava no horizonte. Paramos todos em um bar e retiramos nossas vestes, estilo medieval, – capas e jalecos contra a chuva e o frio. Fizemos uma grande confraternização. Tínhamos vencido a chuva, o frio e a escuridão e nos sentíamos uns, escudo dos outros. A partir daquele ponto, apesar de já termos nos encontrado várias vezes e em vários trechos e albergues, tornamo-nos não só companheiros de uma caminhada, mas cúmplices de um tempo e de um momento único, que durará o tempo exato da nossa existência.

Em Sarriá reencontramos o Galdino e conhecemos suas filhas, Priscila e Amanda. **Para quem presenciou aquele encontro, pela emoção transmitida, deve ter pensado: devem ser amigos da vida toda e não se vêem há mais de dez anos. Coisas do caminho, pois tínhamos nos conhecido, há exatos sete dias.**

Reencontramos, também, nossos amigos Pedro, Saulo e Frederica. Foi uma tarde completa.

OS MOCHILEIROS

30ª etapa
Sarria/Portomarín
Quarta, 2 de julho de 2006
Distância a percorrer: 22 Km
Distancia já percorrida: 687,6 Km

A partir de Sarriá, o caminho se transforma. **O caminho não é mais somente dos peregrinos**, é também dos turistas e dos mochileiros de final de semana. Isso ocorre por dois motivos principais.

O primeiro porque estamos apenas a 115 quilômetros de Santiago e já dentro da Galícia, onde as trilhas do caminho são mais cuidadas e suaves. Em segundo, porque a igreja de Santiago considera que todo aquele que percorre mais de 100 quilômetros é um peregrino e tem direito à Compostelana, além de ter seu nome inscrito no livro dos peregrinos.

Isso explica a quantidade enorme de peregrinos a partir deste ponto e a dificuldade dos peregrinos de longo percurso, como nós, em conseguir abrigo nos albergues. Estes até tentam, sem sucesso, minimizar esse impacto, impondo restrições aos peregrinos que estão começando o caminho e dando prioridade de acolhimento àqueles peregrinos que vêm de mais longe. A partir desse ponto do caminho, a maioria das cidades possui, além dos albergues, vários hotéis que,

apesar do preço alto, absorvem aqueles peregrinos retardatários que dificilmente encontrarão vaga em um albergue, mesmo que venham de muito longe.

O Galdino e as filhas ficaram em um hotel aqui perto.

O Pedro, Saulo e a Frederica estão em uma extensão do nosso albergue aqui em frente.

Como neste albergue não há cozinha, fomos obrigados a nos aventurar nos restaurantes.

Pouco depois do almoço, comecei a passar mal, com dor de estomago e ânsia de vômito. Tomei algo parecido com sonrisal e fiquei por ali tentando enganar minha dor. Fui deitar bem cedo, às 20 horas, “solão” quente ainda. Virei pra lá, virei pra cá e a ânsia de vômito só aumentava, até que uma hora saí correndo para o banheiro, e aliviei meu estômago, aí então, o sono chegou.

“MAD”

31ª etapa
Portomarín/Palas de Rei
Quinta, 3 de julho de 2006
Distância a percorrer: 25 Km
Distância já percorrida: 709,6 Km

Apesar do desarranjo de ontem, amanheci bem e já cedinho estávamos no caminho.

Reencontrei o “Mad”, um jovem alemão de uns dezenove anos, que vinha caminhando com o Saulo a umas cinco ou seis etapas atrás. Com isso ficamos amigos, também. Ele não falava nada em espanhol e em inglês sabia quatro palavras: I, You, No e Yes. Apesar desse “pequeno” detalhe, caminhamos vários quilômetros juntos. Criamos um código próprio, que enquanto ele falava e gesticulava, eu ia introduzindo uma das quatro palavras no meio da “conversa”, e ele fazia o mesmo quando eu falava.

O seu nome não era “Mad”. Eu o chamava assim devido à sua semelhança com o personagem “Mad”, da revista que tem esse mesmo nome. Não esqueço dos seus gestos risonhos, quando ao longe avistávamos um grupo de peregrinos, e ele já começava a fazer os gestos de ultrapassagem, pois tínhamos um ritmo bem mais forte, e em questão de minutos iríamos ultrapassá-los. **Parecíamos crianças apostando corrida de rolimã.** Por volta das 12h30, chegamos a Palas de Rei.

Encontramos o Galdino e as filhas Amanda e Priscila, que já foram visitadas pelas bolhas do Caminho. Estão hospedados em um hotel.

O Pedro, Saulo e a Frederica, estão em outro albergue, pois chegaram um pouco mais tarde e não conseguiram vaga neste.

A TURMA

32ª etapa
Palas de Rei/Arzúa
Sexta, 4 de julho de 2006
Distância a percorrer: 29 Km
Distancia já percorrida: 734,6 Km

Apesar de termos chegado cedo, não encontramos vaga no albergue. Na sua porta, aguardando a abertura, havia 70 mochilas, e sua capacidade era de 66 leitos. Fomos para um albergue privado.

No caminho, encontramos com o Pedro e sua trupe. Não os encontramos, na cidade, mas eles deveriam estar em algum albergue, pois desde a etapa anterior, o nosso plano de “vôo” é o mesmo até Santiago. Estivemos com o Galdino e suas filhas, eles estavam em outro albergue.

Mesmo tendo pago um preço muito alto para afastá-la por mais de sete dias, colocando minha masculinidade em jogo, a minha companheira de viagem voltou, e desta vez alojou-se no meu joelho direito provocando um pequeno inchaço. Eu já conhecia bem o destino daqueles que foram visitados por ela nesse ponto tão vital a um caminhante, o joelho. Muitos tiveram de dar um tempo na caminhada e parar para recuperarem-se, outros tiveram que desistir e voltar para casa. Mas agora, depois de mais de 700

quilômetros percorridos, não era hora de brincadeiras. Comprei uma pomada e uma faixa de gaze para “disfarçar”.

Na hora de dormir, massageei o joelho e o imobilizei com a faixa, para continuar o “disfarce”, e depois fiz o que deveria ser feito: dei uma dura no meu “Amigo lá de cima”.³⁴

Enquanto estava deitado esperando o sono chegar, rememorando os acontecimentos do caminho, lembrei de uma peregrina que caminhava com um companheiro, algumas etapas atrás, e que tinha se sentido mal. Encontramos os dois em um bar no vilarejo de Tardajos, em que alguns peregrinos chegavam para tomar um café. O Beto ofereceu um remédio para seu companheiro dá-la, ele aceitou, mas percebi que ficou em dúvida se dava ou não o remédio para sua companheira. Enquanto isso, chegaram outros peregrinos que os conheciam e formou-se um verdadeiro QG para definir o destino da peregrina. Acabaram chamando um táxi do vilarejo seguinte para socorrê-la. **Eu já tinha passado por isso. Mas sem táxi...**

Jussara, 1975

Acordei e observei na parede do meu quarto, a posição do raio de sol que penetrava por uma pequena fresta de uma telha quebrada.

Eram 9 horas, não mais que isso. Há mais de dois anos, desde o dia em que uma enorme manga rosa caiu sobre o telhado, deixando lá sua marca que esse raio de sol era o meu guia do tempo.

³⁴ A minha relação com Ele sempre foi muito direta e sincera e há muito já aprendi que uma boa ação vale mais que um milhão de orações. Sou tão chegado Dele que até vaga em estacionamento lotado Ele vive arrumando para mim. Por isso, eu tinha certeza de que essa “parada” a Senhora Dor não iria ganhar.

A noite anterior, um sábado – assim como quase todos os sábados da minha adolescência – mais uma vez havia invadido a madrugada do domingo. Ficamos na praça da igreja até altas horas confabulando o futuro. O passado não existia.

Eu morava na última rua da cidade em uma chácara que fazia divisa com a zona rural. Era quase toda tomada de fruteiras e banhada pelo rio Água Limpa, que, naquela época, fazia jus ao seu nome.

Tinha combinado com a turma ³⁵ que, no domingo à tarde, todos viriam tomar banho de rio.

Por volta das três da tarde já estávamos todos na beira do rio sob uma enorme sombra de um bambuzal. Éramos mais de dez: Denide, Beto, Roberto, Edi, Vilmar, Nilva, Vilma, Flora, Márcia, eu...Criamos uma brincadeira para ver quem conseguia pular um obstáculo mais alto: duas pessoas seguravam uma vara de bambu, a uma determinada altura, e os demais tentariam pular essa vara.

*Na medida em que íamos pulando, a altura da vara ia se elevando, criando cada vez mais dificuldade e eliminando aqueles mais “fracos” no pulo. Em uma dessas tentativas, ao pular, desequilibrei e caí de ponta cabeça. Tentei levantar e senti uma enorme dor em cima do ombro direito com alguma coisa espetando minha pele de dentro pra fora. **A minha clavícula havia quebrado***

³⁵ A nossa turma, naquela época, já era a chamada segunda geração da turma. A primeira geração foi composta pelo Aderson, Cleomar, Itamar, Ediberto, Célio e Vilmar. Esses dois últimos, Célio e Vilmar, fizeram a transição da velha para a nova turma por volta de 1972. O Vilmar, que tinha pai rico, foi quem catequizou toda a nova turma com seu gravador Evadin e as fitas cassete – que trazia de Goiânia, do Pink Floyd, Led Zeppelin, Yes, Slade, Rolling Stones, The Who e outros. Por volta de 1980, quase todos já tinham deixado o ninho e partido prá vida. Porém, hoje, mais de 20 anos depois, ainda nos reunimos religiosamente, todos os anos, no mês de novembro, é o chamado Encontro dos Amigos.

Os amigos, todos adolescentes, entraram em polvorosa. Eu também estava em pânico. Sabia das dificuldades financeiras de minha família e nem eu nem meus pais tinham INPS ³⁶ e naquele longínquo interior do ano de 1975, não tendo dinheiro e nem INPS só me sobraria uma opção: procurar o seu Merquides benzedor. Porém, o meu caso não era de olho gordo, espinhela caída, mau olhado nem de verrugas nos dedos, que eram as especialidades de seu Merquides. O meu caso era de osso quebrado. O que fazer?

Depois de muitas confabulações entre toda a turma e a conclusão de que não tínhamos dinheiro e nem meios de procurar um hospital e pagar uma consulta, a Márcia falou:

– O meu primo, Zé Humberto, trabalha como enfermeiro no hospital e hoje ele está de plantão, vamos até lá mostrar pra ele. Às vezes, não quebrou nada, é só passar uma faixa.

– Como não quebrou! Olha a ponta do osso quase furando a pele do ombro – contestou a Nilva, enquanto meu gemido aumentava.

– O Zé Humberto é meu amigo, vamos lá – falou o Denide.

– É seu amigo, mas não é o dono do hospital, ele é só enfermeiro, não pode fazer nada – falou o Vilmar.

– Não custa nada ele dar uma olhadinha – disse o Edi.

– Tudo bem vamos lá ver, melhor do que a gente ficar aqui discutindo – sugeriu o Beto.

Saímos naquela procissão, eu na frente e toda a turma atrás me escoltando, rumo ao hospital que ficava no outro extremo da cidade.

³⁶ Nessa época os hospitais públicos só atendiam quem fosse contribuinte do INPS.

Enquanto isso, o Denide arrumou uma bicicleta e saiu na frente para falar com o Zé Humberto e preparar o terreno. Por onde passávamos, as pessoas perguntavam o que tinha ocorrido e a notícia ia se espalhando feito farinha ao vento. A molecada do caminho ia se juntando à nossa procissão rumo ao hospital.

– Tá doendo, tá?

– Como é que foi, heim?

– Olha a ponta do osso, vixe!

– Seu braço tá cheio de areia...

– Você é filho de Chico Felix?

– Tá indo para o Hospital?

– Isso aí vai ter que operar!

– Hoje é domingo, não tem doutor no hospital – era a molecada se manifestando, com suas perguntas e opiniões, durante a caminhada até o hospital.

Antes de chegarmos ao hospital, avistei o Denide voltando na bicicleta.

– Tá combinado com Zé Humberto, ele vai dar uma olhada, mas temos que entrar pelos fundos do Hospital – falou o Denide.

Paramos no fundo do hospital: a turma, uma ruma de moleques e eu. Enquanto isso, a Márcia e o Denide foram avisar o “Dr. Enfermeiro”, Zé Humberto, que o seu paciente havia chegado.

Logo o Denide fez sinal para eu entrar, não sem antes barrar – a pedido do Zé Humberto – a procissão inteira que também queria entrar.

Adentrei o hospital guiado pelo Denide. Lá estava o Zé Humberto em uma sala já me esperando.

Fez pose de Doutor, tossiu, e iniciou seu exame: olhou bem de perto pela frente do ombro, olhou por trás, apalpou daqui, apalpou dali e depois diagnosticou:

– Parece que quebrou muito.

– Como quebrou muito? – indagou o Denide.

– Parece que quebrou em mais de um lugar. Só tirando uma radiografia pra saber.

– Então vamos tirar – falou o Denide.

– Pra tirar, tem que entrar pela porta da frente, fazer ficha e pagar – disse o Zé Humberto.

– Tira fiado? – perguntou o Denide, sem nem perguntar o preço.

– Claro que não! Custa 140,00 Cruzeros ³⁷ – respondeu ele.

– Então tira pelo INPS – retrucou o Denide.

– E Você tem INPS? – perguntou pra mim.

– Eu não, mas o Beto tem. Ele trabalha – respondi.

– É isso, tira em nome do Beto!! – disse o Denide, eufórico como se tivesse encontrado a solução.

– Você tá doido? Isso dá cadeia!! – falou o Zé Humberto.

Depois de tantos “nãos”, qualquer um desistiria, mas Valdenides Cordeiro dos Santos, vulgo Denide, meu escudeiro nessa e em outras jornadas,

³⁷ Cerca de 70 reais hoje.

não era qualquer um ³⁸. *Depois de uns vinte minutos eu já estava na sala da radiografia. O Denide o tinha convencido a tirar a radiografia de graça, sem que ninguém do hospital viesse a saber. Para tanto, passamos por uns atalhos nos corredores do hospital e saímos na sala de Raio X onde estava tudo escuro. O Zé Humberto acendeu a luz, fechou a porta e preparou para tirar a radiografia, enquanto o Denide vigiava a porta. Foi tão rápido quanto tirar uma fotografia.*

Enquanto ele revelava, aguardamos. Depois de uns 10 minutos com a radiografia na mão, ele deu o veredicto:

– Trabalho aqui há mais de ano, eu nunca vi uma clavícula quebrada assim.

Mostrou o local quebrado em dois lugares e um pedaço de osso solto entre os dois pontos quebrados.

– Aqui ninguém dá jeito. Só em Goiânia – sentenciou “Dr. Zé Humberto”.

– Como ninguém dá jeito? – indaguei.

– Tem que operar, veja isso, tem um pedaço de osso solto – enquanto falava, mostrava na radiografia.

– Só em Goiânia? – indagou Denide.

– Sim, só em Goiânia, e olha lá! – respondeu ele.

– Então vamos pra Goiânia! – falou o Denide, enquanto já me empurrava sala afora.

³⁸ Ele morreu em setembro de 1990. Éramos amigos de infância e tenho no meu coração a exata tradução da sua alma em uma única lembrança: Madrugada de um sete de setembro. Uma afável chuva caía sobre a cidade de Jussara. Depois de uma galinhada, subíamos correndo a rua 11 rumo a praça. Todos só de cuecas, braços abertos para captar melhor cada gota daquela leve chuva e cada pulsar daquele fino vento. Em fila indiana corríamos todos. A frente, ele, meu amigo Denide, cantando a todos os pulmões “blowin’ in the Wind” de Bob Dylan. Essa lembrança não tem preço. Inesquecível!

Do lado de fora do hospital estava toda a turma e ainda um bocado de moleques. O Denide deu a notícia:

– Aqui não tem conserto, só em Goiânia – toda a turma ficou pálida. E agora??

Já eram mais de 17 horas. Carona para Goiânia era quase impossível naquela hora e o último ônibus partia às 18h30, tínhamos que decidir rápido. Depois de muitas confabulações, o QG ³⁹ da turma decidiu: o Beto, que já trabalhava, ofereceu a sua carteira do INPS e eu me passaria por ele em Goiânia;

*O Denide seria meu acompanhante até Goiânia; O Vilmar, que morava em Goiânia, iria também, para nos hospedar na sua casa. **Todos fizeram uma vaquinha e conseguimos o dinheiro das passagens de ida.***

Jussara fica a 230 quilômetros de Goiânia. A rota do ônibus era pela cidade de Goiás Velho, que fica a 90 quilômetros em estrada de terra, e de lá até Goiânia são mais 140 quilômetros asfaltados, mas esburacados.

Às 18h30 estávamos embarcados. A viagem é de seis horas devido às paradas em todas as cidades do caminho e às péssimas condições da estrada.

– Qual seu nome?

– Adalberto... aí!.. Alves de Araújo.

– Nome do seu pai?

– ...aí!... Onofre Alves...aí!!... de Araújo.

– Nome da sua mãe?

– ai!...ai!...ai!

³⁹ QG: QuartelGeneral – os líderes da Turma.

- Nome de sua mãe?
- Conceição...ai!.. Barbosa de Araújo.
- Data de nascimento?
- Sete ...ai!..de junho de...ai!.. 1957.
- Muito bom!!

*Era o Denide me tomando a lição para eu me passar pelo Beto em Goiânia, e eu respondendo as perguntas com um “ai” para cada bacada que o ônibus dava. Eu não conseguia encontrar uma posição. Ora sentava, ora levantava, ora escorava e em qualquer posição as bacadas pareciam só aumentar, e a minha dor também. **Pra piorar, o Denide de meia em meia hora me tomando a lição até eu decorar a vida do Beto.***

Chegamos a Goiânia a 1h30 da manhã. Descemos na antiga rodoviária, ao lado do lago das rosas – hoje corpo de Bombeiros – e caminhamos até o Hospital de Acidentados. Mas, antes, o Denide repassou toda a lição e avisou: não gagueja não porque se eles descobrem que você não é o Beto, nós vamos todos presos.

- Qual seu nome?
- Adalberto Alves de Araújo.
- Nome do seu pai?
- Onofre Alves de Araújo.
- Nome da sua mãe?
- ai!
- Nome da sua mãe??
- Conceição Barbosa de Araújo!
- Data de nascimento?
- Se..te de...

- Não gagueja!!
- ... junho de 1957.
- ...ai!

Chegamos ao hospital e fui atendido por um médico residente que estava de plantão. Ele que preencheu “minha ficha”. Respondi todas as perguntas que mesmo intercaladas pelos “ais” do meu cansaço e de minha dor, ficou de bom tamanho. Pegou minha radiografia e disse que eu teria que voltar durante o dia para os médicos me examinarem, pois se fosse coisa simples, só pra engessar, ele fazia. Porém, o meu caso não era simples. Ele iria só me enfaixar, sem gesso e eu deveria voltar de manhã, às 8 horas. Eram 2h30 da manhã.

Saímos do hospital e seguimos a pé para a casa do Vilmar – não tínhamos dinheiro para o táxi – que morava no Setor Coimbra. Apesar do andar torto causado pela dor ao caminhar, finalmente chegamos. O portão estava trancado. Ficamos um tempão chamando a mãe dele, pois o portão era distante do quarto onde ela dormia e ele não havia avisado nada sobre sua vinda.

Com a ajuda do Denide, ele conseguiu pular o muro e bater na porta. A Dona Ilda, mãe do Vilmar, era também mãe de todos os amigos dos filhos. Tinha mudado de Jussara para Goiânia há pouco tempo a fim de acompanhar o estudo dos filhos, e, desde então, ali era o porto seguro de toda a turma ⁴⁰que transitava entre o interior e o sonho de estudar na capital.

⁴⁰ Além de mim, faziam parte da turma: Beto, Nilva, Célio, Vilma, Denide, Flora, Edi, Roberto, Jussara, Wilson e Carlos Mora, Maria Edna, Silvio Trivela, Dalva, Curica, Helena, Gilmar, Dinaedes, Tião Paca, Cláudia, Tião Vieira, Vilson, Dairson, e os filhos de Dona Ilda: Cleomar, Vilmar, Cleúni e Deusim.

Acolheu-nos como uma mãe acolhe seus filhos: com carinho, amor, pão e cobertor. Eram 4 horas da manhã quando dei o primeiro cochilo sentado na cama, inclinado, com as costas sobre uns travesseiros. Eu não conseguia deitar.

Às 7 horas levantamos, o Denide e eu, e fomos caminhando até o hospital.

Somente às 10 horas o médico chamou.

– Adalberto Alves Araújo!

– É você!... – me cutucou o Denide e já me auxiliando rumo ao consultório.

O médico pegou minha radiografia, colocou naquele quadro de luz e pôs-se a observá-la.

Depois disse que iria tirar mais duas radiografias para pode definir melhor o que fazer. Fui acompanhado por um enfermeiro até a sala de Raio X, onde fiz as radiografias e ele pediu que eu aguardasse lá fora.

Depois de uns 30 minutos, o médico me chamou novamente

– Olha, essa clavícula sua para ficar normal, teríamos que fazer uma cirurgia para emendar esse osso solto. Porém, podemos engessá-la de um modo diferente e por mais tempo, de modo que, quando ela colar, ficará um pouco estufada para fora, e só...

E então, vamos engessar??

– Ufa!! – suspirei aliviado. Trocar uma cirurgia por uma clavícula só um pouco estufadinha era um negócio da China... para mim e para o INPS do Beto.

Fiquei 60 dias engessado pelas costas, com o braço direito imobilizado em uma posição acima do ombro e o esquerdo levemente livre.

O GRITO

33ª etapa

Arzúa/Monte do Gozo

Sábado, 5 de julho de 2006

Distância a percorrer: 36 Km

Distancia já percorrida: 763,6 Km

O Joelho amanheceu muito bem. O meu Amigo lá de cima fez a sua parte. E como já disse, essa ajudazinha dele, não passa de um favorzinho de nada, se comparado com as vezes em que Ele me carregou no colo.

Esta foi a penúltima etapa do caminho e também uma das mais duras. **Eram 36 quilômetros a percorrer**, e com certeza o sol nos seguirá queimando por um longo período. Depois de tanta estrada percorrida, já aprendi que morros, montanhas, pedras ou trilhas escuras não são os piores inimigos. O pior inimigo é o sol, que está lá no alto, a nos retirar energia. Depois de muito tempo caminhando no sol e com o peso da mochila a fustigar o meu ombro, sinto-me como um bagaço de cana, depois de ter sido moído umas três vezes.

Como sabíamos da dureza do sol, às 6h15 já estávamos no caminho. A trupe do Pedro não veio até Arzúa, dormiram na cidade anterior. Essa etapa seria ainda mais dolorosa para eles que teriam que andar 40 quilômetros até Monte Gozo.

Pouco depois de Salceda, a 12 quilômetros da partida, encontrei meu amigo Vitor, descansando debaixo de uma vasta

sombra. Ele já estava terminando a sua ceia e, então, seguimos juntos. Vitor era de Minas Gerais, da pequena cidade de Tiradentes, embora há mais de dez anos morasse em Belo Horizonte. Falei pra ele sobre a experiência gratificante que eu estava tendo na estrada, depois que passei a “catalogar” as flores do caminho. **Estava sempre lúcido a observá-las tentando descobrir uma flor nova, ou diferente, ou quem sabe aquela flor sumida a várias etapas.** Porém, por mais que conversássemos, ele sempre vinha com aquela conversa de democracia, liberdade, igualdade e direito. Sugeriu-me a leitura do livro de Ihering, *A Luta pelo Direito*. Respondi-lhe que Ihering era meu velho conhecido, ele, então, deu um leve sorriso, como a dizer: “Ah! Ainda bem que estou semeando minhas sementes em solo fértil”.

Estávamos chegando a Pedrouzo, e ele ia pernoitar por ali, somente no dia seguinte partiria rumo a Santiago para seu último percurso. Uma pequena rua à direita indicava a entrada para Pedrouzo. Despedimo-nos ali, porém, antes, ele parou, retirou de dentro da sua mochila um velho diário. Abriu-o e, do seu interior, retirou uma folha dobrada e amarelada pelo tempo e me entregou.

– O que é isto? – perguntei.

– É um grito...

– Um grito?... – indaguei novamente, já abrindo a folha.

– Um grito! – respondeu ele, com um sorriso nos olhos e já caminhando rumo ao seu descanso. Eis o seu grito:

*Tu sabes,
conheces melhor do que eu
a velha história.*

*Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor do nosso jardim.
E não dizemos nada.*

*Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores, matam nosso cão,
e não dizemos nada.*

*Até que um dia, o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz e, conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.*

*Nos dias que correm
Mal sabe a criança dizer mãe
e a propaganda lhe destrói a consciência.*

*Me pedem que aguarde
até a Democracia aparecer
no balcão das nossas vidas.
Mas não tenho a eternidade
a me esperar.*

*Mas eu sei
que ela tem uma espada
a lhe espetar as costelas
e o riso que nos mostra
é o riso do enforcado.*

*Vamos ao campo
e não os vemos ao nosso lado,
no plantio.*

*Mas no tempo da colheita lá estão,
e acabam por nos roubar até o último grão de trigo.*

*Em seus discursos
nos iludem e plantam
sementes podres no fértil solo
dos nossos corações,
que mesmo regadas,
com baldes de esperança,
apodrecem junto com nossos sonhos.*

*Dizem-nos que é preciso
defender nossos lares,
mas há muito não temos lares.*

*Se nós rebelarmos
Ninguém perceberá
pois a sociedade
hiberna feito urso polar.*

*Os chamados cidadãos de bem,
também dormem bem
e deixam como herança
para os seus: posses.*

*A espada da justiça dorme
no colo da nossa geração,
enquanto a balança
usa dois pesos e duas medidas.*

*Um tempo haverá em que
a liberdade, a dignidade, o respeito
valerá mais que o ter...*

*Oxalá a omissão não roube também
esse tempo dos nossos bisnetos,
Pois o tempo dos nossos filhos
e netos há muito já pertence
ao silêncio...*

*Enquanto isso, brinco de ong
procurando, num sorriso,
esconder minha dor.*

*Mas dentro de mim,
com a potência
de um milhão de vozes,
o coração grita...*

Acorda Brasil !!!⁴¹

⁴¹ Baseado no poema "No caminho, com Maiakovski", de Eduardo Alves da Costa, 1970.

Chegamos a Monte de Gozo por volta das 16 horas. .
O Pedro, Saulo e Frederica chegaram por volta das 17 horas.
O Galdino e as filhas chegaram por volta das 18 horas
bastante cansados.

Santiago está apenas a 4 quilômetros e meio.

O SEQÜESTRO

34ª etapa
Monte do Gozo/Santiago
Domingo, 6 de julho de 2006
Distância a percorrer: 4,4 Km
Distancia já percorrida: 799,6 Km

Beto, eu, Pedro, Saulo, Frederica, Galdino, Priscila e Amanda, planejamos, detalhadamente, cada passo do dia seguinte. Era o dia “D”, o grande dia. Planejamos levantar por volta das 5h30 de modo que, no máximo, até às 7 horas saíssemos de Monte de Gozo e, em uma caminhada tranqüila, em uma hora estaríamos lá. Ou seja, às 8 horas estaríamos em Santiago. Até as 9 horas daríamos entrada na Compostelana e iríamos para o albergue tomar banho e trocar de roupa, para assistir a missa dos peregrinos, ao meio-dia, limpinhos e cheirosos. Depois da missa iríamos almoçar, e comemorar com bastante vinho. **Plano perfeito. Só esquecemos um detalhe: não passamos a cópia para o Senhor Destino.**

Só conseguimos sair de Monte de Gozo depois das 8 horas. O pessoal do Pedro dormiu um pouco mais e como tínhamos combinado de sairmos todos juntos, acabamos por esperá-los. A Priscila, filha do Galdino, devido à dura caminhada de 36 quilômetros do dia anterior, estava com o joelho inchado e caminhava com certa dificuldade.

Isso atrasou ainda mais nossa chegada. Às 10h30 estávamos dentro da Oficina do Peregrino, em Santiago de Compostela, pegando o último carimbo em nossa Credencial del Peregrino e habilitando-nos a receber a Compostelana, o diploma do caminho com seu nome escrito em Latim.

Entramos para assistir a Missa do Peregrino, a especial de domingo, com botafumeiro e tudo. O padre cita todos os peregrinos que chegaram a Santiago naquele dia: dizendo de qual país vieram e de onde iniciaram a caminhada. Ele faz a introdução do início da citação dos nomes dizendo:

“Chegaram hoje a Santiago”:

– Três brasileiros vindos de Saint Jean Pied de Port – éramos o Beto, o Pedro e eu; um brasileiro vindo de Roncesvalles – era o Saulo, e desse modo ele prosseguia citando todos os peregrinos que chegaram a Santiago.

Após a missa, Beto, eu, Pedro, Saulo, Frederica e o Marcelo encontramos um panfleto de uma churrascaria brasileira. A excitação foi geral. Saímos vagando pela cidade com o panfleto na mão e buscando informação de como chegar lá. Depois de uma meia hora de andanças e informações desencontradas o cansaço de alguns já estava vencendo o sonho do churrasco. Porém, a vontade do Pedro e a minha era muito maior que o nosso cansaço, e com isso saímos à frente coletando informações e farejando, feito cães de caça, a bendita churrascaria brasileira.

Finalmente a encontramos e comemoramos como um gol do Brasil em final de copa do mundo. Mal acabei de vibrar, e minha consciência já me espetava com uma interrogação: Por que você não vibrou assim quando adentrou a igreja de Santiago?

A pergunta ainda estava sendo processada na minha cabeça quando o diabinho da gula veio em meu socorro: Porque não se pode gritar, pular e dançar dentro de uma igreja! – Pimba! é verdade, **o que eu queria mesmo era ter adentrado aquela igreja de Santiago correndo de braços abertos, vibrando, pulando, dançando e gritando a plenos pulmões: “Obrigado ‘Cara’, Te devo mais essa!!”**

Por volta das 15h30, saímos da churrascaria. O diabinho da gula estava com um sorriso de orelha a orelha. Fomos procurar um local para dormir. No albergue da igreja com mais de 500 vagas não havia mais vaga. Nos albergues particulares, também não havia vaga. A única opção que estava sobrando era voltar para Monte de Gozo de ônibus, dormir lá e depois cada um seguiria seu destino. Mas essa era também, a opção mais rejeitada por todos. Depois de muitas discussões sobre que rumo tomar, e de muito peregrinar por portas de albergues e pensões, às 21 horas, através dos contatos do nosso amigo “Dom Saulo”,⁴² conseguimos nos alojar em uma residência de aluguel. O Marcelo – um amigo brasileiro que tínhamos encontrado no caminho, junto com a trupe do Pedro – já estava alojado em um albergue, pois tinha chegado um dia antes, e o Galdino mais as meninas estavam em um hotel. Sobraram Beto, Pedro, Saulo, Frederica⁴³ e eu.

⁴² Nosso amigo Saulo era o mentor de todas as programações da Trupe Brasil. Ele sempre conseguia arrumar as coisas. Em sua volta sempre havia um peregrino tentando extrair um pouco da sua bondade, eu era um deles.

⁴³ Frederica é uma jovem italiana, psicóloga infantil, muito bonita, simpática e, acima de tudo, companheira. Estava caminhando com a Trupe Brasil há várias etapas e o Pedro a vinha azarando há mais de 300 quilômetros

Havia dois quartos no local que encontramos e resolvemos dar a última chance ao Pedro e a Frederica: o Saulo, Beto e eu entramos na frente e escolhemos todos o mesmo quarto, desse modo sobrou o outro quarto para o Pedro e a Frederica e nem precisamos “insistir” muito para que eles aceitassem. A última cartada estava lançada.

Depois de nos alojarmos, saímos todos à procura de um barzinho para, finalmente, alimentarmos nossas almas com bastante vinho.

Sentamo-nos em um barzinho com mesas espalhadas pelas calçadas. **Quando estávamos achando que a festa ia começar, depois de apenas três garrafas de vinho, o garçom começou a recolher as cadeiras.** Era pouco mais de meia-noite. A Frederica saiu para ir ao toalete e nós descuidamos um pouco, quando vimos o garçom já tinha “seqüestrado” a cadeira dela. Protestamos em vão, ele simplesmente continuava a recolher as cadeiras de quem ousasse ir ao toalete.

Escolhemos o Pedro – que é poliglota – para ser o nosso porta-voz na negociação do resgate da cadeira da Frederica. Já embalado por algumas taças de vinho seu poder de negociação tornou-se coisa de profissional. Depois de uma longa “negociação”, sem que eles cedessem, o Pedro partiu para o ataque e ameaçou sair sem pagar a conta. Os gringos amoleceram na hora. Aí então, ele aproveitou e exigiu no pacote da negociação mais uma garrafa de vinho, servida na mesa e com a Frederica sentadinha. Eles aceitaram, porém com uma exigência: O dinheiro do resgate tinha de ser pago adiantado

e no local indicado por eles: a boca do caixa. Fizemos uma vaquinha entre os envolvidos no episódio e depositamos o dinheiro no local indicado.

Cinco minutos depois a cadeira da Frederica foi libertada do cativo juntamente com uma garrafa de vinho.

Esse foi o vinho mais saboroso do Caminho.

No dia seguinte cada um tinha seu destino: o Beto e eu iríamos até Fistera, de ônibus, apenas para conhecer; o Saulo e a Frederica iriam continuar a caminhada até Fistera, a pé; o Pedro, provavelmente iria para a França, ou, quem sabe, para a Itália, ia depender dessa noite com a última chance dada pelo destino e empurrada por nós.

O Saulo levantou bem cedo e foi assistir a missa das 7 horas na Catedral, a Frederica foi junto. O Beto e eu levantamos por volta das 8 horas e, antes de partimos, fomos saber do Pedro o resultado da **“Última chance do destino”**:

– Lutei a noite inteira, até às quatro da manhã, mas ficamos no zero a zero – disse ele com seu costumeiro sorriso, porém um pouco amarelado.

O nosso ônibus para Fistera partia às 9 horas e não tivemos tempo de “apurar” essa história com o rigor necessário.

Chegamos a Fistera por volta das 11 horas. Fistera significa o “fim da terra”. Os antigos acreditavam que ali a terra terminava, pois era o ponto mais ocidental conhecido na época. Na pedreira que adentra o mar eles diziam que existia uma enorme âncora que segurava toda a terra e não a deixava ser arrastada para os abismos dos oceanos.

Hoje existe um farol marcando esse ponto, chamado Farol do fim do mundo.

Depois de “medir todas as ruas” de Fisterra, pegamos o ônibus de volta para Santiago. De dentro do ônibus, ainda na cidade, avistei ao longe, através da janela, a silhueta de um peregrino que parecia ser o meu amigo alemão, “Mad”. Logo em seguida o ônibus parou para dar passagem a uma carreta. Com os olhos acompanhei os seus passos, sobre a calçada, vindo em nossa direção. Era ele. De dentro do ônibus, tentei abrir os vidros. Porém estavam lacrados devido o ar condicionado. Não consegui. Enquanto isso ele se aproximava. Bati forte no vidro tentando chamar sua atenção. Ele não me viu. Passou a menos de meio metro da minha vidraça. O ônibus começou a se movimentar e enquanto minha visão permitiu, eu o acompanhei, não só com os olhos, mas também com o coração. **Queria muito ter lhe dado um último abraço.**

Às 19 horas chegamos a Santiago e, para nossa surpresa, quando estávamos nos dirigindo à rodoviária, para pegar o ônibus para Madri, encontramos o Pedro passeando com a Frederica pelas ruas de Santiago. Ele nos falou que o Saulo tinha partido sozinho, nesta manhã, a pé, para Fisterra e a Frederica disse que talvez fosse a pé para Fisterra no dia seguinte. Quanto a ele, Pedro, estava na dúvida se iria, e quando iria, para França ou Itália. Mais uma vez nos despedimos, e dessa vez o seu sorriso não estava amarelado como o sorriso daquela manhã. Mais uma vez comprovo aqui a tese de que a ilusão é o melhor ópio pra alma, porque se não tornar-se realidade, já terá valido, e muito, a ilusão vivida como se realidade fosse.

Partimos para Madri e de lá de volta ao Brasil.

O Caminho tinha acabado. Tínhamos realizado o sonho. As manhãs dos dias seguintes foram diferentes. Não havia caminho a seguir, **mas havia mais vida nas minhas veias, uma grande saudade do futuro** e a certeza de que, para ser feliz, basta ser sincero e desejar profundo.

Veja!

*Não diga que a canção está perdida
Tenha em fé em Deus, tenha fé na vida
Tente outra vez...*

Beba!

*Pois a água viva ainda está na fonte
Você tem dois pés para cruzar a ponte
Nada acabou, não não não não*

Tente!

*Levante sua mão sedenta e recomece a andar
Não pense que a cabeça agüenta se você parar,
Há uma voz que canta, uma voz que dança, uma voz
que gira bailando no ar*

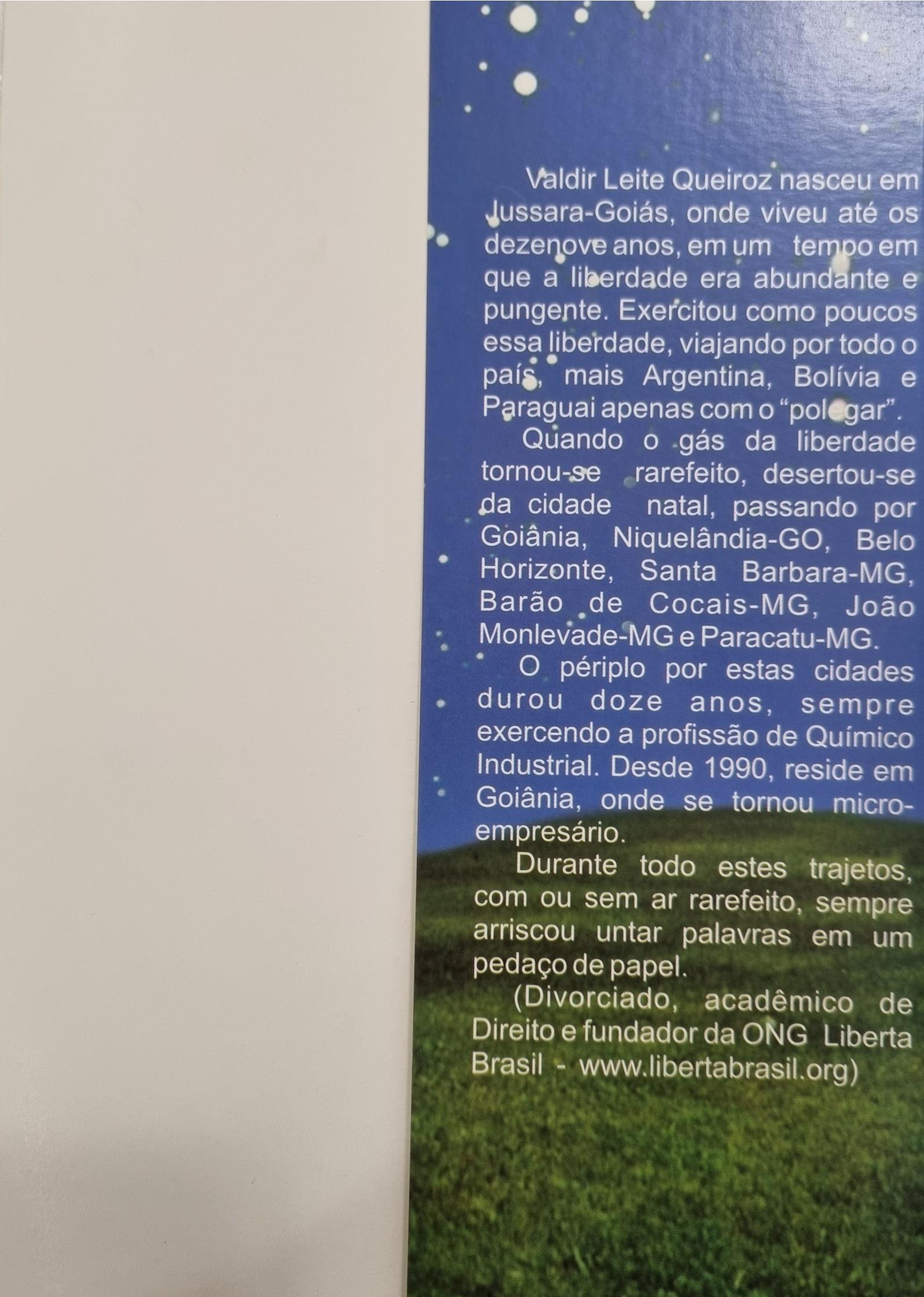
Queira!

*Basta ser sincero e desejar profundo
Você será capaz de sacudir o mundo, vai
Tente outra vez*

Tente!
E não diga que a vitória está perdida
Se é de batalhas que se vive a vida
*Tente outra vez.*⁴

Goiânia/GO, Abril/2007

⁴⁴ Música de Raul Seixas. "Tente outra vez".



Valdir Leite Queiroz nasceu em Jussara-Goiás, onde viveu até os dezenove anos, em um tempo em que a liberdade era abundante e pungente. Exercitou como poucos essa liberdade, viajando por todo o país, mais Argentina, Bolívia e Paraguai apenas com o "polegar".

Quando o gás da liberdade tornou-se rarefeito, desertou-se da cidade natal, passando por Goiânia, Niquelândia-GO, Belo Horizonte, Santa Barbara-MG, Barão de Cocais-MG, João Monlevade-MG e Paracatu-MG.

O périplo por estas cidades durou doze anos, sempre exercendo a profissão de Químico Industrial. Desde 1990, reside em Goiânia, onde se tornou micro-empresário.

Durante todo estes trajetos, com ou sem ar rarefeito, sempre arriscou untar palavras em um pedaço de papel.

(Divorciado, acadêmico de Direito e fundador da ONG Liberta Brasil - www.libertabrasil.org)

“...’Essa era a hora’, pensei comigo. Adentrei pela porta da sala e fui em direção ao quarto, que ficava à minha direita. Como por instinto parei na porta, já com o coração disparado. Vasculhei, com o olhar, todo o ambiente do quarto. Dona Ana tinha ido buscar a roupa no rio. Mas e se Deus estivesse vigiando o seu livro? Ele tudo vê! E se era coisa de Deus, melhor eu não mexer! Durante alguns eternos segundos o medo de Deus travou uma dura batalha com minha curiosidade de menino. O menino venceu.

Com as pernas trêmulas e o suor descendo pela minha face, levantei a ponta do colchão. Neste exato momento um trovão ecoou no céu...”

Fragmento de Cheiro de Livro p. 41.

ISBN978-85-907094-0-4



9 788590 709404